



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE - PPGCOM

NAYARA LOPES BOTELHO

TERRITÓRIOS DA MEMÓRIA:
CORPO, COMUNICAÇÃO E PERFORMANCE EM ROMANA DE NATIVIDADE - TO



Palmas (TO)
2019

NAYARA LOPES BOTELHO

**TERRITÓRIOS DA MEMÓRIA:
CORPO, COMUNICAÇÃO E PERFORMANCE EM ROMANA DE NATIVIDADE - TO**



Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade como requisito à obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Sociedade.

Orientador: Dr. André Demarchi

Palmas (TO)

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

B748t Botelho, Nayara Lopes.
Territórios da memória: Corpo, comunicação e performance em
Romana de Natividade - TO . / Nayara Lopes Botelho. – Palmas, TO,
2019.
226 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-
Graduação (Mestrado) em Comunicação e Sociedade, 2019.
Orientador: André Demarchi

1. Corporeidade. 2. Performance. 3. Comunicação. 4. Memória. I.
Título

CDD 302.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FOLHA DE APROVAÇÃO

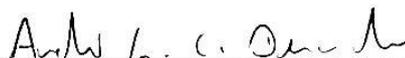
NAYARA LOPES BOTELHO

**"OS TERRITÓRIOS DA MEMÓRIA: Corpo, comunicação e performance em
Romana de Natividade - TO"**

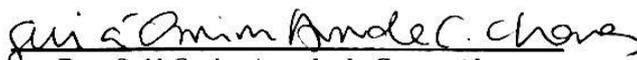
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 27/05/2019

Banca Examinadora:



Dr. André Luis Campanha Demarchi
Universidade Federal do Tocantins
Orientador



Dra. Suiá Omim Arruda de Castro Alves
Universidade Federal do Tocantins- Porto Nacional
Primeira avaliadora



Dra. Amanda Mauricio Pereira Leite
Universidade Federal do Tocantins
Segunda avaliadora

O sol se converterá em trevas,
e a lua em sangue, antes que venha o
grande e terrível dia do Senhor.

(Bíblia Sagrada, NVI, Atos 2:20)

AGRADECIMENTOS

Agradeço **em primeiro lugar a Deus**, na pessoa de seu filho **Jesus**. Aquele que sempre provê e sustenta minha vida, dando-me condições para sempre lutar e conquistar lugares que outrora permaneciam apenas no campo do desejo e da imaginação. E você, Senhor que, sempre possibilita que meus sonhos existam e se concretize. A Ti todo louvor e glória!

A **toda minha família**, Elza, Naylane e Moacir que me motivaram a ir atrás desse sonho e sempre que puderam, me ajudaram nos momentos conflituosos e de dificuldade. Em especial a **Dona Elza**, mulher que me inspira e é alvo de minha mais singela admiração, você é o principal motor que me faz acreditar na força e bravura feminina, meu norte sempre que necessito pesquisar. Amo vocês!

A **Dona Romana** que me recebeu como filha a quem necessitava de cuidados e atenção, obrigada por ter me dado a felicidade de te conhecer e produzir sobre ti, obrigada por ter me dado teto, comida e atenção durante todas minhas visitas. Agradeço também o cuidado e paciência da Tia Vanda, Danilo e Maria. Obrigada por tudo!

Agradecida também aos **Três Curadores** que me permitiram vivenciar alguns dos mistérios do Fundamento, se não fosse sua permissão eu não teria conseguido acessar Dona Romana.

A **todos que me foi possível chegar** antes, durante e depois dessa estrada repleta de serras e curvas. Aqueles que me incentivaram e ajudaram a iniciar a jornada (Pablo, José Carlos, Paulo Reis, Denise, Junior), aqueles que durante o processo, me deram as mãos, sorrimos e compartilhamos vivências tão boas (Sonielson, Amanda, Laís, Cid, Elvio, Edna, Tiago Ferreira) e, aqueles que, depois, na reta final, sorriram e compartilharam de minha alegria. A todos vocês e tantos outros que não citei aqui, sintam-se abraçados. Muito obrigada amigos!

Ao meu orientador, **Dr. André Demarchi**, que desde o início esteve junto, apoiando, sendo parceiro, compartilhando de dificuldades, orientando nesse caminho que até então, era novo para mim, que aceitou uma aluna inexperiente e teimosa, que comprou brigas e defendeu meus interesses. Agradecida por tudo!

A **CAPES**, que no momento certo me possibilitou ser bolsista, me mantendo por mais de 1 ano financeiramente. Desejo-lhe vida longa e força para lutar contra o atual desgoverno que não acredita na importância da educação e ciência.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade**, nas pessoas de meus professores que, me ajudaram, instruíram, destinou verba para minhas viagens a campo e me possibilitou esse título tão querido e sonhado. Um grande abraço. **A todo o sistema da educação pública** (creche, fundamental 1 e 2, ensino médio, técnico e universitário) que foi feita para aqueles que são desacreditados devido sua condição financeira; que aceita a todos independente de sua origem, dificuldades e necessidades; que realiza sonhos; que luta para fazer todo o possível e o melhor mesmo sucateada, desonrada, desprezada, segue educando e possibilitando mudança de vida a todos que nela acreditam.

Por último e não menos importante, quero agradecer e cobrir de honra **todos os meus professores** que desde a alfabetização compartilharam de minha vida, afinal, a escola é a nossa segunda casa. Diante do cenário atual onde os professores recebem a culpa e desordem social, quero aqui lembrar de todos vocês, que compartilharam seus saberes, que aguentaram todas as burocracias e dificuldades dentro da sala de aula, mas seguiram na regência, fazendo-se respeitar. A educação acontece por você! Acreditem, vocês são muito importantes e amados. Grande abraço e beijo. Amo vocês!

BOTELHO, Nayara Lopes. **Territórios Da Memória:** Corpo, comunicação e performance em Romana de Natividade - TO. 2019. 226f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019.

RESUMO

Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa de dois anos sobre os elementos constituintes da corporeidade e comunicação de Dona Romana de Natividade – TO, fazendo-se uso da etnografia e da cartografia como principal metodologia de pesquisa. O trabalho tem como objetivo geral investigar a formação corporal, performativa e os elementos cosmológicos construídos e comunicados por Romana de Natividade. Para tal, participei majoritariamente das festas e rituais que aconteceram nos anos de 2017 e 2018 no Centro Bom Jesus de Nazaré e entrevistei Dona Romana assim como pessoas de sua comunidade e outros pesquisadores. Foi possível apreender que Dona Romana é por excelência uma bricouler, personagem que agrega em si vários elementos para compor sua cosmologia e espiritualidade. Defendo a ideia de que dona Romana deve ser compreendida como uma xamã do cerrado, pois sua cosmologia pode ser compreendida segundo o princípio da quimera, agregando em si vários componentes diferentes, aparentemente contraditórios, mas que em sua composição se tornam complementares. Dessa forma, Romana estabelece estágios de comunicação com seres e objetos tangíveis e intangíveis. Este estudo de caso ressalta a memória e a mitopoética desta mulher que tornou-se uma referência no Estado do Tocantins devido a sua arte, comunidade, espiritualidade, corpo e profecias de um futuro que já está se estabelecendo.

Palavras-chaves: Corporeidade. Performatividade. Comunicação. Romana de Natividade. Território.

BOTELHO, Nayara Lopes. **Territories of Memory: Body, communication and performance in Romana of Natividade - TO.** 2019. 226f. Master's Dissertation (Postgraduate Program in Communication and Society), Federal University of Tocantins, Palmas, 2019.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a two - year research on the constituent elements of corporeality and communication of Dona Romana de Natividade - TO. Making use of ethnography and Cartography as the main research methodology. The work has as general objective to investigate the corporal formation, performative and the cosmological elements constructed and communicated by Romana de Natividade. This research took place mainly in the festivals and rituals that took place in 2017 and 2018 in Bom Jesus de Nazaré, interviewing Dona Romana as well as people from her community and other researchers. It was possible to perceive that Dona Romana is par excellence a bricoleur, character that adds in itself several elements to compose its cosmology and spirituality. Romana follows the principle of the chimera that says that the individual joins in several components without causing conflict to him that allows him to create his own image, in this way, Romana establishes stages of communication that go from beings and tangible objects as intangibles. This case study highlights the memory and mythopoetics of this woman, who became a reference in the State of Tocantins due to her art, community, spirituality, body and prophecies of a future that is already being established.

Key-words: Corporeity. Performativity. Communication. Romana de Natividade. Territory.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Centro Bom Jesus de Nazaré	35
Figura 2 - Cartaz: Documentário "Romana" de Helen Lopes	49
Figura 3 – Fotografia por satélite de todo o Fundamento. Saída de Natividade para Dianópolis.....	53
Figura 4 - Castelo de Montemord – O velho (Portugal).....	55
Figura 5 - Portal de acesso ao castelo medieval em Alsácia, na França.....	56
Figura 6 – Portais de Romana	57
Figura 7 - Croquí do Sítio de Romana.....	64
Figura 8 - Esculturas chamadas de “peças” por Dona Romana e suas garrafas de água.....	65
Figura 9 - Croquí Casa de Dona Romana.....	66
Figura 10 - Sala do Altares e Bacia de Cimento.....	67
Figura 11–Fotografia das pinturas feitas nas paredes da sala.....	68
Figura 12 – Fotografia das Escritas na parede e cravados nas peças	69
Figura 13 - Fotos das pinturas existentes nas paredes da Casa	70
Figura 14 - Croquí da area do Galpão	72
Figura 15 - Fotografia do Menino Jesus em frente a um dos pequenos altares.....	73
Figura 16 – Fotografia dos Detalhes dos altares pequenos	73
Figura 17 – Fotografia “Inscrições no Círculo de Regristro”	75
Figura 18 - Fotografia do Portal e Salas do Galpão	78
Figura 19 - Fotografia da Estante de cimento que guarda os cadernos dos médiuns	80
Figura 20 – Fotografia dos Desenhos	82
Figura 21 - Fotografia do Momento de Defumação	87
Figura 22 - Fotografia de um médium confeccionando uma roupa	101
Figura 23 - Médiuns em momentos de reza	102
Figura 24 - Dona Romana com uma de suas roupas	103
Figura 25 - A Reza	104
Figura 26 - Sala de oração cheia de pessoas em dia festivo	105
Figura 27 - Representação gráfica do diagrama Espíritos, Natureza, Médiuns, Humanos	108
Figura 28– Filho dos três curadores tomando passe.....	121
Figura 29 – Mesa preparada para os testes ao pé da mesa na Semana Santa	123
Figura 30– Trabalhos durante a Semana Santa	124
Figura 31 - Elementos ofertados duaranta a Semana Santa	125

Figura 32–Peças cirurgicas expostas durante a Semana Santa2.....	126
Figura 33 – Preparações ao canto da parede e no chão durante a Semana Santa 3.....	127
Figura 34–Recebimento de passe de Dona Romana e outros médiuns	128
Figura 35–Cumprimento a Bandeira do Divino	131
Figura 36 – Esquema do olho grande	133
Figura 37 - Preparação ao pé do altar da sala de orações	135
Figura 38 – Procissão na Semana Santa	141
Figura 39 – Procissão chegando na Casa onde se finaliza.	142
Figura 40 - Cerimônia da Semana Santa 2	144
Figura 41 – Distribuição de papelzinhos por Dona Romana.....	146
Figura 42–O trabalho da cozinha do Divino para o Sábado de Aleluia	150
Figura 43–Íncio do jantar de Sábado de Aleluia	151
Figura 44 – Café da manhã no dia da saída da folia.....	154
Figura 45 – Foliões em cantoria	156
Figura 46–Chegada da Folia.....	159
Figura 47 – Resquícios da Festa de São João.....	161
Figura 48–Decoração das peças de pedra para a Festa de São João.....	162
Figura 49 - Fotografia do local onde foi queimada a fogueira	164
Figura 50 - Símbolo do Divino Espírito Santo – detalhes	166
Figura 51 - Preparação da chegada da folia do Divino	169
Figura 52 - globo depois de ser assentado no quintal.....	169
Figura 53–Preparação para a Festa e Folia de São Cosme e Damião	171
Figura 54–Cozinha do Divino	173
Figura 55–Decoração do portal de entrada para a festa de Cosme e Damião	174
Figura 56–Presentes para crianças.....	177
Figura 57–Pedido de Cosme e Damião	178
Figura 58–Chegada da Folia de Cosme e Damião	180
Figura 59 – Saudação da bandeira na frente da Anfitriã	181
Figura 60–Final da procissão de Cosme e Damião no Centro	182
Figura 61 – Jantar de Cosme e Damião.....	184
Figura 62–Inicio do ritual	186
Figura 63 – Momentos de preparação dos médiuns para incorporação	188
Figura 64–A mesa de frutas solicitada pelos curadores para distribuir à comunidade	191

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
PERCURSO METODOLÓGICO	21
O caminho das pedras.....	25
1 QUEM É ROMANA DE NATIVIDADE?	27
1.1 Romana na ciência	31
1.2 Romana nos Jornais	40
1.3 Romana no cinema.....	47
1.4 A perspectiva das pessoas sobre Romana	544
1.5 O gênero feminino	60
2 O CORPO-CASA DE ROMANA	633
2.1 Os trabalhos de risco.....	799
2.2 Corpo e corporeidade.....	888
2.3 A Casa como pessoa	9191
2.4 As memórias de Romana	94
2.5 O cotidiano da casa	100100
2.6 Corpo e sociedades tradicionais.....	11010
2.7 Casa-Corpo-Cosmo	11212
3 CALENDÁRIO RITUAL DO CENTRO BOM JESUS DE NAZARÉ	11414
3.1 Romana, uma xamã no Cerrado	116
3.2 As preparações	1199
3.3 Semana Santa - 26 a 29 de março de 2018	12222
3.4 Sexta feira da paixão - 30 de março.....	14040
3.5 Sábado de aleluia - 31 de março.....	14646
3.6 Saída da Folia - 1º de abril.....	15252
3.7 Chegada da Folia - 15 de abril	15757
3.8 Festa de São João - 23 de junho de 2018	16161
3.9 Festa e Folia de São Cosme e Damião - 27 de setembro de 2018.....	17070
3.10 Entrega - 27 de dezembro de 2018	19090
3.11 A mesa - 1º de janeiro de 2019	19090
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19393
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19595
ANEXOS	19898
Anexo 01.....	19898
Anexo 2	199
Anexo 03.....	204
Anexo 4	207
Anexo 05.....	208
Anexo 06.....	209

Anexo 07	210
Anexo 08	212
Anexo 09	214
Anexo 10	218
Anexo 11	219
Anexo 12	220
Anexo 13 – Terço Sertanejo e Ladainha	223

INTRODUÇÃO

Ninguém pode construir seu conhecimento sobre uma rocha de certeza.
A minha pesquisa [...] parte, não da terra firme, mas do solo que desmorona.
Edgar Morin

A pesquisa que aqui se inicia é o esforço de conciliar áreas que aparentemente não se correlacionam: O Teatro e a Comunicação. Tornou-se possível com a orientação de meu professor, que é antropológico, e sempre esteve aberto e disponível a essa aluna inexperiente e ingênua com o ofício de cientista social. Sair de uma área que você domina para se aventurar em outra que você sempre se interessou, mas não conhecia a fundo, foi uma das minhas maiores dificuldades nesta etapa de minha vida acadêmica, pois tive que buscar ser aquilo que não era para atender às exigências das Ciências Sociais Humanas, caminho que hoje posso dizer, norteará de agora em diante minhas buscas por conhecimento.

Desde quando era uma estudante de Artes Cênicas, sempre fui fascinada com a capacidade de adaptação, significação e criação que o corpo humano possui. Dessa forma, quando sai de minha graduação, meu sonho era adentrar em estudos mais aprofundados acerca de corpo e corporeidade. Acabou que meu sonho se concretizou quando passei na seleção do programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade, conquista que me deixou deveras feliz, devido ao fato de ter uma crença de que como sempre fui aluna de escola pública, não estaria à altura para pleitear igualmente com outras pessoas, que sempre me pareceram mais capacitadas.

Ainda bem que o sistema educacional passou por mudanças significativas que possibilitaram o acesso e a permanência de estudantes nos mais diversos níveis de estudo. Infelizmente estamos passando por um momento triste e depressivo, onde a educação pública que sempre foi duramente criticada, agora se encontra ameaçada. Mas a fé que me move me fez, como ato de rebeldia, prosseguir neste caminho da pesquisa de mestrado para reafirmar que a educação é para todos, e que a universidade pública é do povo.

Confesso que não foram fáceis esses dois anos de mestrado, pois inicialmente sem nenhuma estrutura, sempre tive que conciliar trabalho com estudos e com viagens de campo que sempre foram feitas de moto e o cansaço abateu, mas consegui vencer todas as etapas. Graças a Deus, na maioria das vezes o programa me auxiliou com os gastos. Felizmente depois de mais de um ano cursando o mestrado, consegui ter acesso à bolsa, que a mim e a tantos outros pesquisadores neste Brasil é um marco, pois nos garante permanecermos até o fim, e que também, neste momento passa por cortes, colocando em vulnerabilidade tantos

sonhos pelo diploma de mestre e doutor.

Dentro de todo esse cenário que não me permite esconder por estar constantemente indignada com o crescimento da ignorância e brutalidade neste meu país, posso dizer que, com grande orgulho, lhe apresento caro (a) leitor(a), essa escrita que é resultado de minhas análises sobre uma mulher fantástica que tive o privilégio de conhecer e me aproximar, e como filha, fui acolhida e mantida durante todas as vezes que fui a campo na sua casa. Dona Romana e sua comunidade me deram cama, comida, reza; teto e muita atenção durante minhas andanças a sua cidade, Natividade, muito conhecida por ser um dos patrimônios histórico do Tocantins.

Assim escolhi fazer esta investigação com essa mulher que sempre me gerou perguntas e que depois que conheci me mostrou que eu não conseguiria compreendê-la totalmente durante esse curto tempo. Romana é uma mulher complexa e simples ao mesmo tempo, o que me possibilitou unir neste estudo o que eu mais gosto, corpo, mulheres, filosofia e antropologia, sempre trazendo para o viés da comunicação. Desta forma, o principal objetivo desse texto é investigar a formação corporal, performativa e os elementos cosmológicos construídos e comunicados por Romana de Natividade.

Com isso, tenho como objetivos específicos: a) Compreender como se dá a identidade cultural da região e seu potencial simbólico e como isso interfere no corpo e discurso de Romana; b) Analisar por meio do depoimento de Dona Romana a memória existente da região, assim como sua cosmologia e seu sentimento de pertencimento ao Tocantins, inquirindo o papel que seu corpo e figura realiza na sociedade; c) Analisar em termos ontológicos a afetividade desta personagem social com suas raízes culturais e comunidades de pertencimento; d) Documentar a performatividade existente, avaliando seu fluxo e personagens; e) Averiguar como o corpo de Romana atua como mecanismo de comunicação para as novas gerações.

Romana Pereira da Silva é uma mulher nativitana, oriunda da zona rural, vinda de família descendente de pessoas escravizadas em Natividade no período colonial. Romana passou por vários momentos de sua vida, se casou – primeiro casamento cheio de agressões e violência, advindo seus 6 filhos, o segundo casamento se deu depois de ter iniciado sua missão, o que acabou em divórcio devido a própria missão de Romana e seu estilo de vida-, foi comerciante – onde começou a ter sonhos e visões com destruição do mundo -, depois foi trabalhar em uma fazenda, Bizaria. Ali nessa fazenda, teve uma grande enfermidade que não sabe dizer ao certo qual, durante e depois dessa enfermidade seus dons mediúnicos começaram a ser aprimorados, pois entrou em contato com entidades que a chamaram para a missão de

“carregar pedras”.

Essas entidades se chamam Três Curadores, espíritos que ela acha que são antigos, desde a fundação da Terra. Os Três Curadores incumbiram Romana de uma grande tarefa, reestabelecer o eixo da Terra que está desalinhado, para isso, ela deveria construir o último Fundamento da Terra, uma espécie de grampeação que vai desde a superfície do solo até sua mais profunda camada. Esse grampeamento não deixará que a Terra vire totalmente no Grande Dia, neste dia, a Terra passará por uma grande transformação, onde a configuração que conhecemos agora não mais existirá, pois, a Terra irá voltar a um estado de pangeia, a Terra ficará muito maior do que hoje é, mas infelizmente muitas pessoas morrerão durante esse tempo de transformação.

O Grande Dia também será o dia em que Jesus voltará à Terra, assim como o eixo do planeta voltará a ser reto e não mais inclinado. Dessa forma, ela estabelece uma grande relação com o estado do Tocantins, pois é na Serra de Natividade, que fica bem em frente a sua casa, que repousa o eixo do planeta Terra. Sua casa, o Centro Bom Jesus de Nazaré, será um lugar para onde as pessoas correrão para se abrigar e se manter durante esse período de mudanças cósmicas, geográficas e espirituais. Por isso, ela tem se preparado durante anos recolhendo e armazenando roupas, calçados, água, comida, sementes para plantar – pois durante esse tempo, tudo secará e acabará -, livros, armas e demais outros elementos que os Três Curadores a orientam.

Dona Romana de Natividade é uma mulher espirituosa, inteligente e amável, que me deu um choque cultural e espiritual diante de tudo aquilo que eu acredito, o que me fez refletir sobre muitos aspectos de minha vida. Passei por diversas experiências, experiências essas que vão desde a dimensão espiritual até a dimensão científica, que no caso, no campo social, assim, me impactaram imensamente, sendo essenciais para o desenvolvimento deste trabalho que se deu no Centro Bom Jesus de Nazaré, que é ao mesmo tempo seu sítio – suas terras herdadas de seu pai -, seu lugar sagrado e sua residência.

Desde o início elenquei duas hipóteses acerca de Dona Romana. A primeira hipótese é a de que Dona Romana construiu uma cosmologia própria que se materializa em relações construídas por ela com quatro tipos de sujeitos: os espíritos, cujos maiores representantes são os Três Curadores; a natureza; os médiuns e as pessoas que visitam sua casa, os não médiuns. A segunda hipótese é a seguinte: Dona Romana por meio de suas memórias e práticas religiosas concebeu uma performatividade, esta, que se dá por meio de suas práticas cotidianas e rituais. Se enquadrando dessa forma, no território de sua subjetividade, assim como, no território coletivo da sociedade que a circunda. De modo inicial, vamos entender

agora como se deu o trilhar desse caminho de dois anos para a realização de nossa investigação.

Deixo aqui justificado caro leitor que, no corpo deste texto há inúmeros registros fotográficos que ilustram e demonstram o tempo inteiro a complexidade de Dona Romana, algumas fotografias não possuem uma excelente qualidade (algumas estão escuras, outras foram tiradas em um ângulo não muito favorável), isso é devido as dificuldades encontradas durante o momento da foto. Durante as festas, as fotos foram algo de grande dificuldade principalmente diante o grande número de pessoas que se encontravam dentro do recinto, o que muitas vezes me impossibilitada ate mesmo de levantar os braços para registrar fotograficamente. Portanto, o pulso, o exato momento em que eu me preparava para fotografar, sempre me foi algo ousado ou dificultoso, pois muitas vezes eu tirava fotos em momentos não muito convencionais para a comunidade, isso para deixar registrado suas práticas ritualistas e cotidiana.

PERCURSO METODOLÓGICO

[...] penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

(Retalhos de Cora Coralina)

Esta pesquisa percorre os caminhos não sequenciais da abordagem qualitativa de pesquisa, “[...] que é mais orientada para a exploração e descoberta do que é novo.” (FLICK, p. 63). A pesquisa qualitativa possui uma natureza básica (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 34) devido ao interesse de buscar conhecimentos novos, assim não está presa a quaisquer aplicabilidades previstas.

Entende-se por pesquisa qualitativa “os estudos [...] que têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural.” (GODOY, 1995, p. 6). Por isso, a base preliminar desta é compreender como se dá as relações sociais e culturais que delimitam e classificam os fenômenos comunicacionais que estão imersos no corpo da mulher escolhida, afinal “os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes.” (GODOY, 1995, p. 7).

Desse modo, houve um intenso e contínuo contato da pesquisadora com os participantes da pesquisa, onde seu objetivo foi adentrar a teia de significados pessoais que regem o mundo do Centro Bom Jesus de Nazaré, deste modo, buscando-se conhecer e analisar sua cosmologia.

Usamos a cartografia como metodologia de pesquisa para atender uma necessidade específica desta investigação, visto que, não envolve apenas descobrir as bases elementares da cosmologia de Romana, mas como também, descrever, compreender e traduzir para você leitor, o que a ela é particular, o que nem sempre é fácil de entender.

Cartografia, conjunto de estudos da Geografia, aqui será um dos métodos como a pesquisa irá percorrer o caminho da investigação. A cartografia trouxe para si o desafio de acompanhar processos de investigação (PEREIRA, 2014), assim ela não busca um resultado mais sim todo o itinerário à pesquisa. Em outras palavras, o processo de investigação é mais importante do que os resultados que poderemos obter.

A cartografia entende que, durante todo o processo o “estar em movimento” (COSTA, 2014) é necessário, ou seja, eu, como pesquisadora estive afetando e sendo afetada na mesma

medida. Pois as relações que foram estabelecidas entre mim, Dona Romana, os médiuns do Centro e as obras fazem parte dos territórios que foram investigados.

O pesquisador-cartógrafo não sabe, de antemão, o que irá lhe atravessar, quais serão os encontros que irá ter e no que estes mesmos encontros poderão acarretar. O cartógrafo, de certa forma, é um amante dos acasos, ele está disponível aos acasos que o seu campo lhe oferece, aos encontros imprevisíveis que se farão no decorrer do caminho (COSTA, 2014, p. 70 e 71).

Cada território, independente dos principais aspectos aqui analisados – subjetivo, estético, desejante e social -, gera portância¹, aquilo que após um encontro nós levamos conosco. É um encontro de corpos que acabam por se envolver devido a um encontro. Importa ressaltar que, o elemento fundamental da cartografia é o encontro, aquilo que após experienciado lhe gera um atravessamento, este, é uma afetação que lhe incomoda e gera reflexões. Ou seja, não passa despercebido.

Na força dos encontros gerados, nas dobras produzidas na medida em que habita e percorre os territórios, é que sua pesquisa ganha corpo. O corpo, aliás, é uma importante imagem no exercício de uma cartografia, corpo que nos remete ao corpo do pesquisador e ao corpo dos encontros estabelecidos. (COSTA, 2014, p. 67)

Como é impossível falar de Romana de Natividade e não ser afetada, por meio da cartografia, illustrei, em parceria com meu grande amigo artista plástico, Pablo Marquinho, alguns momentos deste texto, com o fim específico de auxiliar no entendimento do leitor, é de suma importância criar visualidades diante de tudo aquilo que foi necessário na tradução de sua cosmologia. Pois, “[...] o cartógrafo é um criador de realidade. ” (COSTA, 2014, p. 70) Todas as visualidades serão e darão passagem à compreensão de Romana de Natividade.

O grande instrumento de razão de uma cartografia é o corpo. [...] corpo físico do pesquisador e no corpo que cria com as coisas que encontra. Dizer que uma cartografia é uma prática corporal nos parece algo interessante. Trata-se de uma autoria do corpo, de traçados do corpo no encontro com o mundo, de trajetos corpo/autorais (COSTA, 2014, p. 74).

Assim como Dona Romana, que constrói materialidades com a imaterialidade que lhe é possível acessar, eu e Pablo, traçamos corpos afetivos com tudo aquilo que o contato e a pesquisa me proporcionou entender e criar.

As cartografias têm como ponto de partida, para suas construções, territórios

¹ Fazer porte. Estar contigo. Usar.

afetivos que são importantes e afetam cada pessoa, e que se deseja, naquele momento de construção, cartografar. É uma proposta aberta para qualquer pessoa que se sentir provocada e desejar participar. (PEREIRA, 2014, p. 111)

Devido às necessidades que apareceram no percurso desta jornada uma pesquisa documental sobre as produções existentes sobre Romana acabou se dando. O tipo de material que essa pesquisa deu atenção são as de primeira mão – jornais, filmes, relatos -, (GIL, 2008, p. 51), aqueles que não receberam ainda um tratamento mais analítico. Não se descartando também os de segunda mão – textos e publicações -, os documentos que de alguma forma já passaram por uma análise.

No mais, a pesquisa se realizou em forma de etnografia, o que permitiu a plena aproximação e apreensão de forma detalhada da cosmologia de Dona Romana, assim como atendeu de modo geral a exigência desta investigação. Por meio da minha vivência pessoal com os participantes da pesquisa e sua rede de convivência durante visitas a sua casa de modo frequente, me foi possível conviver e participar de tudo o que foi realizado observando e dialogando com sua rotina diária.

Estive presente na maioria das festas e acontecimentos do Centro Bom Jesus de Nazaré, 18 dias, sendo que foi na Semana Santa que estive mais imersa devido à sucessão de dias que estive em campo, 7 dias. Sempre entrevistando – de modo, não estruturado -, registrando por meio de fotos e gravações pelo celular, sendo assim, sempre passando primeiro pela Dona Romana, pois nem tudo tive permissão para fotografar, como é o caso dos trabalhos de risco que sempre ficam na sala do arquivo e os momentos dos trabalhos de incorporação.

Assim, todos os meus registros passavam pelo crivo de Romana e vigilância de seus médiuns que sempre me alertavam nos momentos que eu deveria guardar o celular. Eram nesses momentos que meu caderno abria. Como a etnografia é entendida como o principal método das Ciências Sociais que seu foco é descrever a cultura e comportamento de um determinado povo, foi necessário construir toda uma relação não só com Dona Romana, mas com toda a comunidade, este contato foi essencial para que eu compreendesse seus códigos comportamentais e rituais, assim como suas expressões.

Com Dona Romana, minha relação acabou por se estabelecer em buscar suas experiências, normalmente ela não gosta de explicar certas coisas como o que de fato são as coisas que ela vê e faz, ou simplesmente a função de suas obras e ações, quando questionada, ela sempre dizia “Ué, e eu lá sei!? Não sei e nem vou perguntar!” sempre seguido de risos ao final.

Com isso, eu sempre que a escutava, anotava em meu caderno de campo minhas dúvidas e termos não compreensíveis, em seguida, ia até os médiuns como Danilo, Vanda, Maria e outros que me foi possível ter amizade para que eles me explicassem o que de fato era. Os médiuns de Romana possuem experiências similares devido à missão que eles dizem que tem no Centro. Era nesses momentos que eu conseguia tirar grandes explicações, outras vezes era nesses momentos que Dona Romana se achegava novamente e ali começava outras narrativas importantíssimas.

É enorme a diferença entre o relacionar-se esporadicamente com os nativos e estar efetivamente em contato com eles. Que significa estar em contato? Para o etnógrafo significa que sua vida na aldeia, no começo uma estranha aventura por vezes desagradável, por vezes interessantíssima, logo assume um caráter natural em plena harmonia com o ambiente que o rodeia (MALINOWSKI, 1978, p. 21).

Assim, o método etnográfico é em sumo conviver para poder entender seus modos de vida e quais os significados que eles atribuem ao que envolve sua vida. Importa, portanto, mencionar que tal estudo seguirá o programa de descrição densa criado por Clifford Geertz, sendo esse muito aplicado nas pesquisas atualmente.

[...] a forma com que o autor se manifesta no texto, a maneira como constrói seu discurso, formula suas ideias e os recursos linguísticos que ele utiliza como o vocabulário, a retórica, os tipos de argumentos etc. exprimem essa identidade textual e dão indícios de sua sensibilidade e história de vida (TALAMONI, 2014, p. 61).

Desta feita, a etnografia foi todo o processo de escrita e interpretação que esta investigação se utilizou para poder assim traçar relações com os autores que compõem esse trabalho.

O objetivo fundamental da pesquisa etnográfica de campo é, portanto, estabelecer o contorno firme e claro da constituição tribal e delinear as leis e os padrões de todos os fenômenos culturais, isolando-os de fatos irrelevantes. É necessário, em primeiro lugar, descobrir-se o esquema básico da vida tribal. Este objetivo exige que se apresente, antes de mais nada, um levantamento geral de todos os fenômenos, e não um mero inventário das coisas singulares e sensacionais. [...] O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros. Deve, ao mesmo tempo, perscrutar a cultura nativanatotalidade de seus aspectos. (MALINOWSKI, 1978, p. 24)

Eu, diante de toda descrição sobre esse método que Malinowski (1978) figurou etnografei meu convívio no Centro Bom Jesus de Nazaré por meio da observação participante, aquela onde o pesquisar não só está em contato com a comunidade investigada,

mas também participa de todas as práticas e rotinas ali existentes. Essa que, “[...] só é possível através da convivência diária, da capacidade de entender o que está sendo dito e de participar das conversas e acontecimentos da vida da aldeia” (MALINOWSKI, 1978, p. XIII).

Igualmente, na mesma medida em que etnógrafei também executei a pesquisa de campo, onde procurei “[...] muito mais o aprofundamento das questões propostas” (GIL, 2008, p. 57), ou seja, estive em contato, ou simplesmente estava em interação com os componentes da pesquisa.

O método cartográfico tem como desafio acompanhar processos, lança mão de regras e protocolos para dar importância à prática na experimentação de dispositivos, na experiência de ir a campo. A cartografia como método de acompanhamento do percurso e de um campo sensível é produtora de poéticas e subjetividades (PEREIRA, 2014, p. 108).

E por meio desse contato etnográfico, fui a campo, assim sendo afetada e produzindo por meio de uma cartografia afetiva (PEREIRA, 2014) conceitos e visualidades sobre Romana. Faço uso também do instrumento de pesquisa entrevista não estruturada, que é aquela onde não haverá nenhum roteiro ou planejamento prévio, todas as indagações se dão no momento. Como foi nos momentos que sentadas à mesa da sala central, eu e Romana conversamos várias vezes, chegando depois os outros médiuns para ouvir e assim aprender, pois todo o processo de ensino e aprendizagem do Centro se dá dessa forma, vindo e repetindo (mímese e performance), escutando e entendendo.

O caminho das pedras

Esta dissertação foi dividida em quatro capítulos, que foram subdivididos em tópicos para facilitar o entendimento do leitor acerca de eventos importantes e específicos. O primeiro capítulo se intitula “Quem é Romana de Natividade”, este se propõe a fazer um apanhado do que já foi produzido acerca de Dona Romana. É dividido em Romana na ciência, onde se encontra as principais ideias de autores que trataram de Romana em produções científicas como Rosa (2015), Bodnar e Araújo (2013), Acampora (2015), Reis (2008) e Tesseroli (2017). Em seguida, vem Romana nos jornais, onde foi possível pesquisar no acervo online do Portal Stylo, Jornal do Tocantins e O Jornal em um tempo dos 7 últimos anos, encontrando 12 matérias que sempre trataram Romana em segundo plano. Depois Romana no cinema, onde por meio de entrevistas e pesquisas, consegui identificar 3 filmes sobre Dona Romana, sendo estas produções mais fidedignas ao que de fato é Romana de Natividade. E por fim,

Romana nas pessoas, onde eu descrevi minhas percepções acerca da reação das pessoas quando falava de minha pesquisa, a até previsões e futuro do Mundo na visão de Romana.

O segundo capítulo é “A Casa-corpo de Romana”, onde descrevi a Casa como uma entidade, uma pessoa que necessita de cuidados e possui vontades e preferências. Baseada em Waterson (2013) e Eliade (2010), a Casa de Dona Romana é uma pessoa e ao mesmo tempo é um ponto de ligação entre corpo-casa-cosmos. Foi dividido em sete subtópicos, Os trabalhos de risco, A Casa como pessoa, As memórias de Romana, O cotidiano da casa, Corpo e sociedades tradicionais, Casa-Corpo-Cosmo.

O terceiro capítulo é Calendário Sagrado do Centro Bom Jesus de Nazaré, este que pontua as festividades e rituais que a comunidade de Romana realiza todos os anos, estas ocorrem por meio de um modo próprio que o distingue das demais festas da região. Dividido em 6 subtópicos que narram minha vivência nas preparações de início de ano, na Semana Santa – festa mais importante do Centro -, Sexta-feira da paixão, Sábado de aleluia, saída da Folia do Divino, chegada da Folia do Divino, Festa de São João, Festa de Folia de São Cosme e Damião, a Entrega de final de ano e A mesa preparada no início do ano.

E por fim, chegaremos à conclusão, esta que faz um apanhado do objetivo e hipóteses que foram inicialmente traçadas como alvos primordiais desta investigação. Após as referências bibliográficas que pontua as fontes e autores que me auxiliaram a pensar Dona Romana, você leitor poderá ter acesso na parte de anexos às matérias de jornais que me foi possível encontrar assim como outras informações.

Retomo agora ao poema de Cora Coralina que está no início deste tópico, pois esta pesquisa, assim como a própria Romana de Natividade, é um conjunto de vários pedaços que juntos se teve como principal objetivo entender a cosmologia desta mulher, que sendo bricoler, não tenho outra saída, se não também o ser, ou tentar ser, para que deste modo, seja possível atender às demandas de interpretação necessária que, com apenas um método científico não seria possível.

Por fim, essa pesquisa traçou as relações comunicacionais entre corpo e comunicação, assim, analisando e inquerindo os estudos em território, memória, identidade e performatividade de modo específico de Dona Romana e sua comunidade, permitindo assim, se ter a ideia de que a identidade cultural do Tocantins não é algo totalmente abrangente, mas também repleto de identidades menores que o compõe e o significam.

Agora depois dessa pequena explanação, comecemos a percorrer o caminho das pedras, das pedras cangas, as pedras de Romana Pereira da Silva, as pedras da vida invisível.

1 QUEM É ROMANA DE NATIVIDADE?

“Quando foi dia 24 de dezembro ia ter uma formatura num colégio em frente a minha venda. Se eu tivesse condições, era o dia de eu fazer muito dinheiro. Porque nessa época não tinha quem vendesse um cafezinho, não tinha quem vendesse um churrasco, não tinha quem vendesse nada na cidade, só tinha o meu. Aí aquilo, eu fiquei por ali pensando, levantei, fiz meu café, tomei. Quando eu acabei de tomar o café foi que eu dei fé que o meu fogo tava bom, que era uma asma assim que eu num tinha fogo pra nada, mas eu dei fé que o fogo tava bom. Aí, levantei ligeiro assuntei, nada, num tava sentindo nada. E eu corri praqui e pracolá, arrumei tudo, matei frango, fiz muito bolo, quando foi a noite eu tava do jeito que eu queria. Aí começou a festa e eu comecei, pau, vendendo, vendendo. Nessa época eu fiz 5 mil cruzeiros, dinheiro estrondoso, eu tava com um lote encostado na minha venda, eu querendo comprar o lote que custava 70 cruzeiros mas eu não tinha condições. Pra mim que tinha feito 5 mil, então dava pra comprar o lote, construir a casa, fazer tudo, não era? Aí eu peguei, naquela alegria, aquele dinheiro, pensei muita coisa, deitei. Mas aquilo foi questão de segundos, segundos. Eu vi a Terra se jogando água pra cima e quebrando tudo, quebrando cidade, quebrando serras, matando gente, matando bicho, acabando com tudo, tudo. E eu no que eu do fé eu tava de pé em cima de um pau nadando por cima daquelas águas que tava se jogando ali no chão. Os bichos morrendo, tudo quebrando e eu em pé olhando. Nisso o pau que eu tava em cima dele virou de frente pra cá. No que virou eu vi duas luas novas, mas lua grandona assim. Aquilo foi me assustando, minha Nossa Senhora, aí eu fiquei apavorada. Isso não foi um sonho. O que é isso? E aquilo eu tremia e aquilo eu... e eu sozinha. Aí eu lembrei, digo é que eu to tirando do povo e eu vou morrer e vou pro inferno. Aí eu levantei, fiz uma oração ao Bom Jesus de Nazaré, que toda vida pra mim é o santo da minha devoção, pedi a ele que se ele visse que aquela venda tava dando prejuízo a minha alma, que ele que me deu ele tomasse conta e me desse uma maneira de viver. E se ele visse que eu tava certa, então ele tinha me dado, me ajudasse. Não foi nada não, as coisas voltaram pra trás com tudo, com 6 meses eu tava quase pedindo esmola. Mas só que daí em diante eu via tudo, eu escutava onde a pessoa falasse coisa que era pra eu escutar, eu escutava tudo, eu ouvia tudo.” (REIS, 2008, p. 23 e 24).

Romana, mulher negra, descendente direta de negros escravizados da região nordeste do Tocantins, nasceu na cidade histórica de Natividade em 22 de fevereiro de 1942, hoje tem 77 anos, e é a filha mais velha de Marcolino e Luzia: casal nativitano muito conhecido pelas pessoas mais velhas de Natividade. A foto envelhecida de seus pais sempre fica no canto direito de sua penteadeira, é uma de suas maiores relíquias, assim como as chaves e fechaduras das portas de sua Casa e galpão, todas feitas pelas mãos habilidosas de seu pai quando ainda se mudou para sua primeira casa, para formar família com seu primeiro marido.

Casada, sua vida não foi fácil, como sempre viveu na zona rural de Natividade, desde criança, quando casada não foi diferente, em 1958 se casou com um homem violento que lhe agredia até que certo dia acabou sumindo, ela com seus filhos se viravam como pôde para sobreviver. Marcolino, seu pai, sempre esteve presente na criação de seus netos. Visto que, a sua região “era muito atrasada”, como ela mesma me disse diversas vezes, fazia de tudo para vender para poder tirar o sustento, fazia lenha, bolos, café e coisas para comer. Assim acabou

abrindo um pequeno negócio, dentro da cidade.

Foi em um dos dias mais bem sucedidos de seu negócio que teve sua primeira visão, em 1972 ou 1973, coisa da qual ela não se lembra muito bem, mas que apavorada e com muito medo, pediu então, a Deus direção, assim perdendo seu negócio e passando a ouvir, de fato, vozes. Em 1976, se mudou para a Fazenda Bizaria, fazenda que fica mais de 70 km de Natividade, nela Romana iniciou mediunidade. Todo seu processo de desenvolvimento e formação se deu sozinha, acompanhada apenas de seus espíritos mentores, os Três Curadores, aquele que são gigantes e cuja voz parece um trovão de tão alta e forte.

Na Bizaria, começou a ajudar pessoas com garrafadas medicinais e passes e a formar novos médiuns, dessa forma, sem saber, começou a firmar um novo tipo de corrente espiritual, de linha branca. Até hoje ela mesma não sabe que nome tem sua linha, os Três Curadores lhe disseram que essa linha receberá um nome apenas quando a Terra passar pela transformação de seu eixo e energia, assim como essa linha lhe é exclusiva, ninguém terá algo parecido. Romana diz que a única coisa que sabe é que sua linha de trabalho é mais voltada às crianças, pois elas são o futuro.

Depois de ficar cerca de cinco anos nessa fazenda, seus guias a mandaram voltar a Jacuba, terra de seu pai, onde o mesmo repartiu entre todos os irmãos e ela ganhou seu pedaço de chão. Lá, ela construiu dezenas de estátuas de pedra canga como forma de ilustrar o mundo invisível que têm acesso e firmar seu Fundamento, passou a fazer muitas outras coisas – que veremos no decorrer desse trabalho -, o que acabou por chamar mais ainda a atenção de todos para seu modo de vida.

Seu nome passou a, de fato, atrair curiosos quando começou a falar das coisas que via, o que as pessoas chamam de profecias. Romana diz que, o planeta Terra passará por uma grande transformação, que é necessária a toda a vida do planeta quanto do cosmos. Essa transformação se dará por meio da volta do eixo da Terra que, depois de tantas catástrofes como os furacões e tsunamis, deixou de ficar reto para então ficar inclinado. Romana diz que todas as civilizações do mundo sabiam que isso iria acontecer, por isso passaram a fazer “Fundamentos”, esse que é uma grampeação da terra, serve para não deixar a terra levantar demais quando se transformar. O Fundamento é o que estabelece a firmeza da terra e de seu eixo.

Romana diz que esses grandes monumentos que vemos e não entendemos como foram feitos, exemplo: Machu Pichu, Linhas de Nazca, Stonehenge, Pirâmides tanto do Egito quanto dos Astecas no México, e tantas outras que ainda nem foram descobertas e provavelmente não

serão, são Fundamentos que os povos antigos deixaram, mas no Brasil, o lugar onde o eixo está deitado, mas especificamente no Tocantins, nunca ninguém tinha feito, o que sobrou para ela fazer. Os Três Curadores lhe disseram que quem deveria ter feito o Fundamento no Brasil era os índios que aqui estavam antes mesmo dos europeus chegarem. Mas eles não fizeram, porque foram dizimados. Segundo Romana, se esse último Fundamento já existisse, os tsunamis de 2004 na Indonésia não teria acontecido.

Desse modo, esses outros Fundamentos que Romana diz estar espalhados em todas as partes do mundo são lugares míticos que ela acessa sempre quando recebe direcionamento de seus guias para realizar algum trabalho ou estudo. Por meio de projeção astral, ela diz que se desprende do corpo e vão de encontro a outros lugares, planetas e outros seres que até então são desconhecidos a nós, os extraterrestres, que segundo ela, sempre estão nas camadas dos planetas que ela visitou. Segue abaixo um dos relatos de uma de suas viagens para um preparo na Croácia que ela me confiou.

“E nessa bacia tem um homem, uma mulher e uma criança, tudo nu, o homem tá assim meio debruçado por cima da mulher e a criança tá subindo nela e ela deitada tranquila, né? Ai, ele riu, meu Deus não tô te falando, olha quantas vez nós foi no pé daquela montanha, ele diz que tinha era muitas vez, casou com ela e pra ele era o lugar mais lindo que tinha, ele caminhar naquele bosque ali, onde tinha essa bacia, mas só que na hora de chegar perto, ele diz que não conseguia, e digo mais: é porque ali tá uma das portas dos túnel, ai eu mostrando ele pra onde o dava o túnel dela, pra onde, pra onde, né? então a gente faz, eu faço muitos, muitos pra quê, porque eu não sei, né? Tem feito muito, tem muito, muito, muito, muito mesmo, não sei pra quê, mas eu só acho que assim que não é atoa.”

Outro relato que confio aqui é sobre uma serra que ela sempre via no nordeste quando ia realizar uns estudos acerca do planeta, ela afirma que de no fundo dessa serra há o grande arquivo de registro do planeta Terra. Essa serra acabou por ser confirmada por um de seus visitantes que era nordestino. Cabe salientar aqui que Dona Romana hoje é recomendada pelos Três Curadores a não sair do Fundamento em nenhuma hipótese, até mesmo por questões de doença. É que quando ainda podia viajar, foi à Brasília, Goiânia, Palmas, e cidades vizinhas, mas nunca tão longe. Isto é, fisicamente falando, pois espiritualmente ela diz e conta detalhes de lugares em todo o mundo.

“É outra coisa, que eu trabalhei, trabalhei nesse trabalho, ai to aqui marcando cartolina, parece que escondeu as cartolina, e to que marco, to que marco, chega mais um outro, ué, Serra da Gurguéia, ai disse é, num sei nem se tem isso, uai to acostumado a passar lá na beira dela, rrsr, digo é to fazendo esse trabalho aqui, ele disse e essa outra serra ai?”

Mostrou, falei o nome, porque essas outras serras é dada pelos... ai disse ó, só que aqui na ponta dessa serra passa o mar, ele disse justamente, to costumado de ruidar ela aqui ó e passo aqui, digo mas que praias lindas do mar ali, mas ninguém pode tomar banho, ele diz, não, ninguém encosta ali dona, porque ali tem os tubarão de ronda, digo ai, ai, ai, rrsrrs, eu ficava olhando que beleza ai né? Sabia que tinha um perigo, mas...Não sabia o que era. Era o tubarão de ronda. Porque lá os tubarão não deixa ninguém entrar. Então é assim, eu acho que quando to muito agoniado, porque tem trabalho assim que eu vo, e vo, e vo nele assim e vem coisa, e vem coisa, e eu estudo, e eu vou lá e estudo, estudo, e vo, escrevo, depois eu digo não, essas loucura minha ta de mais, ai com pouco, chega um pra confirmar que tem aquilo lá.”

Enfim, diante de tantas coisas que tenho para dizer sobre Dona Romana, vou resumir assim, a Terra passará por uma grande lavagem, onde ela se tornará a rainha do Universo, repleta de energia cósmica. Mas, para isso acontecer a Terra irá se levantar e ter uma nova configuração, a Terra não se acabará, mas ficará muito maior do que hoje é. Infelizmente, muita gente morrerá, haverá muitas perdas, entretanto, muita gente escapará e correrá para esses lugares onde está firmado o Fundamento.

No Brasil, será no Tocantins, no Centro Bom Jesus de Nazaré, que fica a 4km da cidade de Natividade, a Casa de Dona Romana. Por isso, ela armazena água, livros, comida; roupas, calçados, sementes; remédios e tantas outras coisas que os Três Curadores lhe pedem. Isso tudo será para manter o povo que lá chegar pedindo abrigo e sustento, pessoas essas que estarão correndo das regiões próximas do mar, pois o mar terá entrado e destruído muitas coisas. Ou seja, Romana já prevê os acontecimentos desastrosos das mudanças climáticas no planeta.

No entanto, Romana não diz que após esses acontecimentos serão o fim do planeta, mas sim, a sua renovação. Diz que, depois de tudo, o planeta ficará muito mais bonito que hoje é. Dessa forma, trabalha para conseguir fazer tudo a tempo, assim como, esperar a volta de Jesus à Terra, que se coincidirá com todos esses acontecimentos. Depois que falou às pessoas tudo isso que viu e aprendera de seus guias mentores, passou a ser chamada de louca, bruxa e feiticeira. Principalmente por fazer um aglomerado de religiões possíveis dentro de seu Centro, lá coexiste o cambomblé, espiritismo, catolicismo, protestantismo, budismo, umbanda e cabala.

Espero caro leitor, que com esse breve resumo da vida dessa mulher ímpar, que escolhi para estudar e analisar, te dê a noção de sua complexidade, assim, se fazendo necessário muito mais do que essa dissertação para de fato compreender tudo o que ela faz, diz e projeta-nos que estão a sua volta. Vamos agora iniciar o caminho de estudo de Dona

Romana com base no que há de difundido sobre a mesma.

1.1 Romana na ciência

Apesar de Dona Romana ser uma mulher muito conhecida na região sudeste do Tocantins e estar recorrentemente sendo comentada em todo o Estado, o que a torna uma referência no que tange à religiosidade, misticismo e arte, não há muitos referenciais bibliográficos publicados sobre ela. Todavia, os que foram possíveis de se encontrar possuem grande relevância. São eles: O livro de Alexandre Acampora, intitulado “Burangaba: vida e obra de Romana de Natividade” (2015), a dissertação de Delfina Renck dos Reis, “Dona Romana de Tocantins: uma fantástica iconografia” (2008). Há também um capítulo sobre a festa da chegada da Folia do Divino Espírito Santo no Centro na dissertação de Eloísa Marques Rosa “A suça em Natividade: festa, batuque e ancestralidade” (2015).

Foi possível também encontrar dois capítulos de livro publicados sobre Dona Romana, o primeiro é de Roseli Bodnar e Francisco Ronaldo de Araújo, “Jardim de pedra canga: a arte de Mãe Romana” (2013) e mais recentemente o artigo de Míriam Tesserolli “Arte, ancestralidade e religiosidade na casa de mãe Romana em Natividade, TO” (2017).

Esses trabalhos que encontrei me mostraram Dona Romana sob vários aspectos: a artista, a médium, a mulher que condensa em si e em sua arte as raízes religiosas africanas, e também a mulher que é um berço de identidade e história da região. O que mostra a importância desta investigação, pois aqui, se objetiva mostrar Romana como um corpo repleto de corporeidades e bricolagens que estabelece complexos estágios de comunicação por meio de performances repletas de memórias de seus lugares imaginários.

Segundo uma pequena entrevista que tive com Acampora², autor de *Burangaba* que venceu o prêmio da Funarte em 2013. Ele, então, nos diz sobre o que o motivou a escrever seu livro:

Uma grande curiosidade pelo processo de colonização da região, sobre o papel e o protagonismo de índios e africanos, uma necessidade visceral de entender a terra onde vive, principalmente quando está apaixonado por um lugar único, um lugar que guarda, como digo no livro, os conhecimentos fundamentais da formação da cultura e do caráter dos brasileiros. Começar pelo fio da meada da história de Romana de Natividade e de sua comunidade, seu quilombo de configuração consanguínea, familiar, ainda mais que a mitologia de Romana congrega os principais arquétipos da cultura tocantinense. Todas as festas populares representativas estão preservadas no Jacuba. Todos os mitos, signos antropológicos, medicina de ervas, sagração de energias telúricas, história, ícones, arte, esculturas, representações figurativas, hinos

² Entrevista realizada em 10/09/2018, por meio do chat da rede social Facebook.

e cânticos santos, arte de reciclagem, poemas, literatura, Romana é a mãe do caldo de nossa cultura. Romana é mãe. Ao mesmo tempo permanecia instigado, provocado a comprovar, ou a interpretar, ou ainda encontrar pistas para que outros pudessem interpretar a verdade dos significados de sua arte e de sua proposta mítico religiosa.

Desse modo, o livro nos conta toda a história de Romana, assim como também a história de sua família, tendo como principal figura Marcolino Pereira, que além de “pertencer à primeira geração de pretos livres [...]” (ACAMPORA, 2015, p. 219), é comparada à figura do demiurgo, entendendo que “O arquétipo do demiurgo representa o artífice, o criador, o transformador da matéria. A palavra demiurgo é derivada do grego [...] que significa artesão ou artífice” (ACAMPORA, 2015, p. 255).

Marcolino viveu até os 84 anos e é até hoje, um homem muito respeitado por todos seus 18 filhos, visto que, o mesmo era o responsável por alimentar toda sua família, independente das dificuldades que havia, primeiramente por serem negros, ele no caso, filho de negros escravizados que fugiram de seus senhores e também devido a região ser de difícil acesso, assim como dos recursos básicos.

Foram dezoito filhos, são eles, sem ordem de idade; Romana, Cândido e Cândido Lino (gêmeos), Maria, Alberto, Nevina, Benedito, Júlia, Justina, André Lino, João Riel, Domingos, Felisberta, Zulmira, Josefa (Zéfinha), José (Zezinho), Reinaldo e Marcolino Filho (Cula). [...] Todos Pereira da Silva, menos João Riel, a cara do pai, que é só da Silva (ACAMPORA, 2015, p. 205).

Marcolino se casou com Luiza, natural da cidade de Dianópolis, descendente direta da etnia acroás ou xakriabás. Com este casamento, Marcolino ganhou como presente uma vasta extensão de terra que até hoje é chamada de Jacuba.

Jacuba tornou-se herança de Marcolino a todos os filhos, sendo essa, uma extensa faixa de terra, cerca de 20 alqueires que seu pai ganhou de presente de casamento de seu amigo inseparável, Sebastião Araújo no início do século XX. Homem pertencente a uma família de muito poder e posse na região, filho de Dona Bela, mulher que recebeu Marcolino quando o mesmo tinha quatro anos de idade cuidando e providenciando sua educação formal.

Jacuba significa alimentação, de origem tupi, tanto a palavra quanto à comida (mingau de água, mandioca e buriti feito pelos índios). Acampora (2015) diz em seu livro que Marcolino tentou muito mudar o nome de suas terras para burangaba, que significa:

[...] uma mistura de elementos diferenciados, mas não desiguais. Uma papa, um mingau mesclado de culturas. Uma paçoca de saberes e tradições. A interculturalidade é o conceito essencial de nosso trabalho. A assimilação, a adaptação, a troca, o intercâmbio de conhecimentos significam uma dinâmica constituidora de culturas. [...] Todos os povos do planeta realizaram trocas, intercâmbios, comeram culturas e conhecimentos, exerceram a simbólica

antropofagia cultural (ACAMPORA, 2015, p. 313).

Entretanto, essa tentativa não logrou êxito, porque o termo Jacuba já tinha se disseminado em toda a região. Acampora descreve em seu livro *Dona Romana* como uma mulher que tem que ser resgatada dentro do próprio Tocantins, pois a mesma não é apenas uma artista, nem tampouco apenas uma mulher espiritualista, ela condensa em si e em sua comunidade a história e cultura da região, remetendo assim ao todo de sua formação.

O livro “Burangaba” além de falar sobre a formação da grande família de Romana, também aposta sobre sua arte e práticas religiosas, de modo que, classifica todo o terreno de Romana como um grande campo soteriológico tendo como significado a salvação humana por meio de Jesus Cristo.

É mitológica, artística, mágica, transcendente, científica e soteriológica e não escatológica. [...]. A obra de Romana não trata do fim dos tempos como as teorias milenaristas. A obra de Romana trata da salvação do planeta, do nascimento de uma nova era, de sua reconstrução material e espiritual, higiênica, de lapidação da existência. (ACAMPORA, 2015, p. 247)

Acampora diz que o trabalho de Romana “se apresenta fundamentalmente como arte, e essa arte dadaísta, que permite uma integração plena com o ser (2015, p.252), mas Bodnar e Araújo (2013) categorizam Dona Romana como um artista “primitiva contemporânea”, sendo este estilo de arte, “independente da cultura vigente”, cujas características principais são a simplicidade, ingenuidade e também a inexperiência (p. 115). Os autores comparam seu sítio – terreno - como uma grande exposição de arte, permitindo desse modo que os visitantes interajam e façam parte de todas as peças. Os visitantes são comparados também como peregrinos da fé, ou simplesmente curiosos como a própria Dona Romana diz.

A obra artística de Mãe Romana pode ser compreendida como arte primitiva contemporânea, pois apresenta uma nova visão de utilização do espaço e de elementos. Suas esculturas são elementos que desencadeiam percepções interessantes no que diz respeito ao aproveitamento da matéria prima existente no seu *habitat* [...]. (BODNAR e ARAÚJO, 2013, p. 124)

Tesserolli (2017) já fez outras interpretações sobre a arte de Romana. E diz que “escrever sobre Mãe Romana e o Centro é mostrar a ancestralidade africana daquela região.” (p. 183). Em seu artigo faz um paralelo histórico e artístico entre Romana e uma etnia africana vinda de Iorubalândia, que teria sido trazida para o Brasil na época da escravidão, e depois para o Tocantins no ciclo do ouro. Deste modo, Tesserolli afirma que “a arte que lá existe também serve para que a realidade não destrua a ancestralidade dos povos africanos que foram para aquela região.” (2017, p. 185).

É assim que Mãe Romana se apresenta: o que para nós é arte, para ela é a expressão de divindades e entidades (divindades são identificadas com elementos ou fenômenos da natureza e entidades são relacionadas aos espíritos). (TESSEROLLI, 2017, p. 187)

Tesserolli (2017), em sua escrita faz certas afirmações que me fizeram refletir muito, deste modo digo que, a arte de Romana é uma arte voltada à ancestralidade do mundo, e não somente a da África, pois, há no fundo de seu quintal lindas esculturas de pedra de entidades da antiga Síria, também há mapas – feitos de pedra – de lugares que ainda não nos foram estudados como o Triângulo das Bermudas e diversos outros lugares que remete à cosmogonia não apenas de um determinado lugar.

Apesar de ter uma boa parte de sua religiosidade ancorada na matriz africana, toda sua forma de se conectar com o mundo espiritual se dá essencialmente de forma híbrida, “[...] entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (CANCLINI, 2013, p. xix). Assim, Romana une os mais diversos modos de religiosidade, construindo para si, um novo modo de religião. Da mesma forma é sua arte, não se localiza apenas na cosmogonia da África, mas de toda a história da humanidade.

Há sim, muitas referências africanas na arte de Romana, no conjunto de sua obra, como a mulher de origem egípcia retratada na parede – umas de suas pinturas que mais gosto -, quando questionei sobre essa mulher, Romana me disse que “a Terra sempre esteve passando por grandes modificações, e aquela mulher é uma deusa muito antiga da região do Egito, mas, hoje não resta mais nada do tempo dela, a Terra já mudou muito, assim como não resta mais nada da civilização que a servia como deusa”.

Figura 1 - Centro Bom Jesus de Nazaré



Fonte: Botelho (2018).

Legenda: Deusa que fica na parede do quarto de Dona Romana.

A arte de dona Romana se apresenta a ela por meio das entidades. É a sua forma de comunicar, de fazer a mediação entre as entidades e o público. Assim, não se trataria de uma representação da ancestralidade africana, mas, de uma presentificação dos ensinamentos das entidades. Presentificação ao invés de representação, desse modo, não deixa também de ser uma performance quando se trata de todo o processo de feitura, que sempre é manual. Performance aqui é entendida como ação, como execução de algo, assim, performance ao invés de representação. As peças são a presença de seres vivos, pessoas que fazem parte de seu mundo e não apenas uma representação.

A comunidade de Romana também possui hibridismo nos elementos e regras sociais, onde há elementos da cultura indígena, principalmente diante do trato com o conhecimento, a forma de educação que normalmente é baseada no aprender a fazer junto dos mais velhos, sempre repetindo e assim aperfeiçoando. Assim, não podemos afirmar totalmente que toda sua arte tem essa raiz e objetivo à etnia Iorubá. Há sim, elementos que remetem ao trato da

sociedade africana, mas não somente a isso. Um exemplo são as pombas que estão em toda parte, tanto pintadas, quanto retratadas em peças de pedra, as mesmas são a representação do Divino Espírito Santo, entidade católica que Romana tem muito respeito, inclusive, realizando a Folia do Divino Espírito Santo – falaremos sobre isso mais à frente. Ou seja, as pombas não são “representações de pássaros que se assemelham a uma divindade iorubana chamada *Ìyàmi* [...]” (TESSEROLLI, 2017, p.191).

O motivo da arte de Romana ser feita essencialmente de pedra canga é porque, quando saiu da Fazenda Bizzaria, lugar onde trabalhava e iniciou sua mediunidade e em seguida começou seu trabalho de formação de outros médiuns, fato este que Acampora (2015) diz que chegou a mais de 200, Romana guiada pela orientação dos Três Curadores voltou à terra de seu pai, a Jacuba. O que fez com que Marcolino começasse a separar ainda em vida a herança de cada filho. Romana ficou com mais de cinco tarefas de terra, onde iniciou o último Fundamento da terra.

Iniciando o Fundamento, Romana começou a ter essas visitas de espíritos onde a orientação é que os mesmos fossem retratados da maneira que fosse possível retratar. Romana diz que quando os vê, eles são muito lindos e resplandecentes, entretanto, não consegue fazê-los da mesma forma que os vê.

A pedra canga era o material que mais tinha em suas terras, por mais que ela usasse em sua obra, mais aparecia. Ela diz que as pedras brotavam do chão, isso porque, quando chovia, a terra compactava e acabava por ressaltar as pedras sobre a terra, o que permitiu que Romana fizesse tudo o que hoje existe. Desse modo, não podemos afirmar totalmente que “a pedra canga é representante do início dos tempos, é uma das primeiras a ser formada, é repleta de memória. Dessa forma, está ligada à criação. Cada uma das divindades africanas está ligada a uma pedra [...]” (TESSEROLLI, 2017, p. 193).

Seguimos a mesma linha de raciocínio com o elemento água, que não é apenas uma oferenda às divindades, mas sim, um fator que permite que as peças se retroalimentem em contato com a terra e também com o Fundamento. Cada peça é um ser vivo para Dona Romana, assim, sendo necessário se energizar vitalmente, assim como se purificar, para tanto a água, portanto, tem essa função. O que demonstra mais ainda sua presença física e espiritual e não apenas representações de uma cosmogonia particular. As peças possuem vontades e pedidos que sempre se mostram no plano invisível de Dona Romana e seus médiuns, segundo eles, ou as peças pedem a ponto de eles ouvirem sua voz, ou simplesmente veem, por meio da visão espiritual. As balinhas são oferendas a São Cosme e Damião que

sempre são invocados e bem tratados durante os trabalhos de incorporação lá realizados.

Nela, é possível perceber o desenvolvimento humano, social e individual. Nela, está registrada a memória, social e individual. Lugares de memória também são lugares de arte. O Centro Bom Jesus de Nazaré é um lugar de memória e a arte é o seu principal desencadeador de tempos passados, vividos e todos os seus saberes/fazer (TESSEROLLI, 2017, p. 193).

Acima se encontra uma citação que concordo totalmente, pois, é justamente a memória da história do Tocantins, da cultura sertaneja, de épocas e seres passados, lugares específicos em todo o mundo, assim como, sua própria família e comunidade que sempre andam junto com Romana, o que forma sua corporeidade e de todos que com ela convivem. Tudo isso são modos e meios de comunicação entre todos que a cercam. Romana visa à presença antes de tudo. Isso se dá por meio das festas que também são realizadas no Centro, mas isso iremos adentrar mais a frente.

Rosa (2015) tem um capítulo inteiro descrevendo a Casa e a Folia do Divino Espírito Santo que participou no ano de 2014. Neste mesmo capítulo há a famosa confusão que a maioria das pessoas fazem acerca da Jacuba. É de suma importância salientar que Jacuba é toda a faixa de terra que todos os filhos de Marcolino herdaram, muitos ainda moram lá; Jacubinha é uma pequena porção dentro desta grande terra; e a que Dona Romana mora em seu Sítio, denominado Centro Bom Jesus de Nazaré. Há muita confusão sobre isso entre os pesquisadores. A Jacubinha que fica quase na entrada do quilombo Redenção, atualmente, segundo relatos da comunidade de Romana, está até invadida por vários assentamentos. No mais, a etnografia da festa de chegada da Folia que Rosa descreve-nos mostra o quanto os rituais sagrados e de comunicação com os espíritos são complexos.

A segunda dissertação encontrada é a de Reis (2008), esta dissertação foi essencialmente sobre a arte de Dona Romana. Entretanto, Reis (2008) durante os quase 20 dias hospedada no Centro, acabou por abarcar não somente as obras, mas como também os sentidos das práticas cotidianas de Romana. Reis (2008) conseguiu acessar certas mitologias que Romana traz para sua vida, explicando toda a mística do Fundamento, a firmeza da Terra.

Uma dessas mitologias e lendas é a das almas gêmeas, tema que até agora Dona Romana nunca conversou comigo, assim como Shamballa – um país oculto aqui na Terra -. Romana diz que quando a Terra virar, ou seja, quando chegar o grande dia, as almas gêmeas se encontrarão.

Reis (2018) relata até suas percepções e consequentes entrevistas com Romana sobre as fases de sua obra, assim como suas práticas e rituais, diz ainda que em entrevista Romana começou a ouvir vozes e a ter visões nos anos de 1972 a 1973, e logo começou a ser médium sem ajuda de ninguém, apenas dos espíritos, como ela mesma me relatou. Logo, começou a atender pessoas com garrafadas, coisa que até hoje faz, quando ainda morava na Fazenda Bizaria que fica a mais de 200 km do Centro. Disse que recebeu uma licença do mundo espiritual em 1980 até 1997 para formar médiuns, período em que acabou por se mudar para a Jacuba.

Entre janeiro de 1990 até 2011 foi o período denominado por ela como o tempo “de carregar pedras”, onde consolidou todas as visões e visitasões das “peças de pedras”, que são esculturas variadas em toda a extensão de seu terreno até dentro da mata. Os trabalhos de risco, que são desenhos figurativos e abstratos que os médiuns e a própria Dona Romana fazem, são a parte mais velha e mais nova ao mesmo tempo, pois se iniciou em 1983 e até hoje se perdura, sendo realizado tanto por Dona Romana quanto por quase todos os médiuns que lá trabalham. A parte mais nova do Fundamento são as peças cirúrgicas, que foi feito dentro de três anos para menos.

Na fase inicial da pesquisa, eu supunha que seriam muitas as semelhanças da arte de Dona Romana, comparativamente a outros artistas populares ou outros exemplos de arte bruta. Com o desenvolvimento da pesquisa, pude constatar cada vez mais suas singularidades e o caráter único de sua produção (REIS, 2008, p. 118).

Reis (2008) em sua pesquisa acabou por evidenciar que a arte de Romana é uma obra única. Com isso traça algumas similitudes teóricas com outros artistas, como Gabriel, o dono e construtor da Casa da Flor, que fica no Rio de Janeiro. Defendendo desta maneira, ideias similares àquelas apresentadas nessa dissertação, dentre elas a de que Dona Romana é uma bricoler por excelência.

À primeira vista poderíamos traçar alguma analogia entre a obra de Dona Romana de Tocantins e a Casa da Flor, obra de praticamente uma vida inteira de Gabriel Joaquim dos Santos. Localizada em São Pedro da Aldeia, no estado do Rio de Janeiro, o caráter de "bricolage" e o uso de materiais como cimento, pedra e cacos aproxima essas duas manifestações artísticas. (REIS, 2008, p. 121)

Bricoler é o termo cunhado por Levi-Strauss (1989) para conceituar a capacidade de artistas e artesãos de aglutinar os mais diversos materiais, técnicas e elementos em algo que constrói. O bricoler é alguém que necessariamente constrói algo a partir de diferentes referências, um criador. Aqui a figura de Romana se encaixa muito bem, pois é uma artista

que une em sua obra tudo que o está disponível, todos os materiais e elementos não convencionais (pedras cangas, cimento, papelão; papel, caneta, lápis de cor; giz de cera, cadernos, pedaços de cerâmica; espelhos, arame, madeira; tinta e tantas outras coisas) para dar vida à suas peças, desenhos, objetos e, com eles o sentido de sua cosmologia. Como afirma os tradutores de Levi-Strauss,

[...] para melhor acompanhar o autor em suas considerações sobre o pensamento mítico, mantivemos na tradução os termos bricolier, bricoleur e bricolage que, no seu sentido atual, exemplificam com grande felicidade, o *modus operandi* da reflexão mitopoética. O bricoleur é o que executa um trabalho usando meios e expedientes que denunciam a ausência de um plano preconcebido e se afastam dos processos e normas adotados pela técnica. Caracteriza-o especialmente o fato de operar com materiais fragmentários já elaborados, ao contrário, por exemplo, do engenheiro que, para dar execução ao seu trabalho, necessita da matéria-prima (1989, p. 32).

Aqui é importante frisar que Romana é uma bricoleur também na produção de sua cosmologia própria, reunindo elementos de diferentes religiões, como veremos no capítulo cinco. Não somente Reis (2008), mas Acampora (2015) também pontuou Romana como essa bricolier por excelência, assim como afirma que ela não é a primeira da família. Marcolino, seu pai, era tudo o que fosse necessário ser. Romana acabou por me confirmar isso, dizendo que certa vez um senhor que trabalhava no IPHAN de Natividade que tinha o costume de sempre ir a sua casa, visitou a África depois de tanto ela dizer que vieram vários povos para Natividade na época da escravidão e por isso desejava muito saber de qual povo seu pai descendia, “*pois ele era um homem muito inteligente, tudo o que se propunha conseguia fazer com muita presteza*”, assim ela me disse muitas vezes.

Depois de algum tempo Romana me diz que esse senhor voltou, e disse-lhe que a etnia que provavelmente ela descendia era os bantos, pois esses, assim como seu pai, conseguia dominar várias técnicas e materias para produzir o que fosse necessário, madeira, ferro e tantas outras coisas. Desde esse dia, Romana acredita que sim, descende do povo Banto. Romana vive muito a frase que Marcolino sempre falava: “*Tudo existe!*” (ACAMPORA, 2015, p. 274).

Segundo Reis (2008) a arte de Romana se enquadra no conceito de arte bruta, dessa forma, traça paralelos acerca desses estilos artísticos que, é o jogo com “a inabilidade, o rabisco e com formas muito diferentes das chamadas belas artes. Investiga formas puras, figurativas ou abstratas, forjando uma proposital inabilidade”. (p. 102). De mesmo modo, faz com a arte naïfs, afirmando assim que,

Artistas naïfs como criadores de uma pintura popular, alguns com capacidade de revelar, por frescura de imaginação, novas possibilidades expressivas, influenciando

assim a arte contemporânea. Pode-se afirmar que seja esse também o caso de Dona Romana do Tocantins. (REIS, 2008, p. 96)

Reis (2008) mostra no corpo de sua dissertação algumas fotos da festa de São Cosme e Damião, ela não faz referências a esta festa, mas traz em todo seu discurso o quanto tudo o que envolve Dona Romana é algo complexo, fascinante e espiritual.

Algumas das esculturas e desenhos de Dona Romana de Tocantins têm uma função não apenas estética, mas também didática e ilustrativa: servem para tornar visível o invisível, para que possamos ver o que só ela vê. É o meio que comunica visualmente o que ela chama de fundamento. (REIS, 2008, p. 113)

Com base nesta citação, destaco aqui a necessidade deste trabalho que o leitor tem em mãos, pois, Romana foi estudada sob vários enfoques (a artista, a mulher que é um expoente da história e cultura da região e tantos outros), mas nenhum deles compreende Romana por meio de suas formas de comunicação visual-corporea, entendendo-a como uma xamã do cerrado que canaliza em si elementos diversos, constituindo uma arte, uma cosmologia e uma performances próprias, desenvolvidas nos territórios da memória do sítio da Jacuba. Tendo esse estudo o objetivo claro de esclarecer que, por meio de seu corpo, Romana desenvolveu o hibridismo e a bricolagem como estágios de comunicação efetivos, assim como também estabeleceu uma performatividade específica por meio de suas práticas sociais e rituais.

1.2 Romana nos jornais

Este subtítulo tornou-se importante visto a necessidade de adentrar e lutar para minimizar o máximo possível o silenciamento (BARTH, 2005) que Dona Romana enfrenta diariamente. Apesar de ser uma mulher muito conhecida no Tocantins, Dona Romana possui poucas referências na mídia regional.

Recentemente, foi escolhida por Walcir Carrasco para ser a inspiração da personagem “Mercedes” interpretada por Fernanda Montenegro na novela “Do outro lado do Paraíso” que estreou na rede Globo de televisão em outubro de 2017 e se finalizou em maio de 2018, a novela foi ambientada em Palmas-TO e na região do Jalapão-TO, o que não mudou em quase nada os estereótipos e insinuações errôneas sobre sua mitopoética³ e cosmologia. Quando questionada por mim sobre o fluxo de pessoas que visitam seu sítio ela disse que não mudou

³Conceito obtido de Levi-Strauss (1989), é a forma como a produção artística é desenvolvida, sempre tendo a junção com o pensamento obtido. Ou seja, é o universo bruto de uma obra/técnica artística.

muita coisa, apenas que agora há mais grupos de “curiosos” vindo, se referindo aos pacotes de viagens para turistas que algumas empresas acabaram por inserir a visita a sua casa. Acaba-se por se justificar devido à promoção que a novela fez do Jalapão-TO. Segundo uma reportagem⁴ do Portal Stylo aumentou-se em 100% as visitas a esta região, vindo pessoas de todas as partes do Brasil para conhecê-lo, onde assim, já se incluindo muitas vezes no pacote turístico a Casa de Dona Romana.

O fluxo de turistas e visitas aumentou em alguns momentos do ano realmente, por exemplo, mês de junho e a partir de novembro. Todavia, isso não fez com que diminuísse o preconceito racial e religioso que Dona Romana enfrenta juntamente com seus médiuns e agregados. Devido a isso, neste momento decidimos fazer uma pequena análise de discurso existente nos principais jornais do estado do Tocantins nos últimos 7 anos (dos anos de 2012 a 2018). Está análise será apenas uma interpretação sobre os sentidos produzidos pelos jornais sobre Dona Romana. Não iremos analisar tudo o que surge nas matérias, iremos apenas ressaltar o essencial e relacionar ao contexto sócio-histórico, assim o interrogando.

O tempo de 7 anos foi escolhido por ser uma pequena tiragem de tempo que incrementaria a pesquisa de dados interessantes, dessa forma, nossa pesquisa não se basearia nos conteúdos encontrados, mas sim, evidenciaria como a mídia trata Dona Romana. Acrescento também a justificativa desse período de tempo, a preparação da novela “Do outro lado do Paraíso”, sendo que a primeira viagem do autor Walcyr Carrasco ao Tocantins se dá essencialmente em 2016 até a sua estreia que foi em 2017.

Os jornais escolhidos foram O jornal do Tocantins, Portal Stylo que é o meio eletrônico do Jornal Stylo e também O jornal. Houve também a tentativa de se pesquisar no acervo do Jornal Primeira Página, que infelizmente estava passando por mudanças e reorganização do acervo impossibilitando assim a averiguação, e foi possível também visitar o acervo do jornal O girassol, entretanto neste, não foi encontrado nada sobre Dona Romana no tempo escolhido. A pesquisa foi direcionada a palavras-chaves como: Romana de Natividade, Dona Romana e Mãe Romana de Natividade na barra de busca de ambos os jornais na versão digital.

O Jornal do Tocantins fundado em 1979 antes da emancipação do estado, tem sua sede em Palmas-TO, sendo o principal jornal de todo o Estado, seu fundador foi Jaime Câmara, na cidade de Araguaína-TO. Possui uma periodicidade diária, com exceção das segundas-feiras e tendo em média de 5 mil exemplares impressos todos os dias.

⁴ A reportagem se encontra para leitura no anexo número 1 desta dissertação.

Foram encontradas 8 matérias sobre Dona Romana ou que a menciona. A primeira foi a matéria “berço de riquezas naturais”⁵ publicada em 30/05/2014 que, evidência apenas o aniversário da Cidade de Natividade, esta possui mais de dois séculos de existência e todo o conjunto de patrimônio material e imaterial. Dona Romana é tratada como um patrimônio da Cidade, sendo mencionada por sua capacidade de trazer à tona profecias.

A segunda “Mistérios na internet”⁶ do dia 07/06/2014 relata uma parte do Projeto Burangaba de Alexandre Acampora junto com a Funarte, pelo Prêmio Arte e Cultura Negra conquistado em 2013, na época Acampora já tinha feito o filme “O Equilíbrio do Eixo do Planeta”, e estava já produzindo o livro Burangaba. Essa matéria trata Dona Romana, além de uma mística, trata sua arte, anunciando seu mais novo trabalho com as peças cirúrgicas que eles mesmos chamaram de cornijas, mencionando também comunidades que foram criadas depois de uma experiência com Romana, como é o caso da Casa de Cecília, que fica em Porto Nacional, local onde ocorrem os mesmos trabalhos que Dona Romana também promove. Afinal, Cecília e seu esposo são mediuns, formados por Dona Romana.

Esta matéria também trata o território da Jacuba como quilombola, afirmando que, Dona Romana diz ser uma pessoa formada pelo astral, sendo sua arte artístico-religiosa, por isso, o título na matéria, mistérios. O foco de todo o texto é que Acampora lançou um site com cerca de 1.200 fotos de toda a arte existente no território do Sítio de Romana, como a história de sua família e fotos de Natividade. Indagado sobre o site Acampora me disse em entrevista que o site...

[...] funcionou por pouco mais de um ano com os recursos do projeto. Acabou a grana e a FIETO prometeu e não cumpriu pagar, daí o provedor ainda manteve por dois meses e depois tirou do ar, tenho o back up e pode voltar mediante patrocínio. O projeto tinha recursos para um ano de execução, uma pena porque as fotos são antológicas, arqueológicas...todo mundo que viu gostou. [*O site tinha*] centenas de fotos classificadas em 9 categorias de acordo com a pesquisa, mas ainda pode ser ativado. É só pagar o custo mensal de exibição do provedor que hoje deve estar em 600,00 reais/mês, isso porque o site é pesado de fotos. Romana viu e gostou. É caro por conta do peso e da quantidade de fotos. Tivemos que diminuir os megapixels de algumas fotos para ajustar um preço, em 2015/2016 pagamos 300 reais por mês, hoje calculo o dobro. (Entrevista concedida no dia 03 e 04 de janeiro de 2019)

A terceira matéria encontrada foi “Cultura negra em foco”⁷ de 21/02/2015 menciona o lançamento do livro Burangaba de Acampora que seria em março, afirmando que tal obra é

⁵ Matéria disponível no anexo 2 desta dissertação.

⁶Disponível no anexo 3 desta dissertação.

⁷Disponível em anexo 4 desta dissertação.

um resgate da cultura negra do e no Tocantins. Do mesmo modo como é enfatizado que Romana criou para si uma mitologia, onde está toda a história da cultura negra no Tocantins assim como no Brasil.

O quarto conteúdo foi, a “Obra ressalta a cultura mística do Tocantins”⁸ do dia 05/09/2015 anuncia o lançamento do livro Burangaba que segundo a repórter, resgata a memória do povo tocantinense por meio de Dona Romana, sendo esta condensadora das culturas africana e indígena, assim utilizando a arte para cura e intervenção espiritual. O livro foi lançado as 18h00min no Museu da História de Natividade e já avisa que em Palmas será dia 25 no Salão do Livro. Em minha entrevista com Acampora perguntei sobre o lançamento de seu livro, o mesmo me respondeu assim:

Primeiro em Natividade, em setembro de 2015 quando vendemos 50 livros e doamos 10 para a biblioteca. O segundo em Palmas, na feira do livro. O terceiro na OI Futuro no Rio de Janeiro, em Porto não houve lançamento, mas houve interesse. Estou preparando nova edição que só sai quanto conseguir recursos.

O “Documentário “Romana” é lançado hoje no SESC”⁹, é a quinta reportagem, publicada em 07/06/2017, informa a primeira exibição, ou seja, o lançamento do curta metragem dirigido por Helen Lopes no SESC, sendo este um documentário de 24 minutos onde Dona Romana fala sobre sua vida e o que recebeu de profecia sobre os abalos que o planeta passará no futuro e avisa que, em seguida ocorrerá um debate.

O sexto conteúdo, “A sacerdotiza e os magos”¹⁰ do dia 11/06/2017, matéria publicada depois de quatro dias do lançamento do documentário de Helen Lopes, Héber Grácio que assistiu o lançamento escreve sobre o poder de ver e escutar Dona Romana narrar sua experiência e história. O que proporciona não apenas uma história contada, mas também que o seu mundo nos fosse apresentado. Héber nos diz o quanto Dona Romana é necessária aos nossos dias, justamente porque a mesma vai à contramão da regra religiosa de nossos tempos, a mesma afirma não saber de nada, portanto, não é absoluta em suas práticas e ações. Dona Romana sabe muito bem lidar, respeitar e procurar uma forma de entender e até mesmo conviver com o desconhecido, pois a mesma nem se considera porta voz de seus líderes espirituais, pois “Descreve-se, tão somente, como um canal de comunicação que permite que a mensagem sagrada flua unilateralmente, fazendo da sua experiência um

⁸Disponível em anexo 5 desta dissertação.

⁹ Disponível em anexo 6 desta dissertação.

¹⁰Disponível em anexo 7 desta dissertação.

resgate da vivência mais intensa da religião”.

Desse modo, Héber diz que Dona Romana se tornou uma sacerdotiza pela sua experiência e envolvimento com o transcendente. Que sua casa é um templo, que seu quintal é a junção de sua religiosidade, natureza e futuro da humanidade. E finaliza dizendo que Helen e seus parceiros convergem com a tarefa de Romana, ressaltado o quanto é difícil parar e ouvir, escutar o desconhecido e o outro na atualidade.

A sétima reportagem foi “De Natividade, dona Romana comenta inspiração para personagem televisiva”¹¹ de 25/10/2017, é uma material onde Dona Romana após ser questionada sobre a personagem Mercedes na novela “Do outro lado do paraíso” escrita por Walcyr Carrasco e exibida pela Rede Globo diz:

Deus me deu a responsabilidade. Se chegou o momento de abrir, se veio a abertura para fazer a novela, não importa se está sendo inspirado em mim ou não... se é branca ou preta. Se foi ela - a Fernanda - a escolhida para o papel, ninguém mais faz no lugar dela. Tudo foi determinado. Ninguém faz sem uma ordem de cima... Deixa o povo falar... O povo fala até de Deus.

Isso porque estava acontecendo um grande debate sobre a personagem estar sendo interpretada por Fernanda Montenegro, uma atriz branca sendo que a mulher inspiradora da personagem é negra. Walcyr Carrasco visitou anos antes o Sítio Bom Jesus de Nazaré e não meses antes como diz a reportagem. Além de que Dona Romana não afirma que as peças e obras de arte que há em sua casa são feitas por extraterrestres como diz a reportagem, a mesma sempre disse que foram feitas por ela mesma com ajuda de sua comunidade.

E por último, sendo a mais recente, a matéria “Cinema tocantinense e debate”¹² em 05/04/2018 fala que o filme “Romana” de Helen Lopes juntamente com outros 3 filmes tocantinenses irão abrir o festival nacional do SESC, o Amazônia das Artes em Palmas.

O **Portal Stylo** existe há 23 anos no estado do Tocantins, sendo inicialmente O Jornal Stylo começou tendo uma periodicidade mensal mas depois passou-se a ser semanal e sendo impresso no formato tabloide, sendo em seguida em formato standard. Sua fundadora é Fátima Fernandes.

Foi encontrada duas matérias a primeira “Mãe Romana de Natividade é alvo de pesquisa e palestra”¹³ de 15/09/12, que foram realizadas na escola Dom Domingos Carrerot

¹¹ Disponível em anexo 8 desta dissertação.

¹² Disponível em anexo 9 desta dissertação.

¹³ Disponível em anexo 10 desta dissertação.

em Porto Nacional pelo pesquisador Leandro Oliveira que pesquisa o universo místico de Dona Romana, as palestras alcançaram mais de 200 crianças e adolescentes, assim, falando sobre a lei de história e cultura afro nas escolas, como também as obras, o sincretismo e a religiosidade de Dona Romana.

E a segunda “Murangaba vai retratar Vida e obra de Romana”¹⁴ do dia 08/05/14, pelo título já é possível perceber erros, pois a matéria é sobre o livro Burangaba, assim focando na premiação que Acampora recebeu da Funarte, um montante de 150 mil reais para lançar o livro, o site e conclusão da pesquisa. Romana é tratada como uma figura emblemática e mística. A matéria fala um pouco da vida de Romana e menciona seu pai. Além de relatar algumas de suas previsões, como o asteróide que irá chocar com a Terra que, segundo a reportagem, provavelmente na Ásia e que, depois disso, a Terra irá se partir ao meio. Assim, tudo que possui servirá de refúgio aos desabrigados.

Esta matéria comete equívocos, pois diz que Romana é orientada por vozes extraterrestres. E na verdade esse não é único equívoco que a matéria comete, pois não são apenas os meios de comunicação que distorcem e aumentam o que Romana diz, várias pessoas acabam por entender de modo errôneo os relatos e contação de histórias de Dona Romana.

Irei fazer agora uma breve explicação acerca desse asteróide que na matéria foi citado, só que agora, com base em uma conversa detalhada que tive com dona Romana, justamente sobre isso. Romana me disse quando perguntei se esse asteróide vai mesmo cair ou não, então ela me respondeu que o asteróide, era sim para cair, mas não caiu, pois foi dado a ela o trabalhar com ele.

Ela começou a trabalhar com esse asteróide em 29 de novembro de 1992, quando ela fazendo seus trabalhos de risco em seus cadernos acabou por subir ao astral, assim chagando em uma cidade de pedra onde tinha dois grandes sinos, ele então começou a pular em cima de deles, até que desceu do astral. Em junho de 1997 foi ela incumbida de fazer um prepare dentro desses sinos, esses “prepares” são rituais próprios dela que ela não comenta, ela apenas diz que reza, ela afirma que desde essa época ela não sabia o que era aqueles sinos e nem para que serviam.

Em 17 de junho de 2002 ela foi chamada a Júpiter, e diz que sentiu muita dor quando subiu, chegando lá, disse que viu os sinos saindo de lá, assim se separando, cada um indo

¹⁴Disponível em anexo 11 desta dissertação.

para um lado, segundo ela, eles foram visitar os planetas mais próximos. Depois de algum tempo Dona Romana me disse que foi entender que aqueles sinos era o asteróide que esta sendo noticiado em vários lugares como profecia dos Maias¹⁵.

“E muitas das coisas que a gente tem feito, tem efeito igual por exemplo a questão dos desvios, isso tudo né? Graças a Deus, dei conta desviar. Né, então tem um efeito que a gente já sabe que ocorreu né. Pois é. Havia uma previsão ai pra 2012 né, já estamos em 2017. É mais ele passou ano passado. Pois é, ela passou foi só a senhora que viu também. É, vi. Quando eu cheguei, eu todo dia sentava ali, pegava o cachimbo, soltava fumaça nele, conversava com ele, pedia, rezava, entregava, ai quando, um dia quando eu chego lá ele ta lá em baixo, uai, cadê o asteroide? Quantos anos eu olhando ele lá em cima, ai que eu olhei. Ele ficava nessa direção aqui? É. Ele já tava bem embaixo, já tava quase encobrindo os galho do pé de manga, digo, ah! Você já ta é andando assim! Deus que te abençoe, agradei a Deus, joguei fumaça nele, foi logo passado uns dez dias ele passou.”

Romana disse que por muito tempo ainda via esses sinos – a imagem que aparecia a ela, mas na verdade era o asteróide -, flutuando no céu de seu sítio, mas ou menos onde se direciona a Serra, “ai eu parava, ficava olhando para ele e jogava fumaça, até que um dia ele sumiu, foi embora”.

E por último **O Jornal** foi fundado em 1989 pelo jornalista Salomão Wenceslau em Miranorte, todas as notícias eram coletadas aqui mesmo, mas toda a parte de fabricação era feita em Goiás, visto que, ainda não havia sido emancipada a região norte do antigo Estado de Goiás.

Foi possível encontrar apenas 1 matéria, sendo ela intitulada “Escritor Alexandre Acampora discute os paradigmas históricos da formação civilizatória do Tocantins em novo livro”¹⁶ publicada em 09/Set/2015, a matéria conta com entrevista de Acampora sobre o lançamento do mesmo, Acampora afirma que, é impossível falar de Romana sem uma base histórica, assim mencionando suas raízes familiares e culturais, aponta o preconceito que recebe sendo chamada de feiticeira e bruxa, assim como desenvolveu uma mitologia soteriológica e ecológica. Faz paralelo com a história do Tocantins e a Psicologia. No mais, relata que apesar do livro se apresentar com um ensaio, o mesmo passa pela vivência, pesquisa e reportagens coletadas, como o descobrimento e afirmação do “país dos gentios” que segundo Acampora na matéria:

¹⁵ Mais conhecido como fenômeno 2012, que afirmava com base no calendário Maia que o mundo teria seu fim no dia 21 de dezembro de 2012.

¹⁶Disponível em anexo 12 desta dissertação.

São mais de dois mil aldeamentos de índios, negros, degredados e foragidos no interior do Brasil entra Minas Gerais, Goiás e Tocantins. Esses aldeamentos são o tempero principal da nacionalidade brasileira. Eram autônomos e constituíam sociedade organizadas com regras e lideranças. O mais importante - desejavam se autodeterminar. Desejavam liberdade e originalidade cultural.

Foi possível, então, perceber que pouquíssimas matérias de fato falaram de Romana como tema principal, a maioria das vezes - na verdade, nove vezes - Romana foi apenas um objeto de menção sobre determinada coisa, como é o caso do lançamento do filme de Helen Lopes.

Outro ponto a ser pensando e refletido é que Romana sempre é tratada pela mídia como uma profetisa, artista, religiosa, uma forma de inspiração e principalmente mística. Romana já não é uma pessoa relevante da região sudeste do Tocantins, Romana se tornou um patrimônio cultural e artístico de todo o Estado. Assim sendo, a mídia enfatiza e compra à ideia de Acampora (2015), que a mesma contém em sua vida, arte e espiritualidade as raízes culturais não só do Tocantins, mas de todo Brasil.

1.3 Romana no cinema

Foi estreado um filme na modalidade curta no CineSESC Palmas-TO no dia 7 de junho de 2018, este curta é uma produção regional e independente do Gabiroba filmes. Tendo como diretor Helen Lopes e como um dos roteiristas Marcelo Brice, o curta se intitula “Romana”¹⁷ e, é composta pela narrativa de vida dessa mulher.

O curta é uma forma de disponibilizar um olhar sobre Romana, mulher que foi muito estigmatizada na cidade de Natividade-TO, tida como uma macumbeira e, que agora segundo as percepções de Helen e Marcelo, a mesma possui uma relação de pertencimento com a cidade, é praticamente um patrimônio da mesma. Mas, mesmo tendo uma relação que atualmente é amigável, possui ainda muitos estereótipos e preconceitos acerca de seu sítio “Bom Jesus de Nazaré” localizando na Jacuba, uma faixa de terra muito conhecida na região, assim como também de sua pessoa, o que segundo sua própria narrativa no filme, “foi cheia de sofrimento”.

A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma. (BOSI, 1994, p. 88)

¹⁷ Teaser disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t8eak4ZPm0s>>. Filme completo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ySan1T0k2XQ&t=5s>>.

Aqui não iremos tratar dos aspectos estéticos desta obra, mas sim, de sua relevância para a cultura tocantinense. Como me disse Helen Lopes em uma conversa informal juntamente com Marcelo Brice, “O olhar estético não está relacionado à figura de Romana; a narrativa está desprovida de intenções”. Entretanto, o que mais percebi no público presente no dia da estréia foi que, toda essa despreensão que a produção e a direção do curta tinha, acabou gerando uma recepção muito forte de intenções tanto sobre a imagem de Romana, quanto ao teor de sua narrativa e sua importância cultural e espiritual no Estado.

O filme remete a um processo que, iniciado em 2014 apenas por Helen e, depois de muito tempo guardado foi retomado em um processo colaborativo, onde se pretendeu trabalhar a “desteoria”, não foi à intenção remeter a conceitos e a epistemes, mas, foi o que acabou por ocorrer durante o debate que sucedeu a exibição de estreia do filme.

O assunto que mais permeou o debate foi o silenciamento de culturas que estão inseridas em uma categoria menor, assim como também o espaço de reconhecimento que a academia científica deveria dar a essas personagens relevantes da região que além de possuir uma memória rica de fatos e experiências, possui sabedorias e tradições que perpassa gerações.

Um ponto que não podemos deixar de comentar aqui é a performatividade de Dona Romana, o filme pretensiosamente retratou muito bem o movimento de suas mãos, onde se pôde notar que toda sua comunicação se dá por uma forma de movimentação circular que suas mãos fazem de forma repetitiva. Segundo BOSI (1994):

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. [...] A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. (p. 90)

Romana é uma mulher que, além de muito inteligente, é repleta de uma performatividade que vai além do seu aspecto biológico, por ser uma idosa, seu corpo possui uma carga de vitalidade que é claramente influenciado pelo ambiente que normalmente ela evita sair, percepção muito clara a Helen que diz: “Ela está criando outro mundo, ela já vive nesse mundo, ela abdicou do mundo natural que conhecemos. Romana só é romana na casa dela” deste modo, tanto Marcelo quanto Helen dizem que Romana vive em um presente-perpétuo fundado por ela mesma em sua mitopética. Portanto, o Sítio Bom Jesus de Nazaré é um local que se acabou por introduzir na esfera do sagrado, ancestral e escatológico.

Inserido dentro de todo o misticismo existente, o filme, tem como arte gráfica a

imagem de Romana sentada em sua mesa com a mão na testa, essa imagem foi escolhida por remeter sua ligação com o cosmos - segundo os entrevistados -, com os pontos energéticos que ela tanto fala e que criou para si toda uma base cosmológica que sustenta o sentido de sua vida, assim como de sua comunidade de pertencimento, sua família, amigos e seguidores.

Figura 2 - Cartaz: Documentário "Romana" de Helen Lopes



Fonte: Extraído da matéria “Documentário Romana é Lançado hoje no Sesc” veiculada no dia 07 jun. 2017

Por Romana perfazer sua cena através de sua narrativa no filme, Helen diz que: “o processo do filme é semelhante ao mundo de Romana; vai saindo, foi se dando um formato”,

desse modo, não houve um roteiro fechado, Marcelo diz que houve um roteiro de perguntas, mas que as mesmas não guiaram o trabalho, a única preocupação, segundo Marcelo foi “pensar em uma estrutura narrativa, uma coesão, uma unidade narrativa.” Tal unidade narrativa acabou por gerar os principais elementos da obra que Marcelo diz que são: “Os três elementos do filme são: imagem, narrativa e memória, pensando postumamente.”

Desse modo, podemos perceber que tal curta, possui uma relevância muito grande tanto para a discussão deste trabalho quanto para um despertar acerca de uma identidade importantíssima no Tocantins que, não é divulgada como são os discursos simbólicos do território pelos agenciamentos da mídia regional.

Um dos aspectos mais instigantes do tema é o da construção social da memória. Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significado”, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história. [...]. No outro extremo, haveria uma ausência de elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações. A rigor, o efeito, nesse caso, seria o de esquecer tudo quanto não fosse “atualmente” significativo para o grupo de convívio da pessoa. É o que sucede às vezes: os fatos que não foram testemunhados “perdem-se” [...]. (BOSI, 1994, p. 67).

A documentação da memória de personagens importantes e até mesmo de etnias do estado deve ser realizado de forma urgente, pois é imprescindível “[...] dar a palavra a vozes que foram silenciadas [...]”. (BOSI, 1994, p. 19). O curta Romana é um exemplo dessas vozes, cabe agora outras formas de dar a palavra para as memórias existentes, antes que o tempo as leve juntamente com toda uma experiência e história. Afinal, “Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa.” (BOSI, 1994, p. 38) “Romana” pela Gabiroba Filmes é um dos quatro filmes da região norte que foi selecionado para a II mostra nacional Sesc de Cinema no ano de 2018.

Anteriormente a esse, há um filme de Acampora, “O Equilíbrio do Eixo do Planeta” que foi exatamente em 1999 e divulgado em 2000 que foi o único de seus registros e produção de sua pesquisa com Romana. Recebeu menção honrosa na categoria Ecologia e Espiritualidade do FICA de Goiás. Entretanto, nunca foi disponibilizado em canais audiovisuais devido ao seu formato que foi em VHS. Perguntado sobre, Acampora diz que o mesmo:

Ganhou uma menção honrosa no FICA de Goiás e por certo eles tem arquivo de uma cópia, chama-se O Equilíbrio do Eixo do Planeta..na verdade, uma menção honrosa e já foi muito bom, foi o primeiro prêmio que um filme feito no Tocantins ganhou. Um prêmio e o filme é experimental por força das circunstâncias orçamentárias,

filme feito mais com permutas do que com dinheiro. O filme foi realizado em Betacam, linguagem de mídia audiovisual mais moderno na época e reproduzido em VHS. Anos depois com a matriz tentei uma primeira cópia em DVD e não deu certo, com uma péssima definição de imagem, tenho ainda a matriz em Betacam.

Nesta época Siqueira Campos ainda não tinha doado a atual casa para Dona Romana, todo o filme se deu por meio dela narrando sua mitologia dentro de seu sítio juntamente com suas pedras, além de registrar a primeira casa de Dona Romana, uma casa de adobe que ela mesma fez para morar que ficava mais no canto de seu quintal. Acampora diz que durante o entardecer e a noite a filmagem foi à luz de velas, já que não é aceito até hoje luz elétrica, salvo por uma exceção, a festa da Folia do Divino Espírito Santo e São Cosme e Damião. Deste modo, o filme abordou essencialmente o encantamento de Acampora por Romana, como ele diz a seguir.

No filme estava encantado por suas formulações holísticas e suas previsões, sua arte, desenhos, esculturas, seu ateliê sagrado... o filme se ocupa disso, do aspecto mitológico, holístico e ecológico de suas emanções.

Infelizmente, até hoje não conseguir ter acesso a essa obra, mas ainda continuarei buscando meios para assisti-la. Reis (2008) menciona na introdução de seu trabalho que chegou até Dona Romana por um filme dirigido por André Costa e Tito Nogueira, onde ela abordava tudo o que era Romana e sua arte, Reis (2008) diz que esse filme, assistido tão despreziosamente foi uma “Eureka” em sua pesquisa para o mestrado. Tito Nogueira, amigo de Reis, filmou “Todos os Tempos São Um” de 34 minutos em 2005. Foi exibido na Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro no dia 15 de julho de 2006, na Sessão Alma em Trânsito do Cineclubes ABD&C.

Acabei descobrindo que houve também outro filme, Dona Romana e o Grande Eixo da Terra (2011), do fotógrafo Paulo Rezende, este filme curta-metragem foi filmado durante três viagens ao Tocantins, de fevereiro a setembro de 2011. Foi submetido a vários festivais como o FestCine 2012.

João Fernandes na câmera, produção e assistência de direção e Márcio das Cobras como assistente de produção. “Usamos uma câmera digital, leve.” A trilha sonora é de Donizete Lopes, músico de Alto Paraíso. Mixagem e a masterização ficaram por conta de Randal Braz. O curta é uma parceria entre a Lesma Produções e o Espaço Infinito. (Disponível em: <https://adaltoalves.wordpress.com/2012/03/15/fora-do-eixo/>)

Rosa (2015) conseguiu uma transcrição do filme onde Romana explica o que é de fato o Fundamento, trago a transcrição a baixo para entendermos um pouco do filme.

Segundo as orientações que eu recebo, esse trabalho é para a firmeza do grande eixo da Terra. É que eles dizem que o grande eixo está no Tocantins e aí quando a Terra inclinou e ela saiu do lugar então quebrou muito fio e esse lugar aqui, é um lugar que tava esses fio tudo junto aqui, né? Então eu [...] cada peça que me oriento pra fazer, eu faço em cima de cada fio, só que é uma coisa que eu não vejo, mas sei que tá aqui [...] É uma missão, né? É uma missão que eu recebi, quero fazer e pronto. Eu sou uma pessoa que nunca fui numa escola, eu não sei nada, mas sou obrigada a tá trabalhando com os astros mesmo sem saber, mas por conta deles. Vão mostrando e eu vou copiando, ouvindo tudo que eles falam e, tá aí. [...] É, segundo essas orientações, você viu que começou em 2004 com a Tsunami, e daí pra cá, lá embaixo nunca parou. Aqui no nosso Brasil é que tem dois anos que começou devagarinho, mas ela vai chegar até aqui, até nós, porque o grande baque ainda tá chegando, né? Ele tá chegando. Eu pensei que já ia acontecer no mês de... Eu pensei que o grande baque, eu toda vida pensei que era agora em agosto, porque ele disse que em julho ia acontecer uma tremurinha, né? E que nós ia ficar muito apavorado. Mas aí, graças a Deus, com tudo que eles deram, né? com tudo que a gente riscou, que a gente preparou, então não aconteceu, né? As vezes as pessoas podem achar que é uma loucura, mas isso a gente também não preocupa porque já sabe que a gente é bem louco mesmo, né? De segurar a Terra pra que ela não trema, mas é a ordem do que eles me falam: que cada coisinha que por no lugar, que fizer, né? Que toda a humanidade fizer é uma ajuda pra nós mesmo, né? Cada um que tá cuidando da sua firmeza, fazendo as obrigação que vem pra cada um, né? Então nós mesmo que vamos nos poupando nosso próprio couro. [...] essa é uma ordem que eu recebo pra guardar essas coisas, esses camburões todos aqui são sementes, isso aqui no meio da casa tudo é semente. Esses saco aqui são roupas calçados e vasilhas. Então o povo agora deram pra trazer muita vasilha e a gente vai ensacando e vai guardando. Aquelas duas partes pequenas lá no fundo são folhas, que vai servir pra fazer chá para as pessoas durante os dias que não tiver o verde. Essas duas partes aqui são remédios que eles vão mostrando e a gente vai fazendo, vai guardando, esses garrafãozinhos que tão aí misturados são águas de madeira, que vem de todo o lado e a gente guarda. Essa água pelo levantar do grande eixo que acontecer na “grande hora”, aí aqui é um lugar que está sendo preparado a espera desse grande momento. Eles dizem que aqui é o lugar que vai chegar milhões de pessoas nú e a gente tem que vestir, tem que dá comida, dá água, dá o remédio, para que aconteça que a Terra se acalme e cada um vai tomar conta das suas próprias vidas. E aquele tanto de bicho que ceis tá vendo aí, né? Eu ganho, eu compro, aonde tem algum bicho que é pra vir pra cá, eles mandam e eu vou lá, só vou pra comprar aquilo, né? Aí eu compro, né? Eu compro, trago e boto lá, porque eles dizem que todos os bichos que não é para perecer na catástrofe, eu tenho que registrar eles aqui, né? (Documentário Grande Eixo da Terra, 2011, IN: Rosa, 2015, p. 104)

Um dado muito importante que me foi possível descobrir com a ajuda do amigo e artista plástico Pablo Marquinho é um grande círculo dentro da mata que fica em frente ao que é hoje a entrada do Fundamento de Romana. Localiza-se outro lado da rodovia que leva a cidade de Dianópolis. Quando questionada sobre o que era aquele grande círculo, Dona Romana se mostrou inicialmente surpresa e em seguida quis desviar falando de outra coisa, nessa hora insisti, ela acabou por me dizer que aquele círculo foi feito muitos anos antes de ela ter sido chamada para sua missão. Ela não sabe exatamente quando foi feito e nem quem fez, mas diz que sabe que tem muitos anos que o círculo foi feito a pedido dos Três Curadores.

Esse círculo me foi possível ver agora, pois, segundo Romana antes era “fechado”, os

Três Curadores não tinham liberado para ninguém ver. E que ele é cheio de peças de pedra como é o seu Sítio, e que na verdade, esse círculo é a preparação para o seu Fundamento. Sem aquele círculo de preparação o Fundamento não existiria, pois desde quando o círculo foi estabelecido, o eixo da terra que se encontra embaixo da serra de Natividade – que fica em frente ao seu sítio -, começou a ser despertado/preparado para o seu levantar, por isso o Fundamento que Romana fez com suas próprias mãos acabou existindo, pois ele era a última parte que a Terra necessitava para ser grampeada.

Figura 3 – Fotografia por satélite de todo o Fundamento. Saída de Natividade para Dianópolis.



Fonte: Extraída de Google Maps (2018) da TO- 280

Legenda: Fotografia feita pelo sistema de satélite do google e modificação realizada por Botelho.

Quando perguntei se eu poderia ir até o local, Dona Romana me disse que eu poderia ir, mas não iria encontrar nada lá, pois, a permissão de ser visto foi dada apenas por cima. Neste momento confesso que fiquei com muita vontade de ir, entretanto, teria que adentrar a mata fechada até chegar lá, se é que eu conseguiria encontrar de fato. A mim ficou nítido que Romana não queria que eu fosse, então respeitei.

No mais, os filmes aqui citados foram a forma como esses diretores registraram Dona Romana, todas as iniciativas possuem uma grande similaridade, todas elas deram voz a Dona Romana, o que os difere das reportagens analisadas no tópico anterior, onde a voz de Romana foi silenciada. Ao contrário, nos filmes a narrativa de Romana sempre foi explorada e

evidenciada nas produções. O que nos permite avaliar que os termos preconceituosos a ela empregados vêm de uma carga racista da região, assim como, discriminação e intolerância religiosa. Sobre isso, conversaremos no subtítulo a seguir.

1.4 A perspectiva das pessoas sobre Romana

Quando de fato defini meu objeto de pesquisa durante várias avaliações, conversas e pesquisas com amigos, familiares e o orientador, algumas pessoas chegaram a me perguntar se de fato eu iria fazer minha pesquisa com “a louca lá de Natividade”. A princípio achei que era o famoso preconceito religioso que os “crentes” da vertente protestante do cristianismo sempre tiveram, afinal, essa é a crença e filosofia de vida que desde os 14 anos escolhi seguir.

Depois comecei a perceber que os estereótipos de “macumbeira, feiticeira e louca” estavam em uma amplitude maior, não somente pessoas de minha religião vieram me questionar sobre isso, mas até pessoas sem nenhuma religião. Tudo acabou por se evidenciar quando fui pela primeira vez à Natividade para enfim conhecer a mulher alvo de minha investigação. Foi em 7 de setembro de 2017. Ao conseguir uma carona que me deixou na porta da casa de dona Romana, eu pude de fato ter um choque e estranhamento diante de tudo o que estava a minha frente.

A arte de dona Romana, ou melhor, trazendo para termos mais pessoais dela, a família de dona Romana é algo indescritível. Assusta e ao mesmo tempo deslumbra, foi essa a sensação que tive no momento, a ponto de ficar algum tempo parada em frente ao portal de entrada, apenas observando estagnada tudo o que compõe o Sítio Bom Jesus de Nazaré, não tenho a menor ideia exatamente de quanto tempo foi esse sentimento de estagnação.

Certa vez, conversando com um amigo que também tinha ido conhecer Dona Romana, o mesmo me disse que aqueles portais se parecem - estruturalmente falando, não proporcionalmente - aos portais de castelos antigos. Pesquisando sobre isso, notei que os castelos medievais portugueses, possuíam uma estrutura arredondada nas extremidades, ou seja, as torres de menagem, que era onde eles vigiavam e se protegiam de ataques e possíveis invasões. Além disso, normalmente eram feitos de pedras que se tinham disponíveis para cercar todo o território do castelo. O que me faz lembrar de todo o mundo que cerca o sítio de dona Romana.

Figura 4 - Castelo de Montemord – O velho (Portugal)



Fonte: Google imagens, por meio do site www.sleeklab.com. Tirado pelo #FLICKMAKER_660.

Tanto os portais existentes nos muros de pedra canga que cercam sua casa quanto os portais que dão acesso à grande área de registro que fica dentro do galpão onde se estoca roupas, calçados, remédios; sementes, comida, água e livros, possuem uma mesma estrutura: são circulares, estreitos e divididos em passagens direita e esquerda. As estruturas dos portais de Romana, sempre arredondadas também se assemelham aos portais de acesso a antigos castelos medievais na Europa.

Figura 5 - Portal de acesso ao castelo medieval em Alsácia, na França



Fonte: Titov (s/d)

A mim hoje fica muito claro que Dona Romana não prevê apenas um grande cataclisma ecológico e geográfico na Terra, mas também se prepara para um momento de caos, que segundo ela será por cerca de 2 anos, caos humano, pois sua previsão é que não haverá nada na Terra que se possa consumir, nem verde, nem água, onde ela terá que cuidar de todos que lá aparecerem pedindo ajuda, o que a obrigará a proteger seu território de possíveis ataques.

Figura 6 – Portais de Romana



Fonte: Botelho (2018)

Legenda: A primeira imagem é do portal dentro do galpão já a segunda imagem é do portal de entrada do sítio.

Os portais para mim são as torres de menagem que antes existiam em castelos, pois Dona Romana está se preparando não somente para ajudar pessoas, mas também para possíveis guerras que poderão surgir durante todo esse tempo em que a Terra necessitará para ser renovada. Neste dia, notei diversas coisas que serão explanadas mais futuramente de modo mais detalhado, além de conhecê-la, neste dia também recebi o seu sim para pesquisá-la, assim como a garantia de que teria abrigo e comida nos dias que lá passasse.

Notei logo que, Romana é sim uma mulher muito silenciada pelos meios de comunicação, como vimos acima, Romana é tida como um patrimônio de Natividade e acaba sendo resignada a isso, a um ponto turístico e artístico. Sua real missão e sentido sempre são tratados de modo secundário, e quando são tratados acabam sofrendo equívocos. Desse modo, se faz importante entender Romana não apenas como os meios de comunicação a entendem, urge-se uma compreensão mais abrangente diante de tudo o que ela realmente quer dizer e diante de tudo o que ela produz e expõe a todos que lá vão.

Sabendo que sua comunicação é voltada ao visual-corporéo, Romana é uma mulher que possui sua mitopoética repleta de presenças do mundo invisível, onde ela busca sempre transportar para nossa realidade. Entendendo mitopóetica como a união entre mito – cosmogônico, aquele que reporta ao modelo exemplar de toda a criação (ELIADE, 2010) – e poesia, deste modo, criando um universo ficcional, cria por meio de suas obras, festas e narrativas mitos de uma nova era, essa que já está acontecendo. Assim, sendo uma exímia bricouler, Romana também faz uso do pensamento mítico para compor sua mitopoética.

[...] em nossos dias, o bricoler é aquele que trabalha com as mãos, utilizando meios indiretos se comparados com os do artista. Ora a característica do pensamento mítico é a expressão auxiliada por repertório cuja composição é heteróclita e que, mesmo sendo extenso, permanece limitado entretanto, é necessário que o utilize qualquer que seja a tarefa proposta, pois nada mais tem à mão. Ele se apresenta, assim como uma espécie de bricolage intelectual, o que explica relações que se observam entre ambos (LEVI-STRAUSS, 1989, p.32).

Sendo o pensamento mítico aquele que permite a construção de uma mitopoética, Romana faz uso do mesmo para desenvolver e materializar “um submundo, aquela mensagem do ignoto, sem endereço e sem pressa de chegar.” (FROTA, 1978, p. 1) para poder de essa forma criar e permitir o acesso de seus médiuns, aos seus lugares imaginários que, são aqueles lugares onde ela adquiriu suas experiências com outros seres vivos, como extraterrestres e astros (como é o caso do asteróide que antes relatei). Esses lugares imaginários são narrativas que sempre se dão através de viagens astrais, criando e permitindo, portanto, comunicações extracorporais tanto a si quanto a seus médiuns, o que

acaba por compor sua memória consciente e corporal.

Silva (2017) diz que mitopoética é a “geradora de narrativas fundantes de seres, objetos, mundos e que por isso, tendem a ser gnômicas que se situam num presente atemporal maravilhoso, o tempo do princípio” (p.89). Assim, podemos entender tudo o que Romana deseja nos passar por meio de suas práticas, pois todas as histórias e obras que se designam como sua missão, é esse lugar específico onde sua vida acaba por tomar um sentido diferenciado dos demais, como também, passa a comunicar a existência de um mundo incorpóreo, ou seja, aquele que está no mundo espiritual.

Como sua mitopoética é paltada em suas obras, festas e narrativas, Romana até agora não tinha um trabalho que evidenciasse e detalhasse como se dá a comunicação desse mundo invisível para o mundo visível, isto é, o que realmente faz parte de sua mitopoética e o que não faz, essa investigação vem justamente para fazer essa distinção. Pois, com isso, pretende-se compreender de fato o que Romana quer dizer com tudo aquilo dentro de seu sítio, para que assim, se diminua todas as narrativas excendetes que pessoas e mídia reproduzem e que não tem relação com o que de fato é Romana e sua obra. Visto que, a percepção das pessoas sob a personagem conceitual Romana de Natividade sempre está permeada no concreto e imaginário.

Mas, voltando ao dia que de fato a conheci pessoalmente, recebi o convite para com ela almoçar e, em seguida, um de seus médiuns me levou para a rodoviária da cidade, lá me deparei com outra coisa. Quando cheguei para comprar uma água antes de viajar o senhor que me atendeu começou a conversar sobre os motivos que me trariam ali, disse que era Dona Romana, ele riu e ainda falou: - Você viu aquelas loucuras que ela guarda lá?!

Dona Romana é uma figura muito discriminada em sua própria cidade apesar de ser muito conhecida, não somente porque ela possui toda uma espiritualidade bricouler e criação mitopoética, mas, principalmente porque ela é negra e descendente de negros escravizados. Alguns pesquisadores que tive o prazer de conversar a respeito também concordam, infelizmente.

Por isso, sua rede de parentesco fica localizada essencialmente na Jacuba, Zulmira – uma de suas irmãs -, mora do outro lado do asfalto, perto da casa onde moravam todos junto com Marcolino. Seu irmão Reinaldo e sua irmã Felizberta moram em outros sítios próximos ao de Romana, todos os três são médiuns formados por Romana. Todas as casas que cercam a região são de pessoas que possuem consanguinidade. O resto dos irmãos moram na cidade, mas nem sempre vão ao Sítio, pois se converteram ao protestantismo e não aceitam as práticas mediúnicas de Romana.

Todos os dias chegam pessoas para receber passe, encomendar garrafadas e até para pedir que Dona Romana acenda velas (sempre brancas, número 8) para que ela possa realizar a limpeza de ambientes e corpo. Essas pessoas são da cidade, das fazendas e até mesmo de outros estados, são essas pessoas que trazem doações, as que moram por perto principalmente. Há várias pessoas também que vão apenas para observar e conhecer e vão embora.

Hoje percebo o quanto a falta de experiência com o desconhecido e com o outro é algo cruel e perigoso, as pessoas que me questionaram sobre a “feitiçeira, a bruxa e a macumbeira” são pessoas que nunca tinham visto nenhum dos filmes acima mencionados. Decidi estudar Romana, por que ela é uma mulher diferente, negra, com alto potencial artístico, espiritual, mitopoético e, acima de tudo, assim como Acampora diz, ela possui todas as raízes regionais e históricas em sua corporeidade e memória, fundando assim, um território próprio e repleto de fluxos e sentidos, tudo isso faz parte de Romana de Natividade.

Desse modo, entender Romana Pereira da Silva é entender também a identidade tocaninense, esse complexo processo híbrido que construímos e carregamos em nossos corpos. Uma mulher negra, pobre, semianalfabeta fez e ainda faz muita diferença em todo o Estado, espantando e deslumbrando as mais diversas pessoas. Romana é uma mulher revolucionária! Decifrar, traduzir e entender de fato Romana e toda sua cosmologia e suas formas de comunicação com tudo o que a envolve é a nossa principal meta.

1.5 O gênero feminino

Quando disse que Romana é uma revolucionária, é devido ela possuir vários elementos que a possibilitam ser uma mulher importante para uma investigação, assim como, um ponto de contracultura no meio da sociedade nativitana e tocaninense. Em meu projeto de pesquisa para esta dissertação, enquanto estava a estudar e refletir sobre quem ou o que seria meu objeto de pesquisa, parti inicialmente para mulheres do Tocantins que possuem relevância social, desse modo me apareceram muitas, depois decidi por senhoras idosas, pois com esse filtro eu conseguiria chegar a performatividade mais clara, visto que, quando se é mais velha, o padrão de comportamento se torna mais fixo e nítido, facilitando a pesquisa, e com isso Romana sempre me foi ficando na lista para uma proposta de pesquisa.

O que me fez decidir definitivamente por Dona Romana e quando usei o último filtro, uma complexa cosmologia. Sempre quis pesquisar mulheres, Romana como uma mulher que ainda tem muito a ser investigado, me vem como uma força potente que une tudo,

cosmologia, gênero, performatividade, corporeidade e território. Visto que, “A mulher relaciona-se, pois, misticamente com a Terra. [...] A sacralidade da mulher depende da santidade da Terra” (ELIADE, 2010, p. 120 e 121).

Não cabe a mim investigar o porquê dela ter sido escolhida pelos Três Curadores para realizar sua missão, mas cabe a mim relacionar a importância de uma mulher fazer tais obras e ritos para compor a sua cosmologia. Sendo a mulher um corpo que historicamente sempre foi assimilado a bruxaria, a prostituição e a loucura, isso devido a fato de ser sempre em submissão ao corpo masculino, Romana assim como outras mulheres que sempre desobedeceram essa lógica patriarcalista, é uma revolução. Revolução essa que não se pauta em revolução alicerçada na luta, mas sim na ação de perseverar naquilo que se acredita.

Romana é uma mulher, negra, idosa, semianalfabeta, exímea artista, líder espiritual e social, nada acontece no Centro Bom Jesus de Nazaré sem que ela antes permita, o que foge totalmente ao patriarcado, Romana instaurou em sua comunidade a lógica matriarcal, o que faz com que todos que lá moram ou frequente a siga, crianças, homens e mulheres.

O fenômeno social e cultural conhecido como matriarcado está ligado à descoberta da agricultura pela mulher. Foi a mulher a primeira a cultivar as plantas alimentares. Foi ela que, naturalmente, se tornou proprietária do solo e das colheitas. O prestígio mágico-religioso e, conseqüentemente, o predomínio social da mulher têm um modelo cósmico: a figura da Terra-Mãe. (ELIADE, 2010, p. 121)

Dentre as várias imagens que Romana assume diante de sua função aqui na Terra - mãe, amiga, líder; santa, sábia, xamã; elo de comunicação com o mundo espiritual, - Romana também assume a imagem de Terra, pois além de ser a dona das terras que contém seu Centro/Sítio/Fundamento, é ela que provê não somente o sustento de sua comunidade, mas também a energização do planeta e a preparação para o Grande Dia.

Vínculos simbólicos estreitos se tecem entre o corpo da mulher e seu ambiente, os quais influem sobre o processo natural ou sobre suas ações costumeiras, como se o corpo, transformado pelo escorrimento do sangue, tivesse então a faculdade de se expandir para fora de suas fronteiras para modificar igualmente o ordenamento das coisas da vida. (LE BRETON, 2016, p. 104)

Romana dentro de sua corporeidade está totalmente ligada ao mundo espiritual, à sua comunidade, ao ambiente do Tocantins e do Brasil, a Terra e aos outros corpos que sempre se achegam para participar de toda a corporeidade constituída por ela. Romana interliga sua terra, com o Tocantins, com o Brasil e com o Mundo. Da mesma forma como interliga o mundo invisível com o mundo visível, por meio de suas festas e rituais. Tudo isso por acreditar que o povo brasileiro possui uma estrela grande, brilhante no peito, o que o

diferencia de todos os outros povos das outras nações.

Romana condensa em seu corpo e corporeidade a imagem da mãe-natureza, que protege e que mantém. O que mostra que ser mulher, explica toda essa facilidade de relação não somente com o mundo espiritual, mas, também com a natureza e com as pessoas que a cercam. O que me faz compreender que todas as repressões, submissões, cláusuras, mortes e exclusões que as mulheres em toda sua história sofreram e ainda sofrem, está atrelado substancialmente a capacidade de incompreensão desta capacidade feminina de estar ligada intimamente ao corpo, a natureza e ao cosmos. Coisa que fato é favorável predominantemente à mulher.

2 O CORPO-CASA DE ROMANA

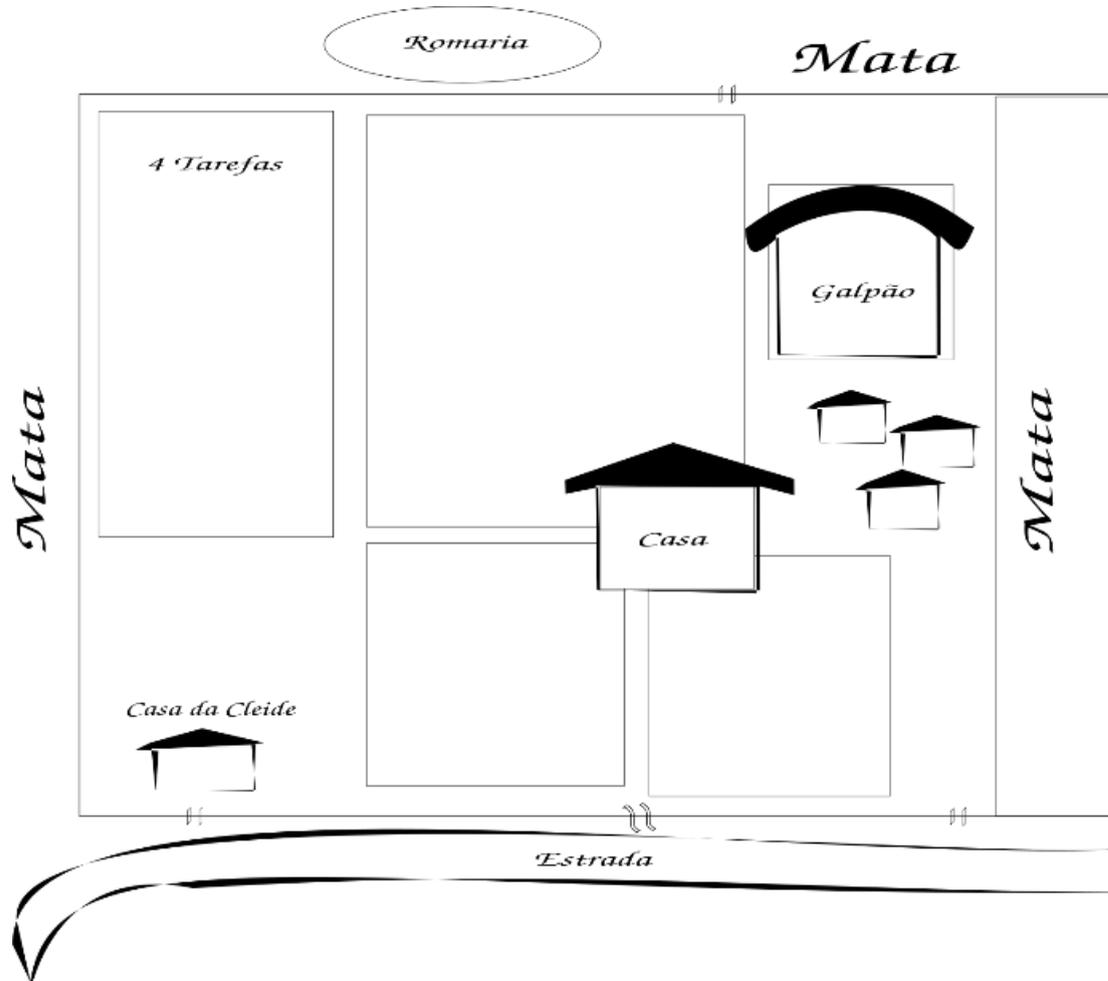
A casa e o espaço social tradicional inscrevem o homem em um universo construído sob medida. Prolongamento talhado pelo homem através de seu corpo, extensão cultural deste último, sua habitação lhe assegura uma segurança ao mesmo tempo física e moral (LE BRETON, 2016, p. 133).

Ao chegar à Cidade de Natividade, percorrendo a distância de 200 km da Cidade de Gurupi, faço já com segurança as curvas do trevo que me direciona a estrada que leva a Dianópolis, antes viro a esquerda, depois de 4 km percorridos, pois, antes mesmo de chegar à porta da cachoeira do Paraíso – um dos pontos turísticos do meu Estado e preciosidade da região devido a sua característica bela de ser transparente e ao mesmo tempo esverdeada -, há outra bela singularidade que é possível encontrar apenas no Tocantins, o Sítio¹⁸ de Dona Romana, o Centro Bom Jesus de Nazaré.

Sigo, andando com cuidado na trilha de chão por menos de 300 metros e me deparo com os limites daquilo que é, segundo Dona Romana, o último Fundamento do planeta Terra. Do lado esquerdo da região rural denominada Jacuba há um muro construído de pedra canga em uma extensão de mais de 2 km e dentro desse muro várias formações humanas de diferentes épocas, animais e objetos que remetem à várias culturas como: Egípcia, Maia e Asteca, assim como culturas não conhecidas.

¹⁸ Sítio foi empregado aqui por fazer referência as terras que são de posse de Dona Romana na Jacuba.

Figura 7 - Croquí do Sítio de Romana



Fonte: Marquinho (2019).

Desço, portanto, da moto, tiro o capacete, e contemplo toda vez que lá vou, aquilo que é uma incógnita para muitas pessoas, e que, para mim começa a se desnudar em forma de ciência e também de vida física (arte) e espiritual. O sítio na Jacuba é a herança de Marcolino Pereira da Silva, homem muito admirado pela família e pelos conhecidos ainda vivos de toda a região nativitana por ser um homem trabalhador e extremamente caprichoso em seu ofício de ferreiro e tantos os outros que, em vida teve que aprender para poder, desse modo, manter sua família de 18 filhos no interior do Tocantins, região essa que ainda era o Estado de Góias, sem nenhuma estrutura ou premissa de desenvolvimento. Hoje a Jacuba continua sendo a Jacuba, só que com outro significante, a Jacuba de antes - que era as terras de Marcolino -, hoje é a Jacuba de Romana, sua filha mais velha.

Entro pelo portal, e passo então por todas as obras que em frente da Casa residem, o verbo residir foi empregado de modo preciso aqui, pois cada escultura, objeto e imagem que há no sítio de Romana é um ser vivente, que escolheu estar ali, possui desejos, fazem

pedidos a Dona Romana, cantam para ela e são repletas de energia, as garrafas *pet* cheias de água que ficam ao pé de cada obra é exemplo de seus desejos e uma necessidade de se retroalimentar e se energizar. Romana me disse que água é vida, o que justifica os pedidos das peças e, por isso ela mantém essa fonte de vida aos seus pés. É a forma como as obras se energizam e conectam com o cosmos. A água é o elemento que, de certa forma rege a Casa.

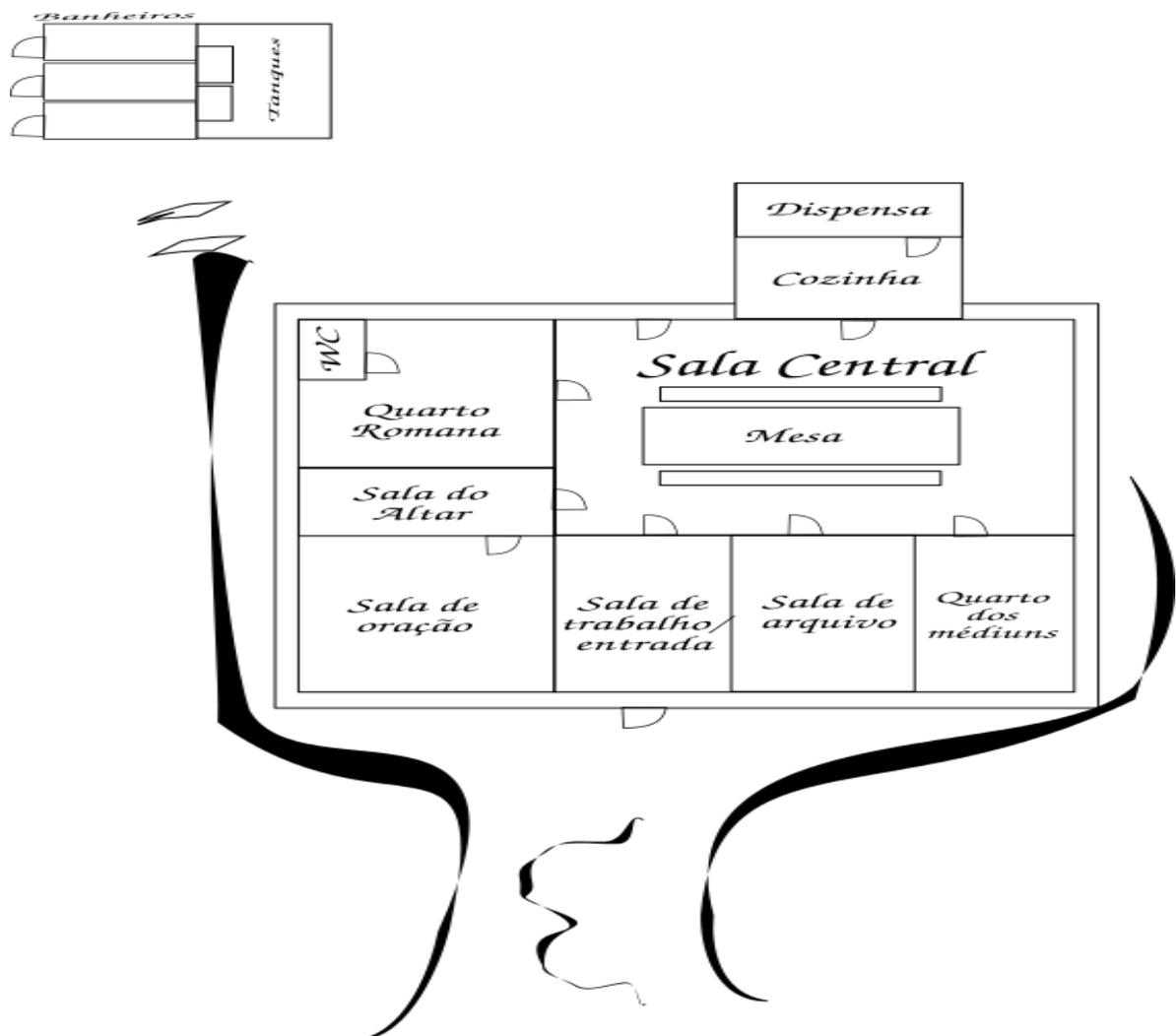
Figura 8 - Esculturas chamadas de “peças” por Dona Romana e suas garrafas de água



Fonte: Botelho (2018)

Ao adentrar a Casa, entro pela sala que já me possibilita ver outra sala à esquerda, sempre escura com velas acesas em altares repletos de imagens de santos. Tanto as paredes da sala do altar quanto às da sala de entrada são primorosamente pintadas pelas mãos de Dona Romana, imagens enormes, muitas delas iniciando na parede logo abaixo do teto e finalizando acima do rodapé, tomando toda a extensão da parede. As pinturas são todas facilmente identificáveis, normalmente são santos conhecidos por nós – Santa Barbára, São Cosme e Damião, Zé Pilintra; Santa Luzia, imagens de Jesus e Deus Pai, entre outros -, assim como há desconhecidos, ou melhor, conhecidos apenas por Dona Romana. No centro dessa sala há um grande suporte de água, uma tigela grande de cimento. Para quê?! Simples, é vida! A Casa precisa.

Figura 9 - Croquí Casa de Dona Romana



Fonte: Maquinho (2019).

Figura 10 - Sala do Altares e Bacia de Cimento



Fonte: Botelho (2018)

Figura 11–Fotografia das pinturas feitas nas paredes da sala



Fonte: Botelho (2017)

É muito comum encontrar em suas obras, tanto pinturas quanto as peças de pedra e cimento escritos em latim e até mesmo em uma língua desconhecida. Cheguei uma vez a tirar fotos e tentar comparar os escritos com as línguas dos Maias, Incas, Astecas e até mesmo os do antigo Egito. Entretanto, sem sucesso, os que não estão em latin, é a forma de comunicação cósmica própria da comunidade, que se dá nesse caso em dois estágios. A primeira e entre ela e seus líderes espirituais (Os Três Curadores) e a outra e entre os médiuns dela com seus respectivos espíritos, que eles chamam de guias ou simplesmente chefes ou pai de cabeça.

Como todo tipo de comunicação da comunidade se inicia em Romana, ela estabelece inicialmente ligação com os Três Curadaores, já que são eles os espíritos responsáveis pelo Centro, os chefes de terreiro. Depois disso, Romana começa a se comunicar com seus

médiuns, que em seguida, passam a comunicar com seus guias e com Romana. Tudo o que os médiuns recebem de seus guias eles passam para Dona Romana, e vice-versa.

Figura 12 – Fotografia das Escritas na parede e cravados nas peças



Fonte: Botelho (2017)

Figura 13 - Fotos das pinturas existentes nas paredes da Casa



Fonte: Botelho (2017)

Contínuo entrando e passo a chamar por Dona Romana, sempre olhando as hipnotizantes paredes da Casa, rapidamente um dos médiuns de Dona Romana chega. Sempre nos comprimentamos com um aperto de mão, um sorriso, abraços são muito raros, normalmente apenas em pessoas que já se conhece há muito tempo, pois o abraço para eles é capaz de passar e receber energia corporal da outra pessoa. Eu já sou abraçada, devido à convivência que tem sido todos os meses, e também por ser segundo eles, uma pessoa de energia leve e boa. Rapidamente chega ela, uma das mulheres de maior respeito e estranhamento dentro e fora do território tocantinense.

- Eai, como é que vai essa figura?
- Benção, Dona Romana.
- Jesus que te abençõe minha filha! (sempre com um sorriso e nos abraçamos)

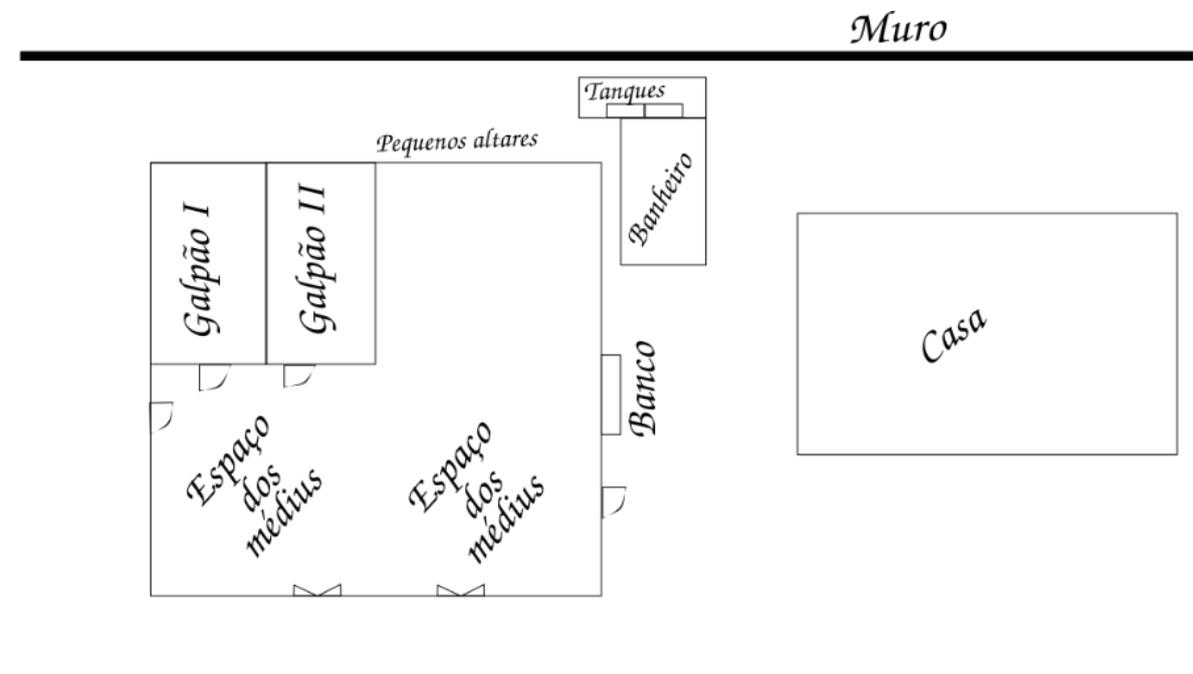
Para quem é visitante da Casa, os chamados“curiosos”, Dona Romana sempre pergunta o que deseja, receber um passe, remédio ou conhecer o Fundamento, que ela sempre diz: “As loucuras de Romana”, mas, para quem já é do convívio ela normalmente se senta do lado direito da grande mesa de quase 5 metros de comprimento que fica no meio da sala central da Casa - essa sala que é o coração da Casa -, na ponta do banco de madeira e começa a prostrar. Sua prioridade sempre são os visitantes, mostrar o Fundamento para as pessoas que lá vão é uma de suas missões.

Para que as pessoas vejam o seu quintal devem ser acompanhadas, é a sua única condição, em grande parte quem mostra tudo é a própria Dona Romana, apenas quando ela ainda está atendendo alguém ou quando está muito cansada, e que seus médiuns fazem essa tarefa.

Sempre é da mesma forma, encontram com ela na sala de conversa – o coração da Casa -, descem para o Jardim de Pedra como diz Bodnar e Araújo (2013), que passando pela cozinha da Folia do Divino Espírito Santo – que sempre está fechada, essa só é usada nos dias de festa, os demais dias a mesma permanece trancada -, passam em seguida por outro pequeno portal que fica ao lado, onde há um caminho por entre outras grandes peças de pedra, madeira e arame, chegamos a um dos limites do muro, onde tem outra fenda, onde passamos e chegamos ao grande galpão de armazenamento, que depois de ser visitado, o percurso de volta é feito, só que passando pelo outro lado da fenda. Tal percurso acaba por se finalizar dentro da sala dos Três Curadores, onde algumas pessoas pegam seus remédios ou recebem o passe.

Ao chegar lá Dona Romana normalmente tira do bolso de sua roupa sempre branca uma chave muito importante. A chave que guarda todo seu tesouro de armazenamento. Esta chave foi feita por seu pai, Marcolino, quando ela fez sua primeira casa, uma de suas relíquias, ele a presenteou com a chave e conseqüentemente com suas engrenagens de fechaduras que deviam ser instaladas na porta. Atualmente, o galpão tem se mantido aberto por causa de Vanda e agregados que moram lá, mas nunca o mesmo fica sem vigilância.

Figura 14 - Croquí da area do Galpão



Fonte: Marquinho (2019).

Quando se passa a porta do galpão, percebe-se a grandeza do espaço, do lado direito há um espaço cercado por um pequeno muro e um portal que também deve ser ultrapassado pela esquerda e sair pela direita. Dentro desse muro, há um grande espaço circular onde se guarda estátuas, armas, livros; santos, artesanatos em forma de extraterrestres e animais, também há grandes caminhões de arame e madeira que Dona Romana fez com “os meninos”, seus médiuns, lá, o círculo de registro, ela coloca tudo o que não deve perecer no grande dia que a Terra voltar ao seu eixo normal.

Esse grande lugar de registro é cercado por 4 pequenos altares em formato de templos que ficam nos cantos das paredes, sempre em vigilância. Dentro, se encontram pequenos santos, palha e outras coisas que Dona Romana não sabe para que, mas que devem lá ficar.

Figura 15 - Fotografia do Menino Jesus em frente a um dos pequenos altares



Fonte: Botelho (2018)

Figura 16 – Fotografia dos Detalhes dos altares pequenos





Fonte: Botelho (2018)

Legenda: Detalhes das Imagens dentro dos pequenos altares, velas e copos com água

Figura 17 – Fotografia “Inscrições no Círculo de Registro”



Fonte: Botelho (2018)

Saindo do grande círculo de registro e seguindo adiante entramos por uma fenda entre mais um pequeno muro de pedra canga e nos deparamos com camas para os médiuns. Camas essas que são de Vanda e outras são de doações mesmo, é sempre em uma dessas camas que durmo durante as visitas de coleta de dados. A esquerda se encontra duas portas, cercadas com inscrições parecidas com as que estão na espada de madeira do grande círculo de registro, Dona Romana me diz que não sabe o que está inscrito, mas é quase igual aos escritos que ela viu quando visitou Atlântida.

Dona Romana sempre diz que tenta fazer igual ao que ela vê, mas nem sempre consegue. Dentro dessas portas há várias plateleiras de cimento embutidas nas paredes contendo remédios, roupas, vasilhas; copos, calçados, livros; comida, muita água – inclusive ela me mostra como fez para equilibrar todas aquelas garrafas *pets*, virou as pontas, para poder empilhar e nos espaços vagos ela ainda colocou garrafinhas *pichulas* cheias de água, sementes, folhas e banhas de vários animais. Tudo guardado para ser usado no grande dia.

Do final do ano de 2017 para janeiro de 2018 houve uma ordem para limpar e reorganizar tudo na Casa, pois até para se fazer faxina deve-se ter permissão. O que me faz lembrar Douglas (2017) quando diz que “a impureza é essencialmente desordem.”(p.6), isso porque para Douglas a impureza representa um pólo oposto ao sagrado, todo o conjunto de construções dentro do Centro Bom Jesus de Nazaré¹⁹ representa não apenas o sagrado para Dona Romana e sua comunidade, mas sim algo até mais pessoal, representa uma família, por isso, há muito cuidado com tudo o que há, assim como também deve se haver permissão para tudo aquilo que se está em desordem.

Douglas (2017) nos diz que “Onde houver impureza, há sistema” (p. 30), no Centro Bom Jesus de Nazaré é possível se averiguar isso, visto que, para cada objeto, cerimônia, assim como a própria rotina da Casa obedece a um padrão de comportamento, seja na limpeza, seja nos afazeres rotineiros ou ritualísticos, sempre há um modo certo de se fazer tudo. Quem orienta tudo o que se faz na Casa é Dona Romana, que apesar de não conseguir mais fazer tudo o que a Casa necessita e atender às ordens dos espíritos guias, é a responsável por sempre dizer a seus médiuns as orientações cabíveis para cada coisa. Lembrando aqui, que todos esses afazeres podem sofrer modificações a cada instante, pois tudo segue a norma dos espíritos, assim como o gosto apreciativo da Casa.

A limpeza começou com o galpão, demorou cerca de 3 a 4 semanas para limpar tudo, retirar os sacos rasgados e colocar as coisas em sacos novos, juntar as sementes que os ratos derrubaram, nessa tarefa Dona Romana só orientava devido as suas limitações, os homens fizeram mais o serviço pesado de limpar e organizar o depósito que há muito tempo não se organizava.

Os médiuns homens normalmente sempre fazem os afazeres mais pesados, mas não há distinção entre serviços na comunidade. Segundo os relatos de Waterson (1990) em seu livro “The living house: an anthropology of architecture in South East Asia”, que relata uma

¹⁹ Importa aqui dizer que, a nomenclatura para designar a comunidade de Dona Romana “centro” foi empregada devido à comunidade ser muito religiosa, ela é uma comunidade onde sua base é espiritual. Deste modo, pretende-se deixar claro que, mesmo sendo um centro, também continua sendo a Jacuba, assim como comunidade de Dona Romana.

pesquisa sobre os sistemas de parentesco entre as pessoas e suas habitações no sudeste da Ásia, entre o povo Toraja, me faz lembrar quando ela relata que, os Torajas não fazem muita distinção de gênero.

No Centro Bom Jesus de Nazaré isso é perceptível, assim como notei uma estrutura hierárquica entre os médiuns, essa estrutura tem Dona Romana como líder principal, a que organiza, providência, orienta e rege toda a educação e afazeres do Centro. Danilo, um jovem médium que apesar de não ser ainda um pai de santo, é respeitado pelos espíritos como se fosse por desempenhar um trabalho árduo em todas as atividades. Depois vem os médiuns mais velhos (Tia Otávia, Tia Maura, Kreni, Vilmom) formados por Dona Romana nos tempos da fazenda Bizarria, são eles que conduzem os trabalhos²⁰, e por fim os outros médiuns, tanto os que estão iniciando agora sua “missão” quanto os que já estão formados (Vanda, Maria, e todos os outros).

Foi notável a distinção entre idades, os mais velhos sempre são mais respeitados, o que nos orienta para a própria cultura da região, sendo exemplificada até mesmo pelo ato de pedir benção aos mais velhos quando se acorda ou chega na Casa. Todavia, não há distinção entre gênero na Casa, não há espaços designados à mulher ou ao homem, lá os afazeres são divididos diante da aptidão de cada um, onde você for melhor é lá que você irá trabalhar, é a sua missão, exceto quando há alguma orientação específica dada a um médium de forma exata.

²⁰ Trabalhos é como eles chamam os momentos de gira e incorporação de cablocos e outros guias em cerimônias que acontecem sempre as segundas, quartas e sextas, após a reza noturna, o terço sertanejo.

Figura 18 - Fotografia do Portal e Salas do Galpão





Fonte: Botelho (2018)

Legenda: As imagens são do portal de acesso às salas, o interior da primeira sala e em seguida o interior da segunda sala.

2.1 Os trabalhos de risco

Quando cheguei para mais uma das visitas de coleta de dados, no dia 8 de janeiro de 2019, Vanda estava terminando de limpar a sala do arquivo, que é uma sala onde se guarda livros, as peças cirúrgicas²¹, e todos os trabalhos de risco em cartolina, xamex e também pergaminhos gigantes de quase 3 metros de Dona Romana e seus médiuns.

Trabalhos de risco é uma forma de comunicação que se dá por meio material, a maioria dos médiuns conseguem fazê-la. Acampora (2015) disse que os trabalhos de risco são uma forma de arteterapia, o que concordo e ainda digo que é mais do que isso: Esses trabalhos são feitos com o material que se tem à disposição: lápis, cartolina, caneta, papelão, cadernos, giz de cera e etc.. Eles normalmente são visões que os médiuns tiveram ou simplesmente acaba se concretizando quando os médiuns se preparam e se põe a iniciar.

²¹ Peças cirúrgicas são objetos feitos de chifre de boi repleto de durepox e missangas. Dona Romana diz que no futuro são usados para identificar e fazer cirurgias nas pessoas enfermas. Sua força só será ativada com o virar do grande eixo.

Muitos me disseram que quando começam a fazer o trabalho de risco nem sabe o que vai fazer, mas, quando se concentra e leva o pensamento a deus, a mão começa a ricar e dar contornos, assim acabam por mostrar paisagens, objetos, as escritas simbólicas próprias da comunidade, pessoas, sempre com o viés espiritual. Outras vezes, acabam por revelar rachaduras em camadas profundas do solo.

Figura 19 - Fotografia da Estante de cimento que guarda os cadernos dos médiuns



Fonte: Botelho (2018)

Os desenhos em xamex de Dona Romana são guardados em pastas separadas e armazenadas em uma prateleira que também é embutida na parede. Os desenhos em folhas ou cadernos dos médiuns são colocados empilhados outra estante na parede da frente, era justamente essa que Vanda estava a limpar para amenizar a poeira, e assim, eu comecei a ajudar também. Os trabalhos de risco são parte fundamental da arte e cosmologia de Dona Romana, assim como as peças de pedra, que são as esculturas feitas com materiais não convencionais (pedra canga, cimento, pau, arames e pedaços de espelhos, cerâmicas, etc.). A diferença é que as esculturas são corpos produzidos por Romana, os riscos não, eles são uma

espécie de revelação, visão ou simplesmente a materialização de uma experiência extracorpórea. Durante a limpeza, fui notando isso, assim como me faz voltar a Douglas (2017) onde ela afirma que,

Em primeiro lugar, evitamos a impureza por uma questão de higiene e este comportamento não tem nada que ver com a nossa religião. [...] em segundo lugar, as nossas ideias sobre a impureza estão dominadas pelo nosso conhecimento dos organismos patogênicos. (p. 30)

A ordem de limpeza da Casa se deu devido a uma necessidade que a própria Casa possuía em relação ao acúmulo de poeira. A Casa necessitava ser organizada, limpa, o que precede a ordem que Douglas nos diz que o ato de limpeza traz consigo. Assim como, à necessidade de saúde da própria Dona Romana, que não somente diante de sua idade, mas segundo ela, diante de todo o trabalho de “carregar pedras” que ela realizou pelos muitos anos, sofre com algumas doenças, nesse caso específico de poeira, é a asma. Ou seja, a sujeira, além de trazer desordem ao ambiente, traz consigo também patologias, de modo que os demais membros da Casa também têm medo de ficar com asma ou doenças correlatas.

Diante dessa última etapa de limpeza, ofereci meus serviços e eles o aceitaram. Peguei um pano e comecei a retirar as camadas de poeira dos inúmeros cadernos e, enquanto isso ousei a começar a folhear alguns. Algo muito interessante, percebi que todos os cadernos são assinados por médiuns, cada desenho possui a assinatura, a data e o nome do lugar que estava sendo retratado. Encontrei lugares próximos como Palmas e Taquaruçu, assim como também lugares distantes como Roma, Croácia, Chile; Peru, Argentina, Rio de Janeiro; Alemanha, Austrália, Marrocos e tantos outros que se fosse citá-los eu iria percorrer todos os países do mundo.

Em cada caderno, encontrei inscrições semelhantes em todos os aspectos, essas inscrições formam um código de linguagem único que tanto Dona Romana quanto seus médiuns fazem, mas não entendem o que significado. O grande segredo dessas inscrições é que nunca ninguém a ensinou, eles aprenderam sozinhos, e o mais interessante disso tudo é que há registros de médiuns utilizando esse código em trabalhos no ano de 94 até recentemente, sendo que os mesmos nem se conhecem. Pois há uma grande rotatividade na Casa, eles ficam por um tempo, às vezes até anos e depois vão embora, mas seus trabalhos ficam arquivados sem serem consultados pelos outros médiuns.

Esses cadernos não estão abertos aos visitantes, somente para pessoas que vão lá fazer estudos específicos. A falta de acesso a esses cadernos se dá pela justificativa que, não

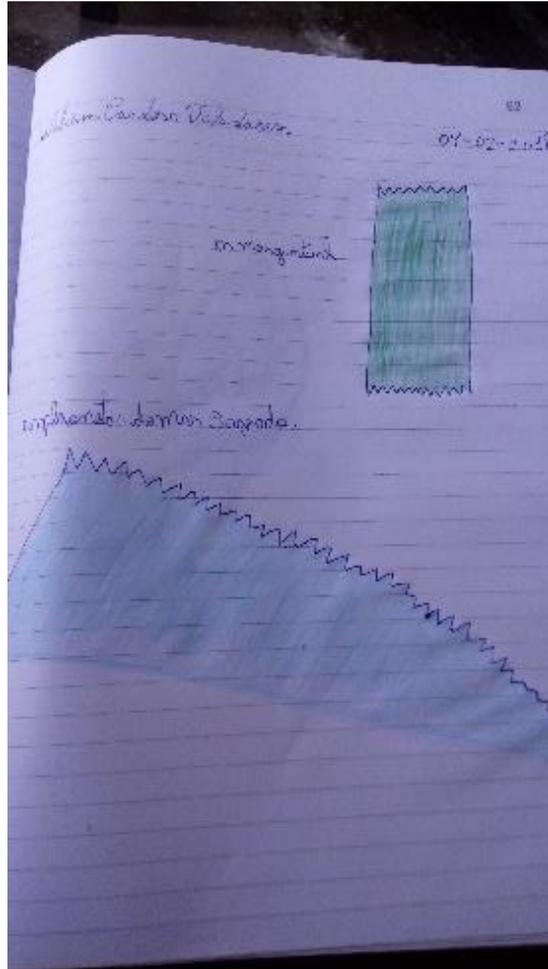
está no momento deles se abrirem ao mundo, segundo eles “o momento está chegando onde as outras pessoas poderão conhecê-los, mas agora não.” Por causa disso, não pude registrar tantas outras coisas interessantes como um código numérico que havia em um desses cadernos, código esse que, vinha depois de várias inscrições, como se fosse uma transformação equivalente do código inscrito para o numérico. Quando questionei sobre, as médiuns me disseram que não sabiam, Dona Romana que durante limpeza dos mais de 200 cadernos ia e vinha para olhar e orientar me disse que, as inscrições eram os nomes das linhas cósmicas que a terra possui, mas também não sabia o que era os números.

Os cadernos de Dona Romana apresentam ou seus desenhos ou trabalho de risco, que são cuidadosamente guardados, assim como ela também não se esquece do que, com eles experimentou. Romana me disse que muitas vezes enquanto está fazendo seus trabalhos vai para outra dimensão, ou para ver algo, ou ajudar algum espírito específico que está necessitando de ajuda. Importante ressaltar que Dona Romana é analfabeta tem muita dificuldade de inclusive de escrever seu próprio nome, mas consegue escrever os nomes dos países que vê em suas visões, assim como nomes desconhecidos, como Tibarujara²², nome que consegui decorar antes que ela guardasse um de seus desenhos.

Figura 20 – Fotografia dos Desenhos



²² Tibarujara é um nome de um dos desenhos de risco dela, ela me disse que não sabe ao certo, mas que a rachadura que o desenho representava se chama Tibarujara.



Fonte: Botelho (2018)

Legenda: Trabalhos de risco e de escrita que consegui permissão do médium que a realizou.

Dona Romana é a única do Centro que possui dois tipos de desenhos, ela faz tanto o trabalho de risco quando os desenhos de estudo. Os desenhos de estudo notei que somente Dona Romana os fazem, são os desenhos de viagens astrais, mapas cósmicos como o mapa de Atlântida, Espigão Oeste, Planetas desta Galáxia e de outras, assim como o Triângulo das Bermudas.

Os trabalhos de risco é o mais comum, quase todos os médiuns fazem, são rabiscos que eles veem ou porque sentem vontade. Importa aqui pontuar que, como tudo no Centro, os trabalhos de risco (desenhos) são uma forma própria de comunicação da comunidade com o cosmos, com a natureza e conosco, humanos. Comunicação essa que se dá pelo corpo, por meio da performance criativa de todos os envolvidos, que normalmente acontece durante os rituais da Casa.

O segredo, enquanto dissimulação de certas realidades, conseguido por meios negativos ou positivos, constitui uma das maiores conquistas da humanidade. [...] o segredo significa uma enorme ampliação da vida, porque muitas das suas

manifestações não se poderiam produzir na completa publicidade. O segredo oferece, por assim dizer, a possibilidade de que surja um segundo mundo junto ao mundo patente e de que este sofra a influencia do outro. (SIMMEL, apud MALDONADO, 2009, p. 235)

Por muito tempo fiquei tentando descobrir o que dizia as inscrições encontradas no Centro, o que significava os códigos numéricos, o que representavam de fato aqueles riscos e aqueles nomes. Pedi diversas permissões para fotografar os cadernos que não possuem somente essa língua desconhecida e os números, mas também desenhos lindos, entretanto, nunca recebi permissão, justamente porque essa e a parte mais antiga, – pois sua realização começou quando Romana iniciou sua missão e perdura até hoje, diferentemente das outras obras, que acabaram por não serem mais produzidas, e quando o são, acontece esporadicamente - e encoberta do Fundamento, permanece em segredo. Simmel (1905), traduzido por Maldonado (2009) diz que o segredo é “como ocultação consciente e voluntária” (p. 225), todos ali sabem que não devem ficar manuseando o arquivo e nem permitindo que outros vejam. Por isso, que não podia perder a oportunidade de folhear enquanto ajudava a limpar.

Encontrei também desenhos ricos em detalhes, feitos pela própria Dona Romana sem nenhuma técnica ou ferramenta, apenas caneta azul ou preta e cadernos. Cada desenho tem uma história peculiar, como o desenho de um ser de forma alongada e quadrada ao mesmo tempo, encostado em uma lança, que mais tarde em um momento que Dona Romana sentiu permissão me contou a história, o ser é habitante da camada amarela de outro planeta que ela teve que ir para realizar estudos. Esse ser pediu a ela que o retratasse, resultando no desenho.

Dona Romana diz que cada planeta, inclusive o nosso, possui camadas cósmicas que são habitáveis por outros seres, não necessariamente cada camada é habitável, mas, algumas são. Essas camadas muitas vezes me causa confusão devido serem ora físicas ora cósmicas para Dona Romana. Há a camada amarela assim como a verde, que segundo a Dona Romana é uma das mais profundas.

Por isso, o "conhecimento" nesse sentido pálido e social e o lugar dileto da "discrição". Esta atitude consiste no respeito pelo segredo do outro - ou seja, pela sua vontade de nos ocultar isto ou aquilo. Consiste em nos restringir de conhecer todos os fatos da condição do outro que ele não revele. Nessa instância, os particulares em questão não constituem realmente um território proibido. (SIMMEL, apud MALDONADO, 2009, p. 228)

Incompreensível a mim sempre foi o fato de eu podendo olhar, ela me explicava o que significava seus desenhos, entretanto, eu não podia registrá-los, ficou claro que eu podia conhecer, com justificava de meus estudos, mas tudo continua em segredo. Desse modo,

aceitei ter discricção sobre esse assunto. O que acabou me surpreendendo mais tarde foi o fato de ter levado minha mãe ao Centro em uma das minhas idas, e alguns de seus cadernos pessoais estava em cima da mesa, o que possibilitou Dona Romana mostrar caderno por caderno, contando as histórias a nós.

Uma das histórias que mais me ficou a mente foi o desenho que os espíritos mostraram a Dona Romana, mostrando do plano de cima, como se fosse uma planta baixa de arquitetura, o Fundamento. Todavia, essa planta não era a natural, não mostrava a casa, as peças e o galpão, mostrava na verdade a construção espiritual do Fundamento. Que em suas portas – três -, na frente, e nas laterais ficavam os três arcanjos, Miguel, Gabriel e Daniel, de cabeças abaixadas e asas abertas encostando as pontas na asa do arcanjo do lado, fechando e guardando a saída e a entrada.

Há quem diga que os desenhos foram feitos com régua e compasso, entretanto, Dona Romana afirma que nem sabe o que é compasso. Seus traços são exatos e precisos, sem nenhum erro ou quaisquer traçados “tortos”, e algo muito exato. Dona Romana mantém tanto seus desenhos em segredo quanto o seu processo de “estudo”, ou seja, ela não fala se estava em transe ou quando faz isso, o que é bem possível durante os momentos de feitura dessas obras, já que ela alega estar em outra dimensão. É nesses momentos que ela muda a fala, e sempre apresenta outra coisa.

Simmel (2009) diz que o segredo pode ser associado muito ao mal, assim como ele atrai muito a atenção e expectativa das pessoas. Quanto maior o segredo maior a atração e importância que normalmente a damos. Eu, por mais curiosa e motiva a descobrir esses segredos do Fundamento, me reservei então à discricção, anteriormente falada.

Do mistério e do segredo que rodeiam tudo o que é profundo e importante, surge a falácia de que tudo o que é secreto deva ser também profundo e importante. O instinto de idealização e o temor natural do homem atuam juntos diante do desconhecido, aumentando sua importância pela fantasia e consagrando-lhe uma atenção que não teríamos prestado a uma realidade que se expressasse claramente. (SIMMEL, apud MALDONADO, 2009, p. 238)

No dia que ajudei no trabalho de fazer a limpeza dos cadernos me ocorreu algo muito estranho, comecei a ficar demasiadamente cansada, dentro de 2 horas de serviço fiquei esgotada a ponto de quase desmaiar, quando coloquei um dos cadernos no chão, por sorte Vanda me apoiou, e sugeriu que eu sentasse que ela ia terminar sozinha. Não aceitei, afinal aqueles cadernos não seriam abertos por mim tão cedo, novamente. Nisso, meu cansaço começou a ficar bastante evidente aos médiuns, assim eles me falaram que todo trabalho da Casa é muito pesado, não somente no físico pela atividade, mas porque tudo na Casa possui

muita energia que acaba por nos atingir. Nesse dia mesmo, não consegui recuperar as forças até quando eles começaram a lavar a casa de tarde.

A princípio não acreditei muito que, aqueles cadernos e estudos pudessem estar me afetando, eu na verdade ainda estava resistente às histórias que outras pessoas me contavam sobre sentir uma energia na Casa e outras experiências sensitivas. Contudo, a exaustão era algo imenso, terminado a limpeza, sentamos lá fora na área da frente, eu e Dona Romana, ela também estava esgotada, outros dois médiuns começaram a jogar água, sabão e esfregar o chão de rejunto²³, nisso foi algo quase que instantâneo, todos nós da Casa começamos a voltar a ter disposição. Conforme a Casa era limpa, nós ficávamos descansados.

Comentando isso com Dona Romana, ela me disse que a cada virada de ano, as energias cósmicas que a Casa centraliza ficam cada vez mais fortes e intensas, isso porque a cada ano novo aproxima a volta de Jesus assim como a reordenação do eixo do Planeta. Nesse momento compreendi que para toda a comunidade do Centro a Casa é um corpo, um ser, capaz de nos afetar, é uma entidade dotada de desejos e tratos, por isso, até sua limpeza deve ser feita de um modo específico. Neste dia, 8 de janeiro de 2017 a Casa foi lavada, mas nos demais dias ela deve ser varrida e depois molhada. A água como sempre norteia todo o funcionamento do Fundamento, seja as peças de pedra, os rituais de passe, remédios ou a própria Casa.

A Casa é um grande corpo que engendra os demais corpos humanos nela expostos. Cheguei à conclusão que a Casa afeta seus moradores, até mesmo Dona Romana. Conforme o que a Casa estiver “sentindo” assim todos estarão se sentindo. Goldman (2003) em uma de suas pesquisas sobre rituais e terreiros de camboblé em Ilhéus-BA, teve uma afetação diante de uns dos rituais, onde ele escreveu “o que importa é que, querendo ou não, levei a história a sério, fui por ela afetado” (p. 450). Foi o que aconteceu comigo, fui afetada, simples assim, o que me fez acreditar nas energias cósmicas e perceber a Casa como uma entidade, e começar a compreender a cosmologia de tudo.

²³ É um tipo de piso só de cimento que com o tempo vai ficando áspero e cheio de relevos.

Figura 21 - Fotografia do Momento de Defumação



Fonte: Botelho (2018)

Terminada a lavagem da Casa, Danilo fez algo muito importante que influenciou ainda mais na disposição que estávamos sentindo, em um suporte de lata furada Danilo começou a defumar a Casa com incenso de pau²⁴, cômodo por cômodo, objeto por objeto. Foi como sentir a sensação de um sopro, todos já estavam alegres, crianças correndo, um médium brigando com um cachorro que não queria mais sair de dentro da Casa. Até mesmo eu que antes estava esgotada, agora já estava super disposta, como se tivesse tomado um banho juntamente com a Casa. Todos se sentiam assim. Voltando a comentar com Dona Romana, ela apenas sorri e diz:

- E só assuntar!

Ressalto aqui a pequena garrafa de pinga que esta sobre a mesa na foto acima, esta é utilizada apenas para a feitura de remédios. As pessoas interessadas na medicina de Romana trazem para ela uma garrafinha dessa, onde a mesma tira a metade do conteúdo e preenche com água, incluindo depois cascas de árvores, ervas e o que mais ela tiver disponível e achar necessário para a cura e reabilitação do corpo da pessoa necessitada. Romana não serve bebidas alcoólicas na Casa, com exceção dos remédios.

²⁴ Normalmente é o pó de cedro e quaisquer paus amarelo.

2. 2 Corpo e corporeidade

Para melhor entendermos conceitualmente essa relação da Casa e esculturas como uma pessoa, um corpo individualizado que acaba por compor e fazer parte de toda a corporeidade que Dona Romana construiu, partimos da perspectiva do corpo sob o enfoque antropológico, nos baseamos como conceito para o corpo o que Rodrigues (1986) nos diz: “[...] o corpo é um fato social. É parte de um fato social “total”, em que cada parte depende da totalidade para extrair o seu sentido. É parte de um “todo”. (p.129). Para este autor, o corpo é uma somatória de combinações que se dão na esfera social, desta forma, o corpo é um fenômeno que se constrói e se desconstrói de forma social, nele se estabelece os elementos fundamentais da vida coletiva. O corpo para Rodrigues (1986) é mais social do que individual.

Para Le Breton (2012) o corpo também é um fato que advém dos vários processos sociais, entretanto, ele traz o corpo sob uma ótica de significante, que é a forma, a imagem de algo, esse algo é exatamente o que nele se imprime, a sociedade. O corpo dentro dessa perspectiva é um meio de comunicação, “[...] o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída [...]”. (p. 7) O corpo é onde a vida acontece para cada indivíduo, à existência se dá por meio de relações que nele e por ele ocorrem.

Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. (LE BRETON, 2012, p. 7)

Em outras palavras o corpo é o receptáculo da experiência, e a experiência se dá por meio do cotidiano de uma sociedade. Sendo que experiência para Dewey (2010) é o próprio processo de viver, “A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. (p.109). O corpo dessa forma não pode ser dissociado dos processos sociais que o cercam, pois “As representações do corpo, e os saberes que as alcançam, são tributários de um estado social, de uma visão de mundo, e, no interior desta última, de uma definição da pessoa. O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si.” (LE BRETON, 2016, p.15).

Há também outro conceito, as corporeidades que, assim como o corpo, são “socialmente construídas” (LE BRETON, 2012, p. 19), a diferença entre corpo e corporeidade é que o corpo é uma parte, a corporeidade seria o todo de uma sociedade particular. A corporeidade, já existente, nos circunda com o mundo repleto de fenômenos que nos

permitem experiências, ela seria de certo modo o conteúdo, o significado, o que o corpo traduz se tornando o significante.

Pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis a compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural. (LE BRETON, 2012, p. 8)

A corporeidade não se limita ao corpo de alguém ou de uma comunidade, mas sim, nas relações existentes entre uma pessoa e outra. Desta forma, a corporeidade engloba tudo o que possa relacionar o corpo com outras pessoas e também com elementos correlacionados, tudo o que envolve o corpo seja de modo tangível ou intangível está dentro da corporeidade existente dentro de uma dada comunidade, afinal, “A corporeidade, que dá ao homem a carne de sua relação com o mundo.” (LE BRETON, 2012, p. 90).

Dona Romana possui um corpo que passou por vários processos de adaptação, sempre foi uma pessoa que morou na zona rural de Natividade, depois ainda criança se mudou para a cidade para trabalhar para senhoras com melhores condições financeiras, fato que adveio o relato de um grande preconceito e racismo que sofreu.

Dona Romana disse que trabalhava na igreja, limpando tudo e deixando tudo sempre organizado, enquanto várias senhoras que também deviam também fazer o mesmo preferiam conversar e rezar. Todas, certo dia, ganharam fitas de voto²⁵, coisa que Romana não ganhou, até que um dia ela foi de encontro a essas senhoras e pediu uma. A resposta que recebeu foi um longo silêncio, seguindo de três justificativas do porque ela não receberia, a primeira é porque ela era criança, a segunda é porque ela era pobre, e a terceira é porque ela era preta. Romana me relatou que depois disso, nunca mais voltou àquela igreja, entrou em uma profunda tristeza até se autoconsolar com a seguinte constatação: “Se Deus me fez assim é por que Ele gosta de mim assim e tenho que ser assim!”.

Depois, esse mesmo corpo se adaptou a uma vida de grande sofrimento com seu primeiro marido, que a agredida de modo muito violento a ponto de quebrar-lhe alguns ossos. Em seguida, se tornou uma comerciante, onde foi mais tarde “convocada” a assumir sua missão, foi para a fazenda Bizzaria até que no devido tempo veio construir o Centro Bom Jesus de Nazaré. O corpo de Romana passou por vários ambientes que lhe acentuaram determinados sentidos, ocasionando-lhe várias experiências, mas, sua corporeidade nunca lhe

²⁵ Fitas de voto são fitinhas muito típicas no catolicismo onde o devoto faz três pedidos a um santo específico, e amarra no pulso ou no tornozelo, assim deixa por muito tempo até que ela por si só arrebente, o que é sinal de que os pedidos estão para serem realizados.

foi algo próprio até começar a formar seus médiuns, sua comunidade.

Antes, Romana estava construindo seu corpo, como uma bricouler, experienciando situações e adquirindo experiência de vida, assim, ela fazia parte de uma corporeidade que não foi constituída por ela. Ela era antes parte da corporeidade das comunidades em que vivia. A partir do momento que Romana iniciou suas práticas mediúnicas, foi imprescindível criar para si uma nova corporeidade para que abarcasse toda a gama de elementos e experiências que sua cosmologia necessitava.

Antes, Romana se inseria e fazia parte das corporeidades já existentes, a comunidade rural, a comunidade católica, vida de casada com filhos, comerciante muito conhecida na região e assim por diante. A partir do momento em que estabeleceu contato de comunicação com os espíritos, Romana passou a ter uma corporeidade própria, esta que, se difundiu dentro de todo o território do seu sítio.

Durante todo o percurso deste trabalho, tenho mostrado como tudo o que se faz e acontece na comunidade do Centro Bom Jesus de Nazaré é provido de significados cósmicos, espirituais e geológicos. Tudo se relaciona de forma intrínseca, a aproximação da volta de Jesus se relaciona e é a causa de todos os acontecimentos desastrosos da Terra, os terremotos, as guerras, as catástrofes, pois tudo isso anuncia que uma nova Terra irá surgir.

O Fundamento, além de ser uma obra de arte e cultura, também é uma grampeação da Terra em pontos específicos, para que quando ela passar pela transformação geográfica final na estrutura de seu solo ela não vire onde não deveria virar, pois nas previsões de Dona Romana a Terra passará por “uma grande lavagem” assim se unificando novamente, em um estado de pangeia.

Todo seu calendário festivo são preparações e energizações tanto para o Fundamento quanto para os corpos ali envolvidos. A corporeidade construída por Romana excede os limites de seu território físico, pois envolve comunidades hoje já extintas ou mitológicas. As linhas de Nazca e Machu Pichu que ficam no Peru, as pirâmides do Egito, assim como as pirâmides existentes no México feitas pelos Maias e muitos outros que Romana afirma que alguns nem foram descobertos ainda se relacionam com o Centro Bom Jesus de Nazaré, pois, são Fundamentos existentes no mundo. Atlântida, Triângulo das Bermudas e Espigão Oeste são dimensões existentes na Terra que irão se manifestar quando a Terra virar, inclusive o próprio Espigão Oeste se situada abaixo das camadas da Terra, onde grande parte está no Brasil, mas na Região Nordeste, além de ser repleto de pessoas vivas. Romana diz que já visitou tudo isso em suas viagens astrais, que conhece tudo, e tudo isso passa a integrar sua corporeidade, sua memória, assim como a própria memória de sua comunidade.

O estudo da corporeidade de Romana não se restringe a apenas a analisar seu corpo e suas relações, mas também considerar essas múltiplas relações com território, imaginários, arte, memórias, corpos e estágios de comunicação. Este tipo de investigação não pode se circunscrever a apenas as suas ações corporais, assim como de seus médiuns, como foi detalhado durante a escrita das festas, mas é preciso compreender que investigar antropologicamente o corpo e suas corporeidades é “[...] também considerar as corporificações do funcionamento regular do mundo.” (LE BRETON, 2012, p 55) e não apenas delimitar suas ações.

E nisso é nítido as relações de comunicação que a corporeidade de Romana indica com os mais diversos elementos, o que enfatiza o seu caráter bricouler. Rodrigues (1986) entende que o corpo acaba por desenvolver uma linguagem que deriva das múltiplas relações e experiências vivenciadas. Destarte, essa linguagem é desenvolvida pela própria sociedade que o cerca, afinal de contas...

[...] as categorizações do corpo são categorizações sociais. A linguagem que apreende o corpo é uma instituição social: uma linguagem que volta a suas fontes para apreender a própria sociedade. A sociedade codifica o corpo e as codificações do corpo codificam a sociedade. (RODRIGUES, 1986, p.137)

O que nos mostra que pensar o corpo é sim algo complexo, principalmente por ser um sistema de símbolos que transporta e ao mesmo tempo transmite sua própria mensagem (RODRIGUES, 1986), Dona Romana possui total consciência da dimensão comunicativa que seu corpo emite incansavelmente, pois esse sistema simbólico está engendrado em seu comportamento e crença, assim como também no comportamento social de sua comunidade.

2.3 A Casa como pessoa

A rotina da Casa sempre se inicia com as rezas individuais de Dona Romana andando pela Casa com seu terço, em uma oração quase inaudível, em seguida, com o início da feitura do café da manhã por umas das médiuns que lá moram – ou Vanda ou Maria -, enquanto a outra varre a casa, sempre iniciando da porta de entrada até chegar à cozinha, depois a Casa é molhada, tanto para amenizar a poeira quanto para energizá-la.

O processo de lavagem e defumação sempre é feito quando sentem que a Casa está carregada demais, mas principalmente no início do ano com o principal intuito de dispersar as energias. Como o Centro é um lugar que recebe pessoas o dia inteiro, sempre está de portas abertas, exceto a noite quando as portas da frente são fechadas e as do fundo ficam apenas

encostadas, acredita-se que cada pessoa deixa um pouco de energia no ambiente, desse modo, muito mediuns se sentem afetados, por isso a necessidade.

Waterson em uma entrevista concedida a Goyena (2013) diz que as casas dos Toraja por ela estudada, sempre eram consideradas parentes para seus habitantes, e por isso, elas têm biografia já que são consideradas entes vivos, possuíam personalidade própria. O que aproxima a Casa de Dona Romana em um repositório de memória²⁶ de seus habitantes.

[...] as casas eram de fato, o foco do sistema de parentesco e que o próprio ato de formular uma boa pergunta a esse respeito passava, frequentemente, pela necessidade de reformular a pergunta em outros termos, ou seja, remetendo sempre a uma casa específica e às relações que as pessoas mantinham com suas casas. (GOYENA, 2013, p. 145)

Há uma afetividade muito grande entre Dona Romana e tudo o que tem na Casa, assim como, em seu quintal, Romana diz que tanto os espíritos lá existentes quanto as peças, os trabalhos e a Casa são o tudo dela (ela me fala isso com grande sorriso), pois foram eles – principalmente os espíritos que lhe foram sua família e amigos quando seus irmãos, parentes e conhecidos lhe viraram as costas por causa de sua missão -. Romana conhece cada peça de pedra, muitas vezes não sabe seu nome porque as peças não falaram a ela, mas as que falaram ela não esquece.

[...] fiquei interessada em todas essas ideias sobre por que a casa é vista como uma personalidade com vida, e então eu pensei sobre o que isso significa ao longo da vida. Não apenas o fato de que, por exemplo, diversas partes da casa sejam chamadas por nomes que designam partes do corpo ou de que se fale da respiração que se dá ao longo dela. Mas, se está viva, então ela tem uma história de vida. Daí eu ter começado a pensar em casas como tendo biografias. (GOYENA, 2013, p. 149)

Segundo Waterson (203), a Casa possui uma biografia que se confunde com a do líder da casa. A Casa de Dona Romana foi inicialmente construída por ela, feita de adobe e pedras cangas, era ampla, mas não tinha muita estabilidade. Lá ela guardava tudo o que tinha e seus trabalhos, assim como, mantinha seus depósitos de comida, sementes, água e etc.

Em 2002, Siqueira Campos como governador do Estado visitou Dona Romana e decidiu fazer o galpão e os banheiros para que ela pudesse ter mais espaço em sua casa, o que iria ajudar sua saúde também por não haver muito acúmulo de poeira. No mesmo ano, quando as obras do Galpão foram concluídas, uma semana depois sua casa de adobe caiu. Segundo Romana, ela não tinha sido avisada e nem nada. Por isso foi morar no galpão.

²⁶ Lugar repleto de memórias já existentes e que vão existir. Mais explanação na pagina 18.

Dona Romana não sabe como, mas foi visitada outra vez, desta só que pela secretária do governo, e lhe foi informada que ganharia a construção de sua casa novamente, no mesmo lugar da de outrora, só que mais ampla, pois a de antes não tinha dispensa e nem área. “Dessa maneira, eles, digamos, brincam com o imaginário da casa que morre, mas que constantemente renasce e se renova.” (GOYENA, 2013, p. 150). Isso tudo mostra que a casa não morre, ela pode ser reconstruída. Por mais que a primeira Casa tenha caído, a segunda não é uma nova Casa, mas sim a renovação da primeira. A Casa assim como um ser humano completou um ciclo de sua vida e passou para o próximo.

Dona Romana me informou que por mais que lá estivesse o engenheiro responsável pela construção quem ditou como as coisas tinham que ser foi ela, “e você acha que esse povão [espíritos] que mora comigo aqui ia me deixar quieta nisso tudo!?! (risos)”. Os espíritos lhe diziam que como queriam as coisas, inclusive a Casa possui em sua base uma pequena fiação de arame, que foi exigido pelos espíritos no processo de construção.

A Casa é uma pessoa que insere os médiuns dentro do Fundamento, Dona Romana diz que quando o grande dia chegar a Casa será transformada em uma grande usina de energia²⁷ da Terra, assim não podendo ninguém ficar nela, até ela terá que se instalar em outro lugar que não seja a Casa. Mesmo ainda não acontecendo esse grande dia, a mim esta notório a energia que a Casa já armazena, assim como para outras pessoas que lá foram e dizem sentir energia muito boa.

A Casa não é só esse organismo que insere as pessoas no ambiente, e nem apenas será uma usina de energia, ela também é uma pessoa, como dito anteriormente. Todos os movimentos que se faz na Casa devem ser no sentido horário e jamais no sentido anti-horário. Se acaso você quiser ir, por exemplo, a janela você deve circular à mesa central sempre nesse sentido, pois é assim que é a ordem das coisas, eles vinculam movimentos aos movimentos que a Terra faz, pois isso, por si só, já é energia.

Certa vez Dona Romana me disse “essa Casa não gosta de silêncio, aqui tem que ter criança”, foi quando observei que tudo ali é voltado para crianças. Dona Romana possui festividades voltadas para elas, assim como possui em suas terras outros núcleos de famílias onde as crianças passam o dia inteiro na Casa, a própria linha de espiritualidade que eles seguem é uma linha que ainda não tem nome, só será revelado a eles depois do grande dia, mas eles já sabem que será voltado para crianças de forma principal.

²⁷ Energia aqui não é entendida como energia produzida por algo como é a energia elétrica, mas sim como uma energia existente, a energia dos astros, do cosmos. Dona Romana acredita que cada planeta possui energia que complementa e faz parte do universo, assim como cada coisa/pessoa possui energia que tanto faz como que haja vida assim como permite aculula-la. Assim quando se fala de energia não e uma energia externa, mas interna.

Os Três Curadores – espíritos guias do Centro, chefes de terreiro -, possuem um grande apreço por crianças, segundo Dona Romana, assim, nos trabalhos, logo no início, porque os mesmos podem ir até mais de meia noite, as crianças sempre recebem passe primeiro, onde são todas colocadas no meio da roda enquanto os guias as abençoam. Dona Romana diz que são as crianças que são o futuro, e, portanto, devem ser atendidas como os outros demais.

A Casa apresenta-se desse modo, uma entidade espiritual, um patrimônio²⁸ físico e, também, um repositório de memória. Nela está contida cada etapa do Fundamento, as peças, os trabalhos de risco, os mapas e estudos, livros, mantimentos e a própria Dona Romana com toda sua comunidade. Bosi (1994) entende a memória como “o “lado” subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (p. 47), a Casa além de inserir os médiuns no fundamento é o organismo da lembrança, pois nela está o presente, o passado e o futuro do Fundamento. A casa não apenas produz subjetividade, mas ela própria é a subjetividade.

2.4 As memórias de Romana

Dona Romana é extremamente lúcida, capaz de lembrar-se de fatos e de seus estudos com bastante detalhe, nos contando até mesmo os dias. Quando se confunde, diz que é pelo fato da velhice, mas que seus cadernos comprovariam sua fala, entretanto, não sabe em qual caderno está o fato narrado. Visto que, ficam todos misturados na sala do arquivo.

Sua memória é baseada no Fundamento, no seu trabalho e no que ela guarda para o Grande Dia. Antes do Fundamento, Dona Romana me disse que era comerciante, vendia tudo o que na região era possível ter, inclusive não passava dificuldades devido a bom movimento de seu comércio que ficava na cidade. Antes disso, foi casada com um marido violento que acabou sumindo depois de ter seus filhos. Bem antes disso, era filha do Marcolino, passava dificuldades, mas lembra-se claramente seu pai chegando com cabeça de peixe em casa para tirar o tutano – que na época era um dos alimentos que tinham visto que, não conseguiam comprar o próprio peixe -, batendo com uma pedrinha que até hoje ela guarda como relíquia.

Uma das principais funções de Dona Romana hoje é lembrar, mas ela continua produzindo espiritualmente. Sua lembrança e experiência é que prepara os médiuns, cumpre seu cronograma de festas anuais e atende as pessoas que lá aparecem. BOSI (1994) diz que “a

²⁸ Segundo José Reginaldo Santos Gonçalves (2015) patrimônio é: “qualquer objeto material, qualquer espaço, qualquer prática social, qualquer tipo de conhecimento pode ser identificado, celebrado ou contestado como “patrimônio” por um ou mais grupos sociais.” (p. 212)

percepção concreta precisa valer-se do passado de um algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida.” (p. 47), é a experiência adquirida por anos de formação e manutenção do Fundamento que Dona Romana hoje repassa, ensina e continua a atender a vontade das entidades.

Há uma Romana antes do Fundamento e uma Romana depois do Fundamento, isso é claro, a Romana de antes era apenas mais uma mulher negra, sofria preconceitos e agressões, passava dificuldades financeiras – devido à região ser pobre e, segundo seus relatos, totalmente esquecida antes de Siqueira. Mas, foi essa região que foi escolhida para ser o último Fundamento, onde ela depois construiu sua comunidade e, com isso, seu trabalho “O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história.” (BOSI, 1994, p. 67).

A Romana de hoje é uma senhora que infelizmente por passar pela experiência da violência doméstica, acolhe mulheres que eram agredidas – é o caso de Vanda -, que acolhe pessoas que não tem onde morar – como fez com outros médiuns -, que prover alimento aos que lá aparecerem necessitando, assim como, dá sossego a pessoas com dor através de seus remédios. É o seu trabalho que lhe trouxe prestígio, história e fez com que sua vida fosse admirada, pois afinal “A memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia.” (BOSI, 1994, p. 481).

Suas narrativas são a forma que a educação da comunidade se constitui lá ninguém ensina nada, mas, aprende fazendo parte de tudo, escutando e repetindo. É a repetição que gera a performatividade, e através disso tudo que, Dona Romana forma corpos performativos para a “missão”, cuidar do Fundamento e esperar o Grande Dia. Por meio de suas memórias, Romana cria para si modos expressivos de agir na vida, sendo essa vida baseada na espiritualidade que a conecta a vários níveis de realidade (cósmico, religioso, natureza, relações com seres humanos e outros seres existentes na vida invisível), seu corpo acaba por desenvolver sua performatividade. Essa calcada na sua memória e locais de acesso ao mundo invisível.

Há uma grande necessidade de estudar de forma sistemática o fenômeno do corpo-memória, pois este acaba por conduzir à identificação da performatividade existente. Essa necessidade se dá pelo curioso modo como os corpos humanos são modificados não somente pelo tempo (aspecto biológico), mas principalmente pelas lembranças e experiências que um indivíduo possui no transcorrer de sua vida.

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 46 e 47)

A memória é uma capacidade que todos os seres humanos possuem e que lhes garante o registro de toda experiência externa e interna que os fenômenos externos ao corpo proporcionam. Sabendo disso, entendemos que a memória está de forma intrínseca atrelada ao conceito de experiência. Dewey (2010) diz que à experiência é o “*próprio processo de viver.*” (p. 109).

Esse processo de viver não faz somente com que determinemos a que gama de identidades assumimos, mas também, permite o condicionamento do corpo a um corpo social e, principalmente, da construção de um conhecimento único, individualizado, subjetivo que cada indivíduo constrói segundo as trajetórias que sua vida toma, “A memória seria o “lado” subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (BOSI, 1994, p. 47). Enquanto experiência, de um modo conciso, é:

[...] o resultado, o sinal e a recompensa da interação entre organismo e meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação da interação em participação e comunicação. Visto que os órgãos sensoriais; com o aparelho motor que lhes está ligado, são os meios dessa participação, [...] e um embotamento da experiência da vida. (DEWEY, 2010, p. 89)

É, portanto a própria vida. O ato de lembrar é simplesmente fazer com que venha à tona aquilo que outrora estava encoberto, submerso (BOSI, 1994). Lembrar e relembrar, reviver aquilo que antes se viveu e agora não se vive mais. Afinal, “é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde”. (BOSI, 1994, p. 48). É trazer para o presente, o passado, em um modo narrativo, uma contação da história decorrida. É a lembrança de um tempo ressurgente.

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado de um algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida. (BOSI, 1994, p. 47)

Sendo a memória a ativação de uma experiência no passado que a mente desdobra dentro de um determinado momento que o indivíduo vivencia, ela, portanto, é um modo de sobrevivência, sobrevivência da individualidade de um indivíduo, assim como, a sobrevivência de uma história, de um passado, de um tempo que já se foi.

A experiência, na medida em que *é* experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos. [...] proporciona nossa única demonstração de uma estabilidade que não equivale à estagnação, mas é rítmica e evolutiva. (DEWEY, 2010, p. 84)

A memória nesse caso se apresenta como uma recordação que se dá por meio da relação que as lembranças passadas e as novas percepções possuem, essa relação é uma forma de comunicação entre o passado e o futuro e o modo como eles constantemente se correlacionam.

A recordação seria, portanto, uma organização extremamente móvel cujo elemento de base ora é um aspecto, ora outro do passado; daí a diversidade dos “sistemas” que a memória pode produzir em cada um dos espectadores do mesmo fato. (BOSI, 1994, p. 51)

Bosi (1994), baseado em Bergson diz que as recordações que vão surgindo a mente de um determinado indivíduo, surgem em um formato de imagens-lembranças (p. 53). Essas são toda a percepção que a pessoa obteve diante de uma experiência e, codificadas em seu cérebro, se tornam imagem que se referem a experiência obtida. As imagens-lembranças estão mediadas não somente por uma imagem, mas por imagem aplicada ao corpo.

Elas são a referências que a mente organiza para que possam mais na frente serem reutilizadas, nisso estão inerentes a ação atual e a imagem do corpo. Desse modo, a imagem e o corpo são elementos fundamentais para uma performatividade que se deu por todo o curso de uma vida.

Nem sempre se cumpre o percurso de ida e volta pelo qual os estímulos externos chegam, pelos nervos aferentes, à central do cérebro, e desta voltam, pelos eferentes, à periferia do corpo. Quando o trajeto é só de ida, isto é, quando a imagem suscitada no cérebro permanece nele, “parado”, ou “durando”, teríamos, não mais o esquema *imagem-cérebro-ação*, mas o esquema *imagem-cérebro-representação*. O primeiro esquema é motor. O segundo é perceptivo. A percepção e, ainda mais profundamente, a consciência, derivam, [...] processo pelo qual o estímulo *não* conduz à ação respectiva. Apesar da diferença entre o processo que leva à ação e o processo que leva à percepção, um e outro dependem, fundamentalmente, de um esquema corporal que vive sempre no momento atual, imediato, e se realimenta desse mesmo presente em que se move o corpo em sua relação com o ambiente. (BOSI, 1994, p. 44)

O esquema da percepção (imagem-cérebro-representação) é o esquema que acaba, mesmo diante de suas diferenças, nos conduzindo ao esquema ação (imagem-cérebro-ação), isso devido ao processo de mímeses que todos nós estamos condicionados a realizar devido às

comunidades identitárias que estamos inseridos. O que nos faz notar que em cada grupo social há normalmente um *modus operandi* que rege de modo inconsciente as pessoas inseridas, assim se formando representações sociais.

E rica de consequências essa concepção da percepção como um resultado de estímulos “não devolvidos” ao mundo exterior sob forma de ação. Em primeiro lugar: a percepção aparece como um intervalo entre ações e reações do organismo; [...] um “vazio” que se povoa de imagens as quais, trabalhadas, assumirão a qualidade de signos da consciência. Em segundo lugar: o sistema nervoso central perde toda função produtora das percepções [...] para assumir apenas o papel de um *condutor*, no esquema da ação, ou de um *bloqueador*, no esquema da consciência. A percepção difere da ação assim como a reflexão da luz sobre um espelho diferiria da sua passagem através de um corpo transparente. (BOSI, 1994, p. 45)

A memória está muito relacionada à performatividade corporal, seja individual ou coletiva. A individual se dá pela experiência de vida de um determinado sujeito; a coletiva dentre diversos fatores cito dois, a *mímese* que é à imitação consciente e inconsciente de algo ou alguém, Bosi (1994) traz o conceito de memória-hábito para tratar dessa imitação.

A memória-hábito adquire-se pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. [...] um processo que se dá pelas exigências da socialização. Trata-se de um exercício que, retomando até a fixação, transforma-se em um hábito, em um serviço para a vida cotidiana. [...] A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural. (BOSI, 1994, p. 49)

E há também o inconsciente coletivo que C.G. Jung diz ser a carga emotiva e representativa de cada história ícone da história da humanidade. Ou seja, é um caminho repleto de experiências de toda a humanidade que está de forma adormecida em cada indivíduo, tal caminho é ativado de acordo com as experiências de uma pessoa, pois é herdado. Onde entra as representações e imagens de arquétipos que dependendo de uma determinada situação ou até mesmo necessidade são reproduzidas pelos corpos.

O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, ele é herdado. É um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade. [...] O inconsciente coletivo é um reservatório de imagem latentes, chamadas de arquétipos ou imagens primordiais, que cada pessoa herda de seus ancestrais. A pessoa não se lembra das imagens de forma consciente, porém, herda uma predisposição para reagir ao mundo da forma que seus ancestrais faziam. Sendo assim, a teoria estabelece que o ser humano nasce com muitas predisposições para pensar, entender e agir de certas formas.²⁹

De todo modo, independente das várias formas como a performatividade se dá, a

²⁹ Disponível em: www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/eduardoaugusto/Inconsciente1.

memória se concretiza principalmente pelo ambiente em que a mesma se torna uma lembrança a alguém. *Enfim, ação e representação estariam ligadas ao esquema geral corpo-ambiente [...]*. (BOSI, 1994, p. 45). A performatividade se baseando:

[...] na crença de que a manutenção do status quo, isto é, a reprodução de hierarquias sociais relativas à raça, gênero, sexualidade, é obtida pela repetição de normas performativas. Diariamente, ensaiamos os rituais da conformidade por meio da indumentária, dos gestos, do olhar, e da interação verbal dentro do contexto do local de trabalho, da escola, da Igreja, do órgão governamental. (YÚDICE, 2013, p. 81)

É um dos elementos primordiais para a constituição de representações sociais, pois se há um *modus operandi* nos grupos, sempre haverá um indivíduo que lidere o mesmo. Sendo esse líder o principal responsável por uma normatização corporal que advém de uma performatividade que, de modo inconsciente ou consciente, será imitado e reproduzido pelos outros componentes do grupo. Lembrando que representações sociais não são criadas por uma só pessoa, mas são um processo sempre mutável do qual possui seus principais personagens.

Para alargar um pouco o referencial, nós podemos afirmar que o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra, como o fator determinante, dentro do pensamento individual. (MOSCOVICI, 2007, p. 40)

Tal afirmação é o princípio da identidade, pois não há o estado imutável em sua constituição ou em sua prática. As identidades estão dentro do *contínuo* processo de formação de cultura, sendo essa fluída, dinâmica e em permanente modificação. As identidades são estabelecidas pela negação do outro, o que Sahlins (1997) chama de demarcação de diferenças, que é a delimitação de fronteiras que possam acentuar à alteridade.

Mas, agora pensando no fluxo de médiuns que sempre esta a frequentar o Centro e também comunicar, é notório que nem todos moram lá, normalmente moram em outra cidade, ou até mesmo na Cidade de Natividade, mas sempre procuram estar presente por um tempo determinado na Casa para fazer sua missão. Dona Romana estipula que hoje ela tenha formado mais de 2.000 médiuns. Cheguei a conhecer uma médium que saiu de Gurupi com sua família para morar em Natividade, com o principal intuito de ficar mais perto do Centro Bom Jesus de Nazaré.

Desta feita, os médiuns sempre permanecem no entrelugar (BHABHA,1998), lugar novo que vai surgindo com as possíveis necessidades, em outras palavras, são novos espaços

que o ser humano forma para se encontrar, conhecidos também como lugares de transição pois, “Trata-se [...] de um futuro intersticial, que emerge no entre-meio entre as exigências do passado e as necessidades do presente.” (BHABHA,1998, p. 301). O Centro Bom Jesus de Nazaré é esse lugar, quando alguém não esta bem, os outros o levam lá, e onde os médiuns passam tempo lá e depois vão embora “cuidar de suas vidas”, mas sempre voltam. Com exceção de Vanda e Maria, que muito dificilmente saem.

A Casa é o ponto principal desse entre-meio, pois se vive na Casa, mas não se dorme nela – excessão Dona Romana e pessoas mais idosas -, a Casa é esse lugar que recebe a todos mas, que também os dispersa para suas outras casas, no que caso de quem vive lá ou está passando um tempo lá, dispersa para o galpão. A Casa de anexo, que é o galpão de armazenamento, representa na verdade uma segunda Casa.

Waterson (apud GOYENA, 2013) diz que os Toraja possuem duas casas, uma de fato onde moram e outra onde eles dizem que moram, que eles chamam de Tonkonan. Ela em seu estudo notou que isso normalmente se dá devido a alguns fatores, como o conforto que a modernidade proporciona, o ritual de se ter uma casa com toda a arquitetura que eles têm, o que impossibilita de simplesmente eles não terem mais e, também, um fator muito relevante, eles percebem a casa como um local de proveniência, onde eles devem retornar.

Sabendo disso, os médiuns do Centro mantêm essa relação com a Casa e com o galpão de armazenamento. A Casa é onde a vida acontece, se faz e se dá, o galpão é para onde se retorna para descansar ou dar um tempo das tarefas da Casa. O galpão é visitado durante o dia ou para se pegar algo, ou para mostrar para os visitantes ou simplesmente para se usar a energia elétrica, visto que a Casa tem, mas não pode ser usada, com exceção nos dias de festa, a luz segundo os médiuns sobrecarrega a Casa de energia, o que torna o ambiente pesados, coisa que eles percebem por sentir em seus corpos peso, indisposição e até mesmo dores. As tecnologias modernas como eu havia dito antes, não são muito bem aceitas, “as coisas aqui tem que ser mais natural sabe”, me diz Vanda. No ano de 2018 ligou-se a luz apenas na festa de São Cosme e Damião e na Folia do Divino Espírito Santo.

2.5 O cotidiano da casa

“Aqui Nayara, tem horário para tudo! A gente não deixa passar!”

Vanda me diz isso, logo de manhã, antes das seis horas, assim, os médiuns se aprontam rapidamente, Vanda diz que não pode perder tempo, pois tudo tem hora para se

fazer e começa a me explicar que o café da manhã sempre é as sete horas, almoço sempre doze horas, lanche da tarde sempre quinze horas e janta sempre as seis horas, porque as sete horas da noite é muito importante. É o momento em que todos rezam.

O momento se inicia com todos os médiuns saindo da sala central e indo tomar banho, depois todos voltam com roupas claras, blusas e camisas nunca sem manga, e vão à outra sala ao lado da sala do arquivo que, possui algumas camas para as pessoas mais idosas da comunidade e armários de cimento embutidos na parede cheio de caixas.

Dentro das caixas estão as roupas de trabalho de todos os médiuns, vestidos, calças com camisas, cajados lapidados em madeira, cintos, bolsas e chapéus feitos por eles mesmos, de várias cores, sempre em um tecido simples, mas resistente (o oxford) visto que, não é sempre que se tem dinheiro para comprar novos tecidos. Todas as roupas são cheias de inscrições, ou desenhos representando o Divino Espírito Santo ou Santos católicos. Lá é regra, cada médium tem sua roupa, ninguém usa de ninguém.

Figura 22 - Fotografia de um médium confeccionando uma roupa

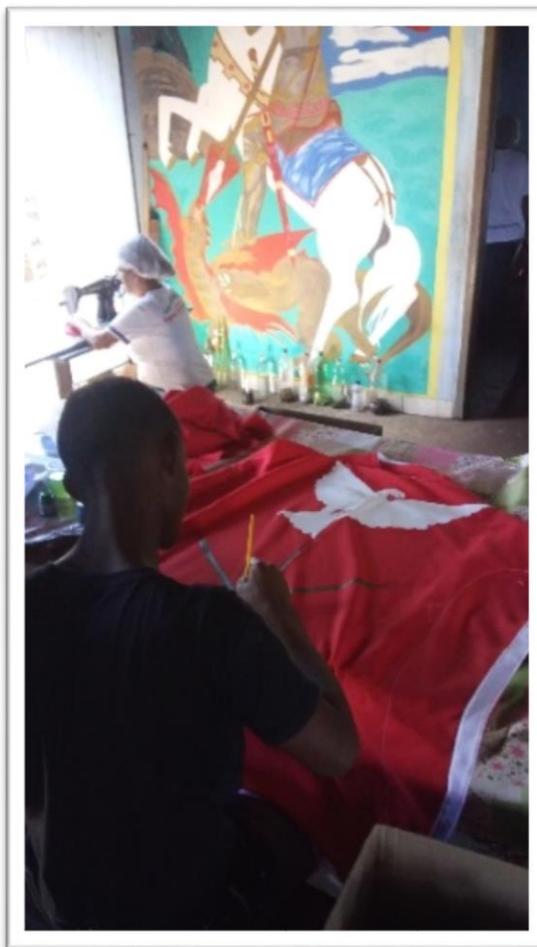


Figura 23 - Médiuns em momentos de reza



Fonte: Botelho (2018)

Figura 24 - Dona Romana com uma de suas roupas



Fonte: Botelho (2018)

A reza noturna se inicia quando todos os médiuns, estando na sala do altar – a sala que fica do lado da sala de entrada -, acendem as velas necessárias para ocupar o ambiente e se sentam, Dona Romana toma seu lugar sempre do lado direito, sentada em uma mesinha feita por ela mesma de pedra. Lá ela acende a candeia de cera, objeto que serve como incenso, que fica queimando durante todo o momento da reza, essa cera também está presente nos cachimbos que os médiuns usam para fumar durante o dia. Em seguida, se inicia o terço sertanejo.

Figura 25 - A Reza

Fonte: Botelho (2018)

Dona Romana me diz que o terço³⁰ Ihe foi ensinado pelo pai, este, aprendeu com seus pais também, o que a faz acreditar que é uma reza de mais de 100 anos, vinda dos escravos. A reza possui mais de uma hora de duração, todos cantam, há subdivisão de vozes em alguns momentos para repetir refrões. Sem dúvida é algo lindo de se escutar.

Ao final, Dona Romana sempre faz seu pronunciamento, este que sempre glorifica

³⁰ O terço integral está disponível no anexo 13 desta dissertação.

todas as entidades presentes na Casa e anuncia a volta de Jesus “E salve o grande rei do mundo que está chegando!” para então começar a dar passe em todos os que lá estiverem. Todos da comunidade participam e algumas pessoas que moram próximos ao Centro participam também. Houve vezes que, havia apenas três pessoas, outras vezes havia tantas pessoas que não cabiam na sala do altar, elas ficavam na sala de entrada e também na sala dos Três Curadores – a sala que fica ao lado da sala do altar. Dona Romana, independente do número de pessoas, reza todos os dias.

Figura 26 - Sala de oração cheia de pessoas em dia festivo



Fonte: Botelho (2018)

Em datas comemorativas como o natal ou algum dia de algum santo, Dona Romana faz uma pequena alteração no pronunciamento final, ela direciona algumas partes ao santo específico. Como foi no caso da noite de natal de 2016, ela direcionou uma “salve” ao menino Jesus. Independente de ser dia festivo sempre ocorre o momento da reza, é uma grande marca da Casa. O terço sertanejo é um atributo tanto da Casa para a comunidade do Centro Bom Jesus de Nazaré. Entendo também que, seja um alimento da Casa, nunca se pode faltar.

Dentro desta descrição sobre as práticas e rotinas da comunidade do Centro Bom Jesus de Nazaré e suas relações afetivas com a Casa me foram possível apreender que há, segundo Haesbaert (2003) um território, ou seja, uma reordenação do espaço em que o ser

humano busca e cria uma ordem de sistemas compostos por dimensões, sejam simbólicas, culturais, econômicas, entre outras. O território é um modo de poder e valor, não apenas um valor econômico, mas principalmente, um valor identitário-existencial.

Desta feita, este território criado e regido por Dona Romana é um *locus* de agenciamentos, pois “Dentro deste movimento mútuo de agenciamentos, um território se constitui.” (HAESBAERT, 2016, p. 126). Ora, sendo eles responsáveis pela constituição de um território, um agenciamento é uma série de desejos que como máquina, ativa a construção de uma realidade cobiçada.

Cabe ressaltar aqui a diferença entre sítio, centro e Fundamento, pois apesar de todos estarem na Jacuba, são termos que expressam os aspectos que o território construído por Romana se distingue e comunica seu sentido. Sítio é toda sua terra, herança de seus pais, que faz parte de toda a Jacuba. Centro é todo o terreno da Casa e galpão usado para os trabalhos espirituais, é onde há procissões e rezas. Por fim, Fundamento também fica dentro do centro e sítio, mas ele é a composição de tudo isso e lugares adjacentes, como é o caso o ponto de preparo e firmeza que fica no outro lado da pista. O Fundamento seria a maior escala de todo o terreno, em média escala estaria o sítio e o centro é a pequena escala, esse que representaria a função espiritual mesmo da missão e mitopoética de Romana.

Com isso, compreendo que território e memória se articulam pela força identitária que a comunidade do Centro, por meio de Dona Romana, sempre está a reforçar por meio de seus códigos comportamentais. Como referido anteriormente Sahlins (1997) diz que, por meio da negação do outro as identidades se estabelecem traçando suas diferenças. Todas as práticas e rituais do Centro se deram por meio da memória de Romana, esta, provinda de suas múltiplas e complexas experiências, dessa forma, por mais que, se baseiam nas mais diversas formas de religiosidade, possuem sempre uma diferença que a distância das práticas de outras comunidades.

O território que Romana construiu mostra sempre a alteridade daquela comunidade para as demais, assim, a memória de Romana por meio de suas lembranças e hábitos – estes que estabeleceram em grande medida a identificação da performatividade que o Centro possui -, formou esse território que foge do *modus operandi* das formações religiosas que conhecemos, assim como também comunitárias. Ou seja, território e memória aqui se unem para formar essa comunidade específica que, possui suas próprias regras, hábitos, rituais e práticas cotidianas.

Devem-se haver dois tipos de agenciamentos para que um território se constitua, são eles, os agenciamentos maquínicos de corpos e o agenciamento coletivo de enunciação. Há

uma relação intrínseca entre esses dois, pois, são fundamentais para se instituir um território, que no caso do Centro Bom Jesus de Nazaré, é um território mitopoético.

Os agenciamentos maquínicos de corpos são as máquinas sociais, as relações entre os corpos humanos, corpos animais, corpos cósmicos. Os agenciamentos maquínicos de corpos dizem respeito a um estado de mistura e relações entre os corpos em uma sociedade (HAESBAERT, 2016, p. 124).

A comunidade do centro é agenciada corporalmente sob diversas formas, tanto a roupa que é confeccionada para os rituais quanto as que são usadas em seu dia a dia – claras, nunca pretas, com mangas -, as práticas de intervenção como os passes, os banhos com folhas, os remédios feitos de raízes e madeiras, assim como a preparação para o “Dia da vinda de Cristo” que agencia os corpos para um comportamento de santidade e não de leviandade para com a missão.

Coloco também aqui nesse tipo de agenciamento os corpos inanimados que compõem a comunidade, as pinturas nas paredes, as peças de pedra, a Casa e os espíritos, esses corpos que anunciam o tempo inteiro que algo – a inclinação do eixo da Terra -, está para acontecer, é já acontece.

Esses corpos inanimados são estágios de comunicação que Dona Romana construiu. A imagem abaixo é um esquema simples que possibilita ver por ordem de prioridade o intenso contato as áreas que Romana estabelece comunicação. O formato de pirâmide facilita ao leitor notar que em primeiro lugar, Romana estabelece relação com os espíritos existentes no Centro, tenho ali seu principal expoente os Três Curadores, aqui entra também todas suas experiências extra-corporais.

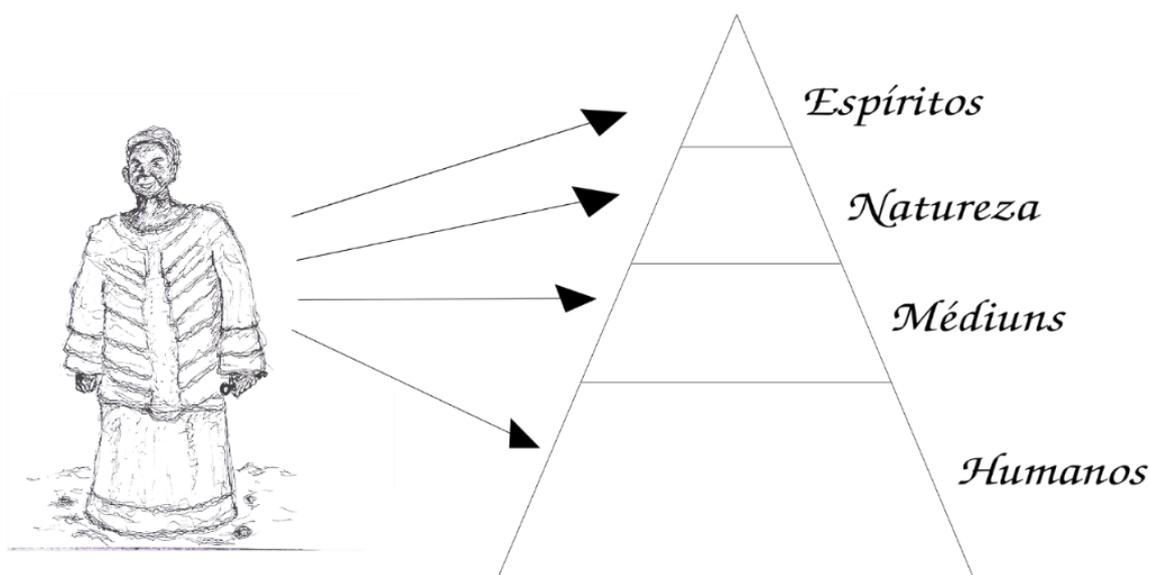
Em segundo lugar, Romana possui uma grande comunicação com a natureza, e nisso entra, o planeta Terra como um todo em um nível macro, e esse nível vai diminuindo até chegar ao Tocantins e, por fim, no Fundamento. E nesse estágio que entra sua sabedoria enquanto xamã do cerrado, entendedora de plantas medicinais. Entra também sua afirmação de conhecer quase todos os países e lugares específicos que ela diz serem os outros Fundamentos da Terra.

Os médiuns são o terceiro estágio de comunicação de Romana, que são as pessoas detentoras da missão de realizar trabalhos para o Fundamento e também com seus guias. Essas pessoas em seus processos de formação passam por experiências corporais em nível visível e invisível, assim tendo outra relação com Romana, a ponto de eles conseguirem entender melhor do que nós alguns aspectos acerca de sua cosmologia.

E por fim, o último estágio somos nós, os humanos, pessoas que a conhecem, visitam, frequentam, acredita ou não no que ela diz. Observe que além de ser a base da pirâmide, é também a parte maior, pois é um de seus principais alvos, anunciar a essas pessoas que transformações irão ocorrer, além de que, nós somos em grande número.

É muito importante aqui apontar que são esses os estágios de comunicação habitual de Romana, e que, por conseguinte, os meios que se estabelecem esses estágios são suas obras, suas festas, seu cotidiano e seus códigos comportamentais.

Figura 27 - Representação gráfica do diagrama Espíritos, Natureza, Médiuns, Humanos



Fonte: Marquinho (2019)

Os agenciamentos coletivos de enunciação – todo o conjunto de trabalhos de risco e as obras de arte como um todo, pois não deixa de serem linguagens artísticas - no Centro é todo um processo de hibridismo que Dona Romana criou. Pois, como são variáveis que se materializam na língua, esse agenciamento diz respeito à expressão e não ao conteúdo como é o caso do agenciamento maquínico de corpos, todavia, um não está sujeito ao outro. Esse segundo tipo de agenciamento se materializa desde a forma como eles se comunicam com o soquete bem carregado da região sudeste, que é algo ricamente caipira, cheio de expressões como: assuntar, derradeiro, maliná; atentá, deichar, mangá; charola, entre outros.

Os agenciamentos coletivos de enunciação não dizem respeito a um sujeito, pois sua produção só pode se efetivar no próprio *socius*, já que dizem respeito a um regime de signos compartilhados, à linguagem, a um estado de palavras e símbolos. (HAESBAERT, 2016, p. 125)

Bem como, rezas específicas que adentram a linguagem da música em expressões interpostas, semi tonadas, que compõe a identidade da comunidade. Além de cantos com versos marcados que a comunidade inteira aprende pela convivência durante as festas. Dona Romana, informa que essas músicas que são cantadas são muito antigas, aprendeu quando era menina, e acredita que muitas delas não existam para muitos outros, se referindo ao processo de esquecimento que muitos elementos de tradição oral enfrentam. Ficando-me evidente que Dona Romana não é apenas criadora de uma cosmologia própria, mas também é um repositório de memórias sociais, assim como sua Casa. Ela tem essas preocupações em manter vivos certos elementos culturais antes aprendidos, como no caso a música folclórica.

Essa barra é dura meu irmão (2x)
 Mas nos temos que vencer
 Pede ajuda a Deus nos céus
 Para ele nos atender

Música/reza de momentos de trabalho de incorporação.

(Refrão)
 Vem, Senhor
 Abençoa esse sagrado lar
 Multiplica o pão de cada dia
 A toda família sua fome saciar

Música cantada na festa de Folia do Divino Espírito Santo.

Os dois tipos de agenciamentos aqui relatados são responsáveis pela desterritorialização que toda mitopoética de Dona Romana gera e, pretende a cada momento, propagar em um número maior de pessoas. Entendo desterritorialização pelo conceito de Deleuze e Guattari (1992) como “[...] de uma nova terra por vir.” e que “[...] só pode ser pensada segundo certas relações, por determinar, com as desterritorializações relativas, não somente cósmicas, mas geográficas, históricas e psicossociais.” (p. 117).

Podemos afirmar [...] que o território, por compor um agenciamento e ser assim, por sua vez, composto por agenciamentos maquinais de corpos e agenciamentos coletivos de enunciação, carrega igualmente consigo o processo, a dinâmica fundamental de des-re-territorialização. (HAESBAERT, 2016, p. 127)

Todas as previsões astrais, geográficas e espirituais que Dona Romana nos relata são

processos de desterritorialização, nos preparando para uma nova Terra, um novo momento, uma nova vida. A desterritorialização aqui não é apenas física, mas mental, Dona Romana já vislumbra e vive um futuro iminente. Dona Romana está, esteve e sempre estará em cada momento, junto de sua comunidade, se territorializando para uma nova realidade. É um constante processo de Devir³¹, onde ela o instrumentaliza por meio de seus estágios de comunicação e consequentes obras.

2.6 Corpo e sociedades tradicionais

O Centro Bom Jesus de Nazaré por ter toda essa especificidade no que tange ao seu comportamento social, este marcado por festas, rituais, cerimônias e toda uma rede de simbolismo diante do corpo, dos elementos que circundam o território (A Casa, as peças de pedra, os desenhos; as viagens pelo cosmo), possui também um entendimento e norma vigente acerca do corpo de cada pessoa pertencente ao Centro.

Cada pessoa que ali come, dorme, realiza sua missão ou busca direção pelas mãos dos Três Curadores, como Dona Romana gosta de dizer, faz parte de um todo, esse todo, é a corporeidade que Romana construiu. Mas independente disso, o Centro é um lugar que ainda segue tradições da região e também ancestrais, vindas do tempo colonialista, em que os negros foram feitos escravos e, em seguida, continuaram estando à margem da sociedade nativiana repletos de estigmas e preconceitos.

Juntamente com todas as práticas regionais, o Centro Bom Jesus de Nazaré acaba por se configurar em uma comunidade tradicional devido ao fato de que além de ter práticas muito específicas, ele é uma sociedade extremamente comunitária. Todos (médiums, pessoas que vão vistar ou pedir auxílio espiritual, crianças e alguns de seus familiares que ali vão) fazem parte de um todo, todos participam efetivamente de tudo o que lá existe e se faz. Tudo e todos – os corpos - fazem parte da cosmologia. O corpo de todos que participam desse fluxo de pessoas é um componente de inclusão e não de individuação.

O princípio da fisionomia humana está contido na cosmologia. O corpo humano é, nas tradições populares, o vetor de uma inclusão, não o motivo de uma exclusão (no sentido de que o corpo vai definir o indivíduo e o separar dos outros, mas também do mundo); ele é o vinculador do homem a todas as energias visíveis e invisíveis que percorrem o mundo. O corpo não é um universo independente, fechado em si mesmo, à imagem do modelo anatômico, dos códigos de saber-viver ou do modelo mecanicista. O homem, bem em carne (no sentido simbólico), é um campo de força em poder de ação sobre o mundo, e sempre a ponto de ser influenciado por ele. (LE BRETON, 2016, p. 40)

³¹ “[...] é quando se abandona o que existe para que o que não existe venha à tona.” (BOTELHO, 2018, p. 24)

Os corpos ali envolvidos fazem parte de tudo o que existe quanto do que vai existir, segundo Romana, até mesmo os corpos humanos sofrerão modificações quando o Grande Dia se efetivar. Muitos morrerão, os que viverem – o que segundo ela serão muitos também -, irão se alocar em comunidades com o Centro Bom Jesus de Nazaré, e ali irão viver até tudo se organizar novamente.

Os corpos humanos além de serem obrigados a entrar em outro ritmo de sociedade tradicional, sociedade essa que, já não é a maioria atualmente, sofrerão interferências tecnológicas diferenciadas como é a previsão das peças de pedra, das armas, interferências que se darão mais por meio de energias cósmicas. O corpo humano não distingue um ser humano de outro no Centro Bom Jesus de Nazaré, e assim será também no futuro previsto por Romana.

Se agora o corpo marca a identidade, a fronteira de uma pessoa para outra, no presente-futuro de Romana o corpo é-será a marca do grupo, não haverá distinção do grupo, o corpo poderá ser no máximo apenas um diferencial do todo existente (LE BRETON, 2016). O corpo humano tem-terá sua substância assinalada pelo cosmo, natureza e grupo pertencente, as mesmas bases que firmam o homem, firma o todo que o contorna.

Assim, é o corpo que delimita o território subjetivo da comunidade, é o corpo que manifesta toda a cosmologia de Romana, por meio do corpo que a comunidade é-será identificada, o corpo aqui é um corpo intrínseco à nossa realidade tangível e intangível. Não podemos falar que todos é-serão iguais, não é isso. Cada um com seu corpo compõe uma singularidade identitária que os marca e diferencia dos demais.

Nas sociedades ocidentais de tipo individualista, o corpo funciona como interruptor da energia social; nas sociedades tradicionais ele é, ao contrário, a conexão da energia comunitária. Pelo seu corpo, o ser humano está em comunicação com os diferentes campos simbólicos que dão sentido à existência coletiva. (LE BRETON, 2016, p. 31)

Isso é simplesmente ir contra o *modus operandi* da atualidade, hoje em tempos pós-modernos o corpo é o contrário de tudo isso que Romana construiu e profetiza. A pós-modernidade traz a diferenciação de um corpo para outro, desta forma individualizando cada indivíduo, isso “[...] é o resultado do recuo das tradições populares e o advento do individualismo ocidental e traduz o aprisionamento do homem sobre si mesmo.” (LE BRETON, 2012, p. 31)

A individuação do corpo se baseia essencialmente dentro da lógica do corpo racional (LE BRETON, 2016) separa um indivíduo do outro, da mesma forma que anda de mãos dadas

com a dessacralização da natureza (ELIADE, 2010; LE BRETON, 2016) onde se opera a disjunção entre corpo e natureza, ser humano e cosmos. O que prova o não pertencimento do Centro Bom Jesus de Nazaré a essa noção de sociedade e corpo, pois “As camadas populares inscrevem-se em tradições muito afastadas e não isolam o corpo da pessoa.” (LE BRETON, 2016, p. 87)

2.7 Casa-Corpo-Cosmo

Dessa forma, usaremos o conceito de Casa-Corpo-Cosmo que Eliade (2010) formulou, esse conceito que faz a ligação entre uma casa que habitamos, juntamente com o corpo que nos é próprio, e é “[...] o mais natural, o mais concreto, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui” (RODRIGUES, 1986, p. 47), que se interliga diretamente com o cosmo.

Esse conceito aqui nos é necessário devido ao fato de que o corpo sempre é comparado nos meios rituais ao cosmos como local de adoração, devoção, como se fosse um altar da mesma forma como é apreendido também, a uma casa, tudo em seus processos e busca pelo mito cosmogônico, assim como pela necessidade de transcendência.

[...] ao se instalar conscientemente na situação exemplar a que está certo modo predestinado, o homem se “cosmiza”; [...] ele reproduz, em escala humana, o sistema dos condicionamentos recíprocos e dos ritmos que caracteriza e constitui um “mundo”, que define, em suma, todo universo. A correspondência também atua no sentido contrário: o templo ou a casa, por sua vez, são considerados como um corpo humano. (ELIADE, 2010, p. 142)

Lembrando que, tanto o corpo, quanto a casa, quanto o cosmos sempre são providos de uma abertura superior ou ponto ao na centralidade do espaço, para que possa permitir a comunicação entre o mundo espiritual. Dona Romana sempre segue essa lógica, tendo sempre a noção de que como tudo é passageiro, tudo tem a função de se comunicar com Deus.

No corpo é a cabeça que tudo comanda e é apropriada pelos órixas, a Casa que é apropriada pelas pessoas, sendo sempre incluída nos ritos não somente como espaço, mas também como indivíduo que faz parte do todo este tem a função de condensar e catalizar as energias para o Grande Dia. O cosmos que para ela é o astral, é onde está, aos nossos olhos, praticamente o universo, permeado de dimensões e povoados por seres e espíritos, o cosmos/astral fica acima da terra e abaixo do céu, que é onde Deus está. Romana sempre segue a lógica de estágios de comunicação que devem ser estabelecidos para uma efetiva preparação da Terra.

E como vista a essa preparação da Terra, dos médiuns e da natureza com um todo, Romana realizar muito mais do que apenas suas obras de arte e organização de sua comunidade, ela realiza festas que fazem parte de seu cronograma anual, e nessas festas que se consolida de modo mais explícito os estágios de comunicação. Vejamos de modo mais descritivo no capítulo seguinte.

3 CALENDÁRIO RITUAL DO CENTRO BOM JESUS DE NAZARÉ

Todo ano, o Centro Bom Jesus de Nazaré realiza diversos rituais. Eu pude estar presente na maioria deles no ano de 2018. As festas são ordenanças dos Três Curadores à Dona Romana, pois como tudo no Centro é voltado à espiritualidade, não se pode deixar de comemorar a “família” espiritual.

As festas lá realizadas não possuem somente a característica de honrar o santo/orixá/dia especial, mas possuioutra característica, as festas são uma espécie de engrenagem que faz o Centro sempre se retroalimentar. Assim como as peças de pedra, de pau e de arame necessitam sempre ter em sua companhia a água, o Centro necessita das festas, pois “Reecontra-se na festa a primeira aparição do tempo sagrado.” (ELIADE, 2010, p. 64)

Segundo Eliade (2010), é notório perceber que Dona Romana vive no Tempo Sagrado, esse que entende que nosso tempo são sequências de/para a eternidade, sendo assim, recuperáveis por meio de um calendário sagrado, onde se insere todas as festas que tem como principal objetivo a re-atualização de um acontecimento primordial, o que permite que os homens vivam entre os seus deuses.

O calendário sagrado para Eliade (2010) regenera o tempo, o que o faz voltar ao Tempo da origem, esse que, baseado no mito, constitui uma história sagrada que explica e configura nossa realidade diante do cosmos, elucidando desta forma, a criação de tudo, o que ele conceitua como Tempo Cosmológico.

O Tempo de origem de uma realidade, quer dizer, o Tempo fundado pela primeira aparição desta realidade, tem um valor e uma função exemplares; é por essa razão que o homem se esforça por reatualizá-lo periodicamente mediante rituais apropriados. [...] reencontrar o *Tempo de origem* implica, portanto, a repetição ritual do ato criador dos deuses. A reatualização periódica dos atos criadores efetuados pelos seres divinos *in illo tempore* constitui o calendário sagrado, o conjunto das festas. Uma festa desenrola-se sempre no Tempo original. É justamente a reintegração desse Tempo original e sagrado que diferencia o comportamento *humanodurante* a festa daquele de *antes* ou *depois*. (ELIADE, 2010, p. 76)

Deste modo, as festas que ocorrem dentro do tempo originário de nossa realidade, reatualiza o mito em nosso cotidiano. A importância das festas desta forma se dá por meio desse eterno retorno as situações primordiais, responsável por reatualizar e comunicar o Tempo Sagrado.

[...] o homem esforçar-se-á por volta a unir-se periodicamente a esse Tempo original. [...] a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico (e portanto, religioso), mas sim sua reatualização. (ELIADE, 2010, p. 73)

Portanto, por meio das festas, sendo elas o canal de comunicação para a criação de um tempo sagrado que santifica e trás de volta o ato originário da nossa criação, também faz com que nós, pessoas, sejamos todos participantes do ser, já que a festa nos permite “viver na presença dos deuses” (ELIADE, 2010, p. 81). As festas são a comunicação exata entre a convivência e contemporaneidade entre o deus e os seres humanos.

Na festa reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina. [...] Nas festas, reencontra-se a dimensão sagrada da existência, ao se aprender novamente como os deuses ou os Antepassados míticos criaram o homem e lhe ensinaram os diversos comportamentos sociais e os trabalhos práticos. (ELIADE, 2010, p. 80)

Lógico que, quando todos participam das festas e nela comem, bebem, dançam e interagem entre si, não tem exatamente o objetivo de se estabelecerem ontologicamente³², mas mesmo assim é a festa que eles realizam que os caracterizam e os fazem se sentir desobrigados de uma missão. A festa é a eles uma obrigação que eles devem executar sob qualquer hipótese, pois é nela que eles se conectam com o sagrado se santificam, assim como santificam o Fundamento, este que, por ora, também santifica e prepara a Terra para o grande dia. Segundo Sousa (2017, p. 38) “a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico (e, portanto, religioso), mas sim a sua atualização de compromisso e de fé com seus deuses, com o sagrado, além de uma forma do homem seguir o modelo divino”.

Todas as festas que participei foram voltadas para um aspecto na espiritualidade, o que pode deixar muitos confuso, pois são festas de tradição católica, umbandista e de candomblé. Aqui reforço o conceito e ação bricouler de Romana, que une elementos de todas as religiões possíveis para incorporar em sua espiritualidade elementos das religiões cristã, espírita, umbanda, candomblé, catolicismo popular, bem como os elementos criados por ela, como os trabalhos de risco, as peças, artefatos cirurgicos e a própria casa, como mostramos no capítulo anterior. As festas se fazem assim, híbridas, em alguns momentos é nítido que as performances se dão diante do enquadramento de uma religião, em outro momento tudo se volta para o enquadramento de outra. Durante apenas uma festa, acontece diversas manifestações religiosas, algumas de modo separado como a Folia do Divino, e outras se dá de modo híbrido, como a Festa de São Cosme e Damião. No mais, as festas independem da distinção de suas raízes religiosas, todas as festas/rituais lá existentes são organizadas ao longo dos anos, assim se tornando práticas solenes do Centro, o que não interessa necessariamente de que raiz religiosa veio. Se os Três Curadores dizem que é necessário,

³² Visto que, é a ontologia que estuda a natureza, a realidade e a existência dos seres.

então eles fazem.

Na região sudeste do Tocantins há uma forte tradição em realizar as festas católicas como a Folia do Divino, Folia de Reis, Festa da padroeira e assim por diante, o que em outras regiões já não são tão praticadas mais. Digo isso, pois por ser, e viver na região sul do Estado quase a vida inteira, nunca tinha participado ou simplesmente ouvido todas as cantorias que as Folias realizam assim como, festas que minha região não pratica. O que mostra que a região nativitana ainda é um polo para as práticas religiosas típicas do Tocantins.

“As festas de Romana”, expressão muito comum na cidade para se referir às festas que são realizadas no Centro, possuem toda a característica ritualística das festas convencionais, entretanto, sempre apresenta alguma diversificação no que tange a ordem ou até mesmo a estrutura de realização, sempre há um diferencial que as distingue. Isso se justifica devido ao fato de que as festas não são apenas comemorações e práticas centenárias, mas sim, ordem dos Três Curadores, assim como meios de viva interação e santificação de seus filhos.

O que mostra que as festas são o modo como o Fundamento se estrutura, se prepara e sempre se reatualiza transcendentemente para o grande dia do levantar da Terra. O Fundamento ganha a cada festa “poder” por meio da comunicação que, santifica para o grande dia. Assim interliga a Terra com o plano astral, e principalmente comunica a presença dos espíritos com os humanos. Antes de entrarmos no relato das festas, é preciso analisarmos como a memória se dá por meio desse complexo calendário ritual instituído por Romana.

3.1 Romana, uma xamã no Cerrado

Dona Romana é uma pessoa simples, afetuosa e sempre prestativa, mas sua imagem, seu personagem conceitual (DELEUZE e GUATTARI, 1992) que foi construído durante todos esses anos em que foi incumbida de sua missão, é um vetor de potência e conflito a quem não a conhece, Romana representa ao mesmo tempo bem e o mal, o santo e o contaminado a muitos que não são de sua comunidade. Seu corpo é o conflito entre as normas dualistas de realidade e conhecimento existentes, que fraciona o conhecimento e pensamento dos demais modos de viver e pensar.

Desta forma, penso em Romana, sua casa, suas festas e sua cosmologia sob o enfoque da antropologia da memória, campo de conhecimento criado e pensado por Severi (2002). A antropologia da memória usa a junção entre a imagem e a palavra, assim podendo tornar-se dentro do contexto de uma performance ritual as bases para a propagação e produção da memória social. Para Severi, esse caminho entre a palavra e imagem é uma forma de se

propagar conhecimento dentro de comunidades tradicionais que usam a oralidade como principal ferramenta para suas práticas.

Além disso, essa articulação provoca o processo mais importante deste campo de conhecimento, denominado por Severi como princípio da quimera. O autor “concebe a quimera como uma imagem composta de traços heterogêneos, contraditórios, provenientes de animais e espíritos diversos” (DEMARCHI, 2009, p. 595). Essa ideia de quimera vinda da mitologia grega vem aqui elucidar e criar uma imagem de fácil compreensão sobre esse processo que aglutina em um corpo vários elementos que vão desde coisas visíveis quanto coisas invisíveis. Segundo Severi, o princípio da quimera é uma forma de compreender os xamãs que conduzem rituais de cura e festas em suas aldeias. Para ele, os xamãs são “enunciadores complexos”, pois através de suas performances contra-intuitivas produzem memórias nos participantes do ritual, curando-os ou fazendo-os experimentar momentos únicos, que certamente serão lembrados (SEVERI, 2002).

Penso que Romana poderia ser compreendida através da ideia de quimera proposta por Severi, pois a mesma aglutina em si os mais diversos elementos religiosos, míticos, artísticos e culturais, tudo isso sem lhe causar conflito. Além disso, atua em passes, benzimentos e aconselhamentos, sendo uma cuidadora da própria Terra que segundo sua cosmologia, deve sempre estar equilibrada. Do mesmo jeito, realiza um calendário de rituais que mesclam elementos de religiões de matriz africana (umbanda, camdomblé), espírita (linha branca, viagens astrais) e cristã (catolicismo popular e protestantismo). Nestas festas, Romana comanda todos os passos atuando como líder religioso, xamã que conduz e produz esses contextos. O princípio quimérico baseado em Severi diz também que a quimera se dá substancialmente em forma de projeção, imaginação. As pessoas que vão até Romana seja para pedir ajuda ou simplesmente para a conhecer, criam imagens acerca dela, projetam sobre ela expectativas e ideias, assim como de suas práticas, formando e compondo para si uma Romana pessoal.

Romana, assim pode ser entendida, nos termos de Severi, como uma enunciativa complexa, como uma xamã do cerrado que aglutina em seu corpo e em suas produções uma série de elementos aparentemente contraditórios mas que ganham novo sentido na mitopoética criada por ela. Ela cria nas pessoas a capacidade de visualidade, onde utilizando da crença e da dúvida ao mesmo tempo criam uma dimensão visível e invisível da própria Romana, garantindo a eficácia do ritual e da comunicação entre ambas as partes. “É esse jogo visual, cujo objetivo é imaginar o invisível, completando os traços da quimera, o responsável por transformar essas imagens em representações salientes.” (DEMARCHI, 2009, p. 595)

Ainda baseada em Severi (2002), percebo que Romana como um ser puramente quimérico, têm uma imagem paralela que se divide em sua função espiritual e terrena. Ela é duas em vários momentos, uma está aqui neste mundo físico, e a outra está no mundo espiritual, a mesma é dividida em dimensões. Romana dessa forma está sempre em duas realidades que eu divido agora em eixos, sendo o primeiro eixo terra/astral e o outro o eixo: visível/invisível, o que reforça a capacidade paradoxal que seu corpo alcança por meio de todas suas práticas, essas que provocam os observadores a cada vez mais projetar sobre ela.

Romana, como já vimos, é também uma grande bricouler, além de artista – função que ela não aceita – utiliza de suas obras para além de comunicar o futuro, o grande dia do Senhor, as utiliza também para estabelecer comunicação entre o mundo físico e terreno, e ainda, para operar com eficácia mnemônica sua missão. Ao adentrar o caminho que leva ao Sítio Bom Jesus de Nazaré, todo mundo que chega se impressiona com as grandes peças de pedra que logo se é possível ver.

Suas obras além de corpos de comunicação e transcendência são ferramentas para a constante produção e projeção de imagens e memórias, que juntamente com todas as suas histórias e explicações/profecias cria a relação: imagem-fala-memória. Essa relação se dá por meio da evocação.

L'évocation est ce qui lie l'énonciateur et le destinataire du rituel et, par là même, induit la croyance. L'image n'est plus seulement support mnémorique, elle devient projection. Un symbolisme partagé permet à la parole énoncée de faire sens dans l'esprit du destinataire. Jouant sur cette orientation de l'imagination, l'énonciateur rituel se fait lui-même chimère. L'évocation est donc la clé de l'efficacité de certains rituels et le moyen d'une communication "infraverbale".³³(LECLERC-CAFFAREL, 2010, p. 3)

As linguagens artísticas de Romana além de se enquadrarem em meios de comunicação também é uma forma de arte terapia, fato observado por Acampora (2015). A terapia de Romana é diferente de outros xamãs, assim, estamos reportando Romana a uma líder de transcendência. Os xamãs normalmente se expressam por meio do canto para fazer uma viagem cosmológica em nível espiritual. Exemplo disso temos os Kuna (SEVERI, 2002) que usa do canto como forma de percorrer um caminho para se curar/recuperar a pessoa enferma. Romana trabalha de forma diferente, ela cria situações (por meio dos remédios,

³³A evocação é o que liga o enunciador e o destinatário do ritual e, portanto, induz à crença. A imagem não é apenas suporte mnemônico, ela se torna projeção. Um simbolismo compartilhado permite que a palavra falada faça sentido na mente do destinatário. Jogando nesta orientação da imaginação, o enunciador ritual é em si uma quimera. [...] A evocação é, portanto, a chave para eficácia de certos rituais e meios de comunicação "infraverbal". (LECLERC-CAFFAREL, 2010, p. 3)

rezas, passes, festas – principalmente quando diz a todos para levar o pensamento a Deus –, girar e tantas outras formas) para que a própria pessoa trilhe esse caminho de cura.

Romana em seus passes, sua medicina, seus “estudos”, seus rituais, estabelece uma comunicação que parte inicialmente de uma recepção, de entender o que a pessoa procura, que vai desde lhe mostrar o Fundamento, de lhe dar passe, de fazer-lhe remédios e em muitos casos, de modo privativo, acender velas brancas para limpar (de modo espiritual) a casa, corpo e vida da pessoa necessitada e dona das velas.

Assim, essa comunicação se ritualiza, pois, seu modo particular de criar sua imagem como enunciadora complexa de todo um mundo que está por vir e que ao mesmo tempo já está se instalando em nossa realidade, sempre provoca o conflito entre a dúvida e a crença.

[...] existem pelo menos dois modos de construir memórias sociais: um opera através da narração (e renovação contínua) de uma série de histórias; o outro, sempre vinculado à elaboração da memória ritual, tende a criar um número relativamente estável de imagens cada vez mais complexas, cada vez mais “carregadas” de significados e cada vez mais persistentes ao longo do tempo. (SEVERI, 2000, p. 147)

Romana opera esses dois modos de construir memórias. Conta histórias e ao mesmo tempo cria imagens potentes em seus jardins de pedra canga, em seus cadernos de risco, nas paredes e na própria casa e também em suas festas. Sua comunicação excede tudo aquilo que é tangível, pois por meio de suas ações, festas e mitopoética ela acaba por permear o mundo visível e invisível. A memória assim se dá por esse conjunto que une performance e corpo (durante os rituais) e narração que se dá por meio dos lugares imaginários que ele construiu, percorreu e conduz os outros (seus médiuns) a percorrer.

À vista disso, no decorrer deste capítulo, irei tentar descrever com o máximo cuidado os detalhes que as festas possuem, mas aviso caro leitor que, para entender cada festa e essa rede de comunicações que o Centro estabelece com cada prática e comunidade, é necessário de fato estar lá. Além de ser algo rico etnograficamente, pois indica uma pluralidade de relações culturais, sagradas e disciplinares, pode-se sempre acontecer algo que ninguém previa por ordem dos Curadores, assim como também, é algo lindo de se ver e participar.

3.2 As preparações

Todo ano, a comunidade do Centro Bom Jesus de Nazaré realiza juntamente com Dona Romana trabalhos específicos para a ordem, purificação e preparação da Casa diante do

ano que se inicia. No ano de 2018 foram realizadas nos dias 8, 9 e 10 de janeiro a sequência de 3 dias de trabalhos³⁴, com defumações, limpezas e alguns banhos³⁵.

Eu participei dos dois primeiros dias, o que me possibilitou perceber certas práticas que se mudam conforme a ocasião e também com a ordem dos Curadores. Um deles são riscos no chão que, segundo Danilo – quem eu presenciei fazendo –, quando recebe a visão desse risco sente um grande impacto no corpo, como se fosse uma forma energética, assim, indo até o local indicado – a Casa –, e fazendo o que viu com um giz.

Esses riscos no chão – que são uma forma de trabalho de risco, só que não durável, pois, como é feita no chão logo acaba por se apagar, da mesma forma que ajuda a energizar o espaço onde é feito, preparando-o para algum momento especial - normalmente são feitos ou na sala central ou na sala de entrada. Não duram muito devido ao fato de ser de giz no chão de rejunto, assim como o fato de estar lá, não impede as pessoas de transitarem por ele. Sua forma é diversa, mas posso aproxima-la de uma mandala, só que cheio de pontas e com as bacias de água no centro. Todos os médiuns podem realizar, mas primeiro tem que ver, pois é de acordo com o que vê que eles devem realizar.

Cada médium desenvolve aquilo que é de sua missão. Alguns desenvolvem a escrita, outros os desenhos de risco, outros a leitura. Mas praticamente todos desenvolvem o “sentir e o ver”, assim como incorporam. Maria por exemplo, sente angústia e tristeza meses antes de alguém morrer, Danilo incorpora, ouve, vê, mas desenha pouco, mas não faz a escrita. Vanda, ouve e vê, desenha e escreve pouco a escrita. Dona Romana nunca incorporou.

Tudo o que é visto³⁶ eles passam um tempo pedindo ao guia de cabeça – a entidade responsável diretamente por ele, é o espírito que nele incorpora em momentos de performance - orientação sobre o que se deve fazer, no caso das peças de pedra eles chegavam a fazer e esperar até três dias para saber onde deveria se colocar. Eles são direcionados sempre pelo “ver e sentir” ver a imaterialidade e, em seguida reproduzir de acordo com o que pode, em uma materialidade, essa que se utiliza de vários meios, pedra, papel, arame, pau, giz, comida, entre outros.

No ano de 2019 eles não chegaram a fazer os trabalhos de três dias seguidos, mas o ritual de cotidiano foi feito, que é o de todo dia às dezenove horas se fazer a reza do terço sertanejo, e, em seguida, nas segundas, quartas e sextas, os trabalhos. É importante aqui

³⁴ Trabalhos de incorporação ou gira.

³⁵ Preparações de águas com folhas, paus ou raízes são dados a algumas pessoas para que na hora do banho elas joguem sobre o corpo.

³⁶ Quando eles se referem a “ver” é uma visão espiritual que, passa pela visão normal. Não é processo de transe e nem sonho, eles sempre estão acordados ou trabalhando em alguma coisa. O ver é como se fosse uma lente posta sobre os olhos que permitem ver algo espiritual no contexto físico que se está.

salientar que Dona Romana não participa dos trabalhos, ela sempre se senta na sala central para tomar seus remédios e fumar seu charuto, apreciando. Pouquíssimas vezes ela interferiu.

Quem realiza, organiza e executa os trabalhos são os médiuns mais velhos, formados por Dona Romana há anos atrás. Tem médiuns que já possuem seus terreiros, mas, quando sente o chamado dos espíritos eles vão ao Centro de Dona Romana para normalmente ficarem alguns dias. Esses médiuns que lideram os trabalhos são normalmente chamados de pai e mãe de santo.

Segundo Dona Romana, os filhos dos Três Curadores, que são aqueles que frequentam a Casa e o Centro assiduamente da mesma forma como que pede ajuda aos mesmos pela sua vida e família, todo ano deve levar três maços de vela branca número 8, com o nome da família neles escritas para pedir ajuda durante todo o ano, o que aproveitam e tomam passe. Essa é outra prática de iniciação de ano que as pessoas, não médiuns devem fazer. Esse trabalho é realizado somente por Dona Romana, ela é a responsável por acender essas velas e oferecê-las aos Curadores buscando deles limpeza na casa da família e ajuda em todos os sentidos.

Figura 28– Filho dos três curadores tomando passe



Fonte: Botelho (2019)

A cada ano, os rituais de preparação de ano novo são diferenciados, mais sempre segue essas mesmas práticas, trabalhos de incorporação, rezas, riscos, velas e remédios, tanto para os médiuns quanto para as pessoas não médiuns que vão até lá buscar algo ou, simplesmente agradecer os 3 Curadores.

3.3 Semana Santa - 26 a 29 de março de 2018

Precedida pela semana da quaresma, a qual eu não estava presente, é a semana que predetermina a Semana Santa. Pois, é na quaresma que começa os testes ao pé da mesa. Nessa semana há orações todos os dias – o terço sertanejo -, e nas segundas, quartas e sextas, os trabalhos. Assim, se começa a chegar os médiuns mais próximos para ficar até a Semana Santa, ou aqueles que não poderão vir.

Na quaresma também se realiza uma pequena procissão da vida de Jesus dentro da sala central, sempre às dezessete horas. Todos se reúnem, colocam velam nas cruzes instaladas nas paredes e fazem junto de Dona Romana os 12 pontos. Cada ponto representa as etapas da vida de Jesus. Todos leem a bíblia e rezam nos pontos, em seguida todos vão para a sala do altar e começa-se o terço sertanejo.

Os testes ao pé da mesa é um ritual que dura o dia todo durante a Semana Santa, a mesa da sala central é preparada com a troca da toalha da mesa, colocando-se em seguida os cadernos de risco dos médiuns presentes. Se disponibiliza lápis, lápis de cor e canetas para os médiuns se sentar e começar a produzir trabalhos de risco e escrita. Nisso, eles vão alternando, enquanto uns riscam em seus cadernos, os outros vão fazendo gira ao redor da mesa. Conversei com uma das médiuns que ainda está em fase de formação.

[...] eu vi uma casinha de palha assim, pra eu desenhar a casinha de palha, ai eu vi um monte de matim, eu imaginei, né, eu peguei e desenhei um monte de matim e flores e depois no terceiro eu desenhei tipo umas coroas, três coroas assim, é com três bolas assim em baixo com triângulos e o pulo de um foi duas bolas com um monte de frutas dentro.

O que você sente quando está fazendo? Porque todo mundo tá ali tentando, rezando né.

Ai eu fico concentrada lá, desenho porque senão...

E concentra mesmo?

Aham.

Quando eles param de cantar desconcentra?

Uhum. Desconcentra, para mesmo. Para mesmo.

E esse teste é pra que? Essencialmente, você sabe pra que [...] que serve o teste?

Ela falou, fala muito que é pra gente ver, o que a gente ver a gente desenhar, escrever e ela pega e guarda ali dentro né, ali tem um monte de coisa guardada. Lá no galpão também, ela guarda o que serve, o que vai servir pra nois na grande hora, ela fala assim né.

Sendo assim, a Semana Santa é a data mais importante do Centro, é o período mais denso de atividades por eles realizadas. Durante essa semana os trabalhos são feitos todos os dias, sendo sempre a mesma prática: primeiro o terço e depois os trabalhos. Como sempre os médiuns mais velhos dirigem o trabalho. Em todas as datas festivas os médiuns formados por Dona Romana procuram estar presente, mas a Semana Santa é a data que mais reuni os médiuns, lógico que, como são mais de dois mil médiuns ao longo da corrente de treinamento de Dona Romana, nem sempre todos estão lá. Mas, ainda sim, vão muitos.

Figura 29 – Mesa preparada para os testes ao pé da mesa na Semana Santa



Fonte: Botelho (2018)

Figura 30– Trabalhos durante a Semana Santa



Fonte: Botelho (2018)

A corrente de treinamento de Dona Romana são estágios de licença que lhe são dados, esses estágios contribuem efetivamente para que a sua missão seja completa. Hoje, segundo ela, sua corrente já subiu, o que faz com que ela não forme mais nenhum médium. Os médiuns mais velhos que foram por ela treinados e preparados formam os mais novos. Todavia, há um consenso, o Centro Bom Jesus de Nazaré é o polo de inicialização de todos.

Tudo se inicia com os médiuns acordando e antes mesmo do café já colocando suas roupas de trabalho – os uniformes-, e pegando seus terços. A Casa nem abriu ainda enquanto eles tomam o café da manhã – chá, café, e beiju -. Dona Romana com alguns médiuns

organizam a mesa para os trabalhos de teste, assim com uma mesa menor, a que fica dentro da sala do arquivo com as peças cirúrgicas, essa mesa é levada para fora para que as peças fiquem expostas aos trabalhos que vão ser realizados.

A Casa está diferente! Riscos no chão em vários lugares, galhos de arruda, palha de coqueiro espalhados pelo chão em toda a extensão da Casa. Na mesa central há garrafas com água e outros líquidos alcoólicos. Nos cantos há velas e altares com fubá, farrinha, vasilhas com sal e alho, garrafas de água e bebidas alcoólicas, palhas e velas. Antes de se organizar isso tudo, a Casa é varrida, joga-se um pouco de água para umedecer o ambiente e troca-se todas as folhas que estavam no outro dia.

Figura 31 - Elementos ofertados durante a Semana Santa



Fonte: Botelho (2018)

Legenda: Essas são algumas preparações de Romana. Os Três Curadores dizem a ela o que colocar em cima da mesa. Ela normalmente não diz o que significa ou para que serve.

Figura 32–Peças cirurgicas expostas durante a Semana Santa2



Fonte: Botelho (2018)

Legenda: As peças cirurgicas ficam expostas para energizar a Casa e os participantes com energias curativas.

Figura 33 – Preparações ao canto da parede e no chão durante a Semana Santa 3



Fonte: Botelho (2018)

- Oi moça, você sabe fazer um laço aqui atrás? É que eu ainda não consigo! Só consigo fazer no meu sapato!

Rapidamente eu fiz o laço, foi quando notei que para os médiuns cada detalhe é muito importante, todo o preparo com a Casa e com seu próprio corpo é observado nos mínimos detalhes. O trato com o corpo aqui é de certo modo obsessivo. Então durante os momentos de performance ritual o zelo pelo alinhamento com seu uniforme e adereços deve ser perfeito.

Tido com algo sagrado e sua principal responsabilidade, o corpo é durante esses dias defumado com baforadas normalmente no centro do tórax, são colocado em certos momentos álcool na mão para esfregar em alguma região e cheirar, incensos que é passado de um por um para se poder circular o corpo com a fumaça e depois fazer movimentos para fora, além de várias vezes receber passe de Dona Romana e também dos pais e mães de santo. Logo no início dos trabalhos, Dona Romana afirma:

- O que as pessoas estão fazendo, faz para vocês mesmo. Não faz para mim. Faz para vocês seguirem a vida em paz.

Figura 34–Recebimento de passe de Dona Romana e outros médiuns







Fonte: Botelho (2018)

Lengenda: Dona Romana sempre vai a frente cumprimentando e atrás vai seus médiuns ofertando álcool, baforadas e água.

Além de afirmar que todos “assuntem” muito bem seus atos, pensamentos e atitudes. Pois “essa semana não está para brincadeira”. Os rituais realizados nessa semana são tão importantes que ninguém deve ficar tomando cervejas, brigando ou ficar tendo assuntos que não sejam acerca de espiritualidade, os trabalhos ou o Centro. A comida nessa época também segue a tradição de não consumir carne vermelha, o almoço tem seguido normalmente o cardápio de arroz, feijão, galinha caipira, macarronada, salada e suco. O suco é servido, pois a Semana Santa também é uma data comemorativa, nos demais dias não há suco.

Juntamente com todo esse momento de teste ao pé da mesa, correntes, defumações corporais e incorporações, em um dado momento as bandeiras do Divino Espírito Santo são

trazidas para serem beijadas por todos os médiuns, isso já é uma forma de apresentação e reverência ao Divino, assim como uma preparação espiritual as folias que vão acontecer.

Figura 35–Cumprimento a Bandeira do Divino



Fonte: Botelho (2018)

Legenda: Essas bandeiras serão usadas durante todo o percurso do Folia fora do Centro.

Há uma grande distinção entre os trabalhos nesta semana com os trabalhos de incorporação que são costume da Casa após a reza de noite. Um não anula o outro, apesar de apresentar diferenças, um complementa o outro para que todo o dia seja devotado a espiritualidade. Os trabalhos que circundam a mesa, como dito anteriormente são para concentrar os médiuns que estão na mesa fazendo seus trabalhos de risco (o teste), e também para que os que ainda estão circundando possam ir à mesa depois e se conectar para poder realizar os testes.

Eles cantam tradicionais músicas católicas, corinhos de folia, músicas de invocação dos guias relativos à linha branca do espiritismo e também da Umbanda. Com isso, os médiuns fazem as chamadas correntes, que é a fila que eles mesmos realizam em volta da mesa, essa fila não pode ter falhas grandes entre um médium e outro, pois eles acreditam que com isso, podem-se abrir portas de entrada para espíritos ruins ou simplesmente atrair coisas ruins. A corrente é tida como uma batalha espiritual³⁷ para a comunidade seja ela feita de dia

³⁷Batalha espiritual é um termo que as igrejas evangélicas usam constantemente para designar uma luta contra forças demoníacas, ela sempre se passa na mente do cristão. O que diferencia um pouco das batalhas travadas na

– que é o caso da Semana Santa -, ou à noite nos trabalhos normais.

Sempre durante a cantoria, se é apresentado as “salas, salões, pontos e correntes”, as salas e salões são as casas ou terreiros, os pontos são onde ficam as velas, que são a materialização dos principais pontos de energia, e as correntes são “aquilo que nos sustentam” segundo a própria Dona Romana. As correntes são os movimentos, a fila que eles realizam, sempre é claro, em sentido horário, obedecendo a esse sentido que gere o Fundamento.

Chamo a atenção para um dado muito importante aqui, todas as formas de expressão do Centro Bom Jesus de Nazaré se dão em forma artística. As pesquisas anteriores como Reis (2008), Acampora (2015), Tessereli (2017) e Bodnar e Araújo (2013) acerca de Dona Romana e sua missão sempre trata da cultura visual que ali é existente, entretanto, Dona Romana e seus médiuns se expressam em praticamente todas as linguagens artísticas.

A música em toda a oralidade ritualística presente nas rezas e invocações, o desenho (arte visual) em toda imaterialidade recebida por meio de seus sentidos, a dança em todo movimento corporal (giros, batidas ritmadas pelos pés e mãos, movimentos grupais como a corrente) e o teatro diante de todos os papéis que tanto a Dona Romana quanto os pais e mães de santo realizam antes, durante e depois de seus eventos. Estes, que são totalmente diferentes das funções rotineiras, esses líderes mudam totalmente nesses dias, tanto o modo de agir e falar. Afirmo que, eles constroem personagens para essas ocasiões.

Esses personagens se dão por meio do mito, sendo ele “a aparição de uma nova “situação” cósmica ou de um acontecimento primordial” (ELIADE, 2010, p. 85), desta forma, eles se incumbem de um papel social de liderança remetendo assim ao mito e a uma gênese corpórea. O corpo aqui é tipo como um receptáculo que compreende o plano espiritual, onde o principal material é o guia, o que acaba por desembocar no físico. Postura ereta, rosto sempre sério sem nenhuma expressão, fala-se apenas o necessário, rigidez nos movimentos que realizam são um dos indícios que eles já se investiram de seus personagens.

A festa para Romana enquanto mulher religiosa é uma participação no ser, e dessa forma “[...] lhe é afiançada pela revelação primordial da qual ele é o guardião.” (ELIADE, 2010, p. 84). Como guardiões da festa, Dona Romana e seus pais e mães de santo, representam um personagem de regência, assim como seus guias, o que acaba transfigurando para o corpo. O corpo passa então pelo processo de devir, um devir mítico, um devir tendo como principal modelo e elemento, os espíritos que participam com eles durante a festa. Por isso, que as incorporações são tão comuns, o que acaba por muitas vezes me confundir entre

corrente, que além de se passar na mente (controlada por meio de cantorias, rezas e o terço) se passa também no corpo que não pode perder o ritmo.

até onde é o espírito e até onde é a pessoa.

O mito [...] é sempre a narração de uma “criação”: conta-se como qualquer coisa foi efetuada, começou a *ser*. É por isso que o mito é solidário da ontologia; só fala das *realidades*, do que aconteceu *realmente*, do que se manifestou plenamente. (ELIADE, 2010, p. 85)

Importa dizer que, se investir do personagem criado para ser o guardião não é exatamente a mesma coisa de estar plenamente incorporado pelo guia. O personagem guardião é um personagem “papel social”, mesmo que ele esteja em constante devir corporal diante das suas obrigações/missões/ordenanças dos guias, o guardião ainda é a pessoa. Entretanto, quando esse guardião incorpora, ele deixa de ser o guardião, aquele corpo é somente o guia incorporado. E ambos são imprescindíveis e intrínsecos a todo o processo da festa.

Depois de todo o preparo, os trabalhos se iniciam teste ao pé da mesa, corrente, rezas e incorporações. É colocada uma estrela de vidro na janela que tenha entrada de sol, essa estrela é cheia de água, o que faz com que a luz que passa por ela seja em formato de prisma, dando uma iluminação diferencial em toda a sala central. Quando perguntei não me informaram muito, apenas me disseram “é o esquema do olho grande”, “ajuda a canalizar a energia da Casa”.

Figura 36 – Esquema do olho grande



Fonte: Elaboração própria a partir de fotografia autoral (BOTELHO, 2018)

Os trabalhos são incansáveis, para-se apenas para o almoço, enquanto os trabalhos ocorriam os visitantes/turistas dividiam a atenção de Dona Romana, que neste dia, 29/03, recebeu muita doação de pessoas da cidade e também próximas. Depois os trabalhos recomeçam, tudo da mesma forma, uniformizados, teste, correntes. Vanda me diz que: “Quando se recebe o desenho senta-se à mesa, desenha lá, vai para a sala de o altar agradecer o desenho com um pai nosso, volta na preparação³⁸ e toma o remédio que o espírito dá³⁹.”

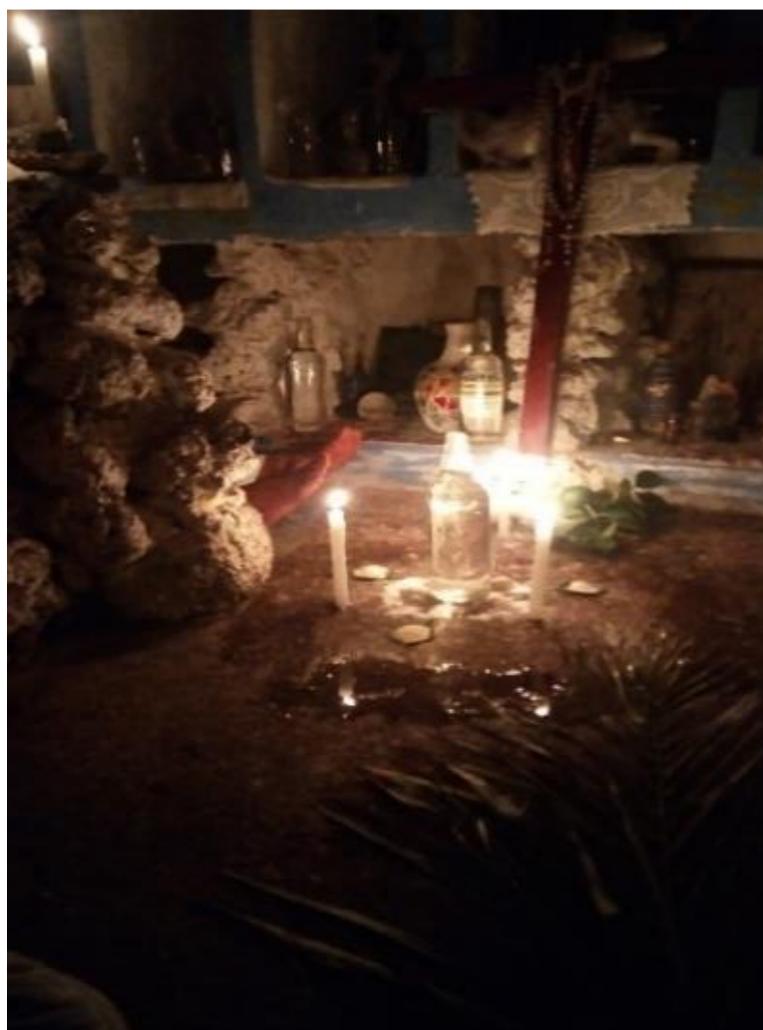
Depois, uma pequena pausa para o lanche da tarde – bolacha Mabel com café ou chá -, e continua tudo até as 17h30min.. Onde se encerra organizando tudo, e colocando-se novamente as peças cirúrgicas na mesa central. Todos se reúneme Dona Romana com sempre se preside lendo com a ajuda de um médium mais novo a bíblia – apocalipse 18: 1-8 -, depois o livro “minutos de sabedoria”, onde se fala sobre viver a vida espiritual intensamente. Diz que diferentemente dos outros anos, esse ela não irá explicar nada o que tinha sido lido, que esse ano esperava coisa bem pior, mas graças a Deus esse ano foi bem tranquilo. E finaliza agradecendo e informando que no dia seguinte terá procissão dos filhos no Centro, assim como o dia do Senhor está muito próximo.

Terminado, ela foi fumar seu cachimbo e acaba falando quase que consigo mesma enquanto estava comigo, “O Senhor, que todo esse trabalho valha a pena! Meu Deus me mostra a vida, que nada seja em vão”. Logo a diante, foi servida a janta – arroz com abóbora - e a noite não teve trabalho, apenas a reza do terço. Danilo chegou a fazer mais uma preparação ao pé do altar da sala de orações. Todas as rezas são feitas na sala de orações, que depois são passadas para a sala do altar. Lógico que, como tem muitas pessoas, cada um vai se acomodando onde há espaço. Quando acabou, muitos médiuns foram para suas casas na cidade de Natividade, outros como eu, acabei dormindo no galpão.

³⁸ Preparação é os pequenos altares que se tem nos cantos da Casa, esse como vasilhas, agua, semente de emburana no álcool, café, folhas, entre outros.

³⁹ Depois que eles saem da sala do altar, eles já sentem o direcionamento do que devem pedir ao pai ou mãe de santo que fica se revezando para atende-los.

Figura 37 - Preparação ao pé do altar da sala de orações



Fonte: Botelho (2018)

Quando estavam todos já preparados no galpão organizando para dormir, ocorreu uma eventualidade. Um dos médiuns mais novos do Centro, que estava durante todo o dia no trabalho, incorporou um espírito que estava incomodado por ele ainda não ter uniforme. Desse modo, uma mãe de santo juntamente com o Danilo atendeu o espírito fazendo o acordo de que até a chegada da folia o uniforme estará pronto. Tudo demora bastante, depois o rapaz que ainda não consegue ter controle sobre suas pernas que andam bambas, pois seus pés estão sempre virados com o calcanhar para fora. Então é tratado por Danilo e a mãe de santo com baforadas, água e cordas⁴⁰. Além de que enquanto a incorporação ainda estava sobre o jovem, Danilo também incorpora, fazendo voltas com o rapaz ao redor do círculo de proteção, sempre em sentido horário.

Essa eventualidade acaba por se transformar em um trabalho de incorporação. Pois ainda incorporado, Danilo acaba por convocar todos os orixás, assim acabando por cumprimentar a todos os presentes com baforadas, enquanto também são agradados com balinhas, água e álcool. Quando tudo se findou, ocorreu outra eventualidade, mais um dos médiuns jovens incorpora um espírito que estava irritado com seu cavalo devido a bebidas que ele não tinha autorizado.

Depois de muito trato, conselhos e conversas, o espírito – caboclo baiano -, pede então para ir para o mato com seu cavalo, o que é permitido, os médiuns dizem que, enquanto ele for, ficarão fazendo firmeza⁴¹. O espírito incorporado sai do galpão e adentra o mato com apenas uma vela e uma garrafa de água na mão, já passou de meia noite. Todos finalizam o trabalho. O jovem retorna em densa madrugada.

É importante trazer aqui a referência do cavalo diante da relação que os espíritos têm com seus médiuns. Os médiuns aceitam uma relação de subordinação com seus chefes de cabeça, tanto é que, eles mesmos, começaram a me explicar como se dá a relação com os espíritos. Cavalo é todo aquele que incorpora espíritos pertencentes à linha de espiritualidade seguida. Dessa forma, eles começam a “domar” seus cavalos, até que eles estejam disciplinados e obedientes. Essa relação vai desde o fato de exigir que o cavalo participe de sua missão até o fato de não praticar algo ou consumir alguma coisa.

Como já sabemos, Romana é uma mulher extremamente complexa, dessa forma, criou uma performatividade, e reproduz sempre quando é necessário em sua vida cotidiana (ELIADE, 2010; SCHECNER, 2003).

⁴⁰ Esse é um tipo de procedimento que se bate cordas sobre o peito e costas da pessoa com intuito de descarregar/expelir energias negativas.

⁴¹ Período de oração pedindo e rogando pela vida do jovem até o sentir que ele não está mais em perigo.

[...] este desejo do homem religioso de retornar periodicamente para tras, seu esforço para restabelecer uma situação mítica [...]. Uma tal nostalgia conduz fatalmente à contínua repetição de um número limitado de gestos e comportamentos. De certo ponto de vista, pode-se dizer até que o homem religioso [...] é por excelência um homem paralisado pelo mito do eterno retorno. (ELIADE, 2010, p. 82)

A imitação de gestos, ações em busca de uma verossimilhança com as entidades do mundo espiritual, levam os médiuns de Romana a sempre performar por meio de ações que são sempre repetidas, pois “Performance, no sentido do comportamento restaurado, significa – nunca pela primeira, sempre pela segunda ou enésima vez: comportamento duas vezes exercido.” (SCHECHNER, 2003, p. 35)

Chegamos agora a um dos fatores chave para a performatividade, essa que é uma ação que se repete por meio de ações cotidianas, rituais ou outros diversos momentos necessários a uma ação explícita e significativa, os comportamentos restaurados.

Os hábitos, rituais e rotinas da vida são comportamentos restaurados. Comportamentos restaurados são comportamentos vivos tratados como um cineasta trata um pedaço de filme. Esses pedaços de comportamento podem ser rearranjados ou reconstruídos; eles são independentes do Sistema causal (pessoal, social, político, tecnológico...) que os levou a existir. Eles têm uma vida própria. A verdade ou fonte que originou o comportamento pode ser desconhecida, perdida, ignorada ou contradita – mesmo quando essa verdade, ou fonte, está sendo honrada e reconhecida. (SCHECHNER, 2003, p. 33)

O comportamento restaurado na comunidade Bom Jesus de Nazaré são ações baseadas inicialmente em modos e reações corporais quando em rituais ou práticas espirituais. Deste modo, os médiuns sempre estão em contante mímese de outros médiuns, visto que lá, todo o processo de formação e educação é feito como em comunidades de origem indígena e de matriz africana, que se dá por meio da observação, escuta e reprodução.

O padrão de restauração de comportamentos lá existente se baseia inicialmente em Romana, que apesar de nunca ter incorporado, estabelece uma norma performativa que permite aos seus médiuns e comunidade em geral fazer mímese de seus atos. Sempre em seus passes, produção de remédios, organização de tudo o que é pertinente a Casa, Fundamento e festas, e também na formação de médiuns – onde ela ainda na fazenda Bizzaria, participava dos trabalhos de incorporação organizando, liderando e ensinando os médiuns que hoje assumem esse papel -, Romana tem um modo de ação que deixou de ser cotidiano, natural, é um comportamento que sempre está em estado ritual, sempre conectado ao mundo cosmico/astral.

[...] o comportamento restaurado é – eu me comportando como se fosse outra pessoa, ou eu me comportando como me mandaram ou eu me comportando como aprendi. Mesmo quando me sinto ser eu mesmo, completamente, e agindo de modo livre e independente, apenas um pouco mais de investigação revelará que as unidades de comportamento vividas por mim não foram inventadas por mim. [...] A maioria das performances, cotidianas ou não, têm mais de um autor. Rituais, jogos e performances da vida diária são escritas por um ente coletivo Anônimo ou pela Tradição. Pessoas a que se credita a criação de um jogo ou rito, geralmente, revelam ser sintetizadores, recombinaidores, compiladores ou editores de ações já praticadas anteriormente. (SCHECHNER, 2003, p. 34)

Todo comportamento restaurado para uma performance “[...] é simbólico e reflexivo.” (SCHECHNER, 2003, p. 35) deste modo, remetemos ao princípio da quimera, no que tange a reflexividade (SEVERI, 2002) que exige que haja entendimento dentro das ações rituais para que os estágios de comunicação se estabeleçam de forma inteligível a todos e sejam de fato efetivos, operando assim a eficácia simbólica. Deste modo, diferenciamos aqui a performance que pode ser qualquer ação em qualquer estado, de performatividade que é uma ação ritualizada, reflexiva, constantemente restaurada e reatualizada.

Lembrando que, performatividade é algo que é comum e típico em diversas sociedades, claro que, cada uma a sua maneira, mas, cada sociedade forma para si um modo específico de atuar, performar, e assim, se reatualizar por meio desse conjunto de ações, havendo assim uma eficácia na flexibilidade de todo o processo. No Centro Bom Jesus de Nazaré é do mesmo jeito. Desse modo, é de suma importância, compreender inicialmente o que está sendo reproduzido por meio de discursos, ações e também socialmente, do que apenas buscar o significado da cultura apenas como teoria e análise, isso é o que defende (YÚDICE, 2013). Performatividade para Yúdice não foge muito do que estamos aqui a discutir, pois

A performatividade baseia-se na crença de que a manutenção do *status quo*, isto é, a reprodução de hierarquias sociais relativas à raça, gênero, sexualidade, é obtida pela repetição de normas performativas. Diariamente, ensaiamos os rituais da conformidade por meio da indumentária, dos gestos, do olhar, e da interação verbal dentro do contexto do local de trabalho, da escola, da Igreja, do órgão governamental. (YÚDICE, 2013, p. 81)

A performatividade é a forma como temos todos praticado - claro, dentro de cada realidade -, o social. A performatividade é o método primordial de como temos levado a vida em sociedade, sempre por meio de ações e comportamentos que obedecem um *modus operandi*.

Diante da vida diária do ser humano hoje neste mundo pós-moderno, o corpo tem se tornado uma máquina que perde o sentido dentro das ações realizadas dia a pós dia. Isso para

Le Breton, é a desritualização do corpo, que é uma forma de apagamento que se instaura por meio da “[...] repetição incansável das mesmas situações e a familiaridade das percepções sensoriais. ” (LE BRETON, 2016, p.114). Nesse sentido, a performatividade ritualística do Centro Bom Jesus de Nazaré vem como uma contra-regra dessa norma vigente.

Todas as ações que performatizadas antes, durante e depois dos atos rituais e também na vida cotidiana da comunidade, nunca condicionam o corpo dos médiuns – e os dos não médiuns também, aqui me incluo -, existe um apagamento, pois sempre se experiencia algo novo de modo diferente, sempre são acontecimentos imprevistos, incorporações não planejadas e formas performativas surpreendentes que sempre levam a uma forma de comunicação seja com as entidades, seja com o cosmos, seja com a terra ou com os humanos presentes.

Dessa forma, pude perceber que, a performatividade é o conjunto de ações corporais repletas de sentidos e significados que a comunidade realiza, a performance é de modo mais simplório as ações realizadas pela comunidade, mas essa, sem uma rede de significados mais abrangente e potente, se serve mais das ações rotineiras necessárias ao dia a dia. A performatividade então é a forma que a memória se expressa durante os acontecimentos rituais, pois ela e o corpo entram em processo de hibridismo como forma de manifestar toda a gama de sentidos que são abarcados por Romana, a relação com os espíritos (aqui se dá as performances que o cavalo executa quando está dominado por seu chefe de cabeça), com o cosmos e demais coisas.

A memória de certa forma se materializa no corpo, não apenas para executar ações rituais, mais principalmente para se interligar com o plano invisível, com ela, o corpo acessa os lugares imaginários, ou simplesmente o plano espiritual, o que justifica quando digo que, assim se opera a eficácia simbólica. Em estado de consciência os médiuns se conecta aos lugares que Romana antes preparou, esses lugares normalmente são para onde ela faz suas viagens astrais.

A performatividade que Romana construiu e propagou por meio de seu corpo a todos que a circundam, é uma obra de arte primorosa, assim como todo seu acervo de peças, desenhos, objetos e lugares imaginários, da mesma maneira que sua forma de comunicar um novo mundo que já se instalou é de sobremodo eficaz, que acaba por nos conduzir a um caminho sem volta nessa cosmologia que agrega a todos sem excluir.

A relação de corpo existente no Centro Bom Jesus de Nazaré é algo intenso, pois corpo abrange vários detalhes que os médiuns não podem deixar de cumprir – performance, memória, mito, sagrado, hibridismo. Danilo me relata que usava aparelho nos dentes, mas

quando iniciou na Casa, foi obrigado a retirar o aparelho, pois a Casa não aceita qualquer tipo de ferro e certas tecnologias modernas voltadas ao corpo. Da mesma forma foi com os alisantes de cabelo que também usava, foi proibido.

O corpo além de ter toda essa visão do sagrado⁴², também tem a visão do impuro, e, portanto, deve-se voltar à ordem inicial (DOUGLAS, 2017). O médium recebe “peia” quando não cumpre as ordens. O corpo, tratado como aparelho para o seu guia, recebe o retorno da desobediência assim, como alívio quando obedece.

Dona Romana diz que sente o impacto de tudo no mundo em seu corpo, o pecado, a dor, a desobediência, ela sente como uma intensificação nas enfermidades mesmo. Ela possui glaucoma nos olhos, um dia cheguei e presenciei o estado de dor que sentia, perguntei e recebi como resposta que o “olho zangou-se” de uma hora para outra, pois a cada ano o povo peca mais.

O corpo é uma antena que conecta um elemento ao outro, sua importância se dá, pois, além de ser o elo de comunicação entre tudo no mundo, o mesmo é também o elo como o mundo espiritual.

3.4 Sexta feira da paixão - 30 de março

O dia se inicia como sempre todos acordando cedo e já se aprontando. Junto comigo, dormem no galpão mais de 10 pessoas. Como o galpão é o único lugar que possui energia elétrica no Centro acaba por conseguir acomodar bem cada um. Como há apenas um banheiro, a lógica é sempre os mais velhos tomarem banho primeiro. Pois afinal, são eles que iniciam todos os preparativos relativos à rotina de tudo.

Desde minha infância sempre me recordo de uma frase dita a mim por meu pai nos dias sexta feira da paixão, “Pare com isso! Hoje não é dia de fazer isso”. Meu pai sempre me alertava durante toda minha infância que, essa data é especial, é dia de recordar a morte de Jesus. É dia de luto. Portanto, não se fala alto, não se brinca, não se briga, não faz piada. É dia de reflexão e gratidão. Tudo isso remonta o discurso dos “antigos” - pessoas mais velhas.

No Centro também não é diferente, tudo é voltado para o silêncio, ou a tentativa dele. Logo cedo, antes mesmo do café da manhã, Dona Romana sai da Casa, vestida com seu uniforme e seu terço, seguida em fila por seus médiuns. Começa-se a procissão que percorre toda a extensão do sítio, passando-se por quase todos os portais de pedra existentes em seu quintal, assim como o pequeno passeio também percorria os limites do muro.

⁴²Que conduz a origem, a pureza.

Figura 38 – Procissão na Semana Santa



Fonte: Botelho (2018)

Legenda: A procissão percorre todo o limite do Centro, tendo Dona Romana como a primeira sempre.

Todas as paradas eram feitas quando se chegava diante de imagens de Cristo, assim todos paravam e faziam o sinal na Cruz. Dona Romana realizava gestos de abertura diante de algumas peças também. Todos rezam sem parar o terço, com todas as ave marias e pai nosso até chegar à Casa. Lá dentro, na sala central, Dona Romana preside uma reza, onde há incorporações, saudações para a bandeira do Divino Espírito Santo e de Jesus crucificado. Vanda chora durante todo momento dentro da Casa.

Em seguida, Dona Romana distribui água, os outros médiuns logo após, dão baforadas e álcool para cada um. Nisso, todos já estão organizados da seguinte forma, em um grande círculo ao redor da mesa, mulheres ficam de um lado e homens do outro. Dona Romana abençoa cada um segurando nas mãos e encostando a testa no dorso da mão da pessoa que cumprimenta. Novamente há um pronunciamento onde ela agradece e finaliza todos os trabalhos da Semana Santa.

Sua fala sempre lembra que tudo o que cada um ali presente faz não é para ela, mas sim para eles mesmos, pois como todos tem uma missão a cumprir, quando a mesma não é cumprida, o médium sofre castigos – normalmente em âmbito corporal, dores, doenças e perdas -. Como Romana é uma mulher que condensa em si vários elementos e segmentos religiosos em sua cosmologia, ela enuncia depois aspectos da reencarnação provindas do espiritismo, onde alerta sobre o fato de que não há nada de novo na terra, todas as pessoas são velhas, e estão em fase de crescimento e evolução, por isso, sempre alerta que “nada lá está para brincadeira”, exigindo assim compromisso e foco dos participantes do ritual.

Figura 39 – Procissão chegando na Casa onde se finaliza.





Fonte: Botelho (2018)

Figura 40 - Cerimônia da Semana Santa 2



Fonte: Botelho (2018)

Tudo rapidamente se transforma em alegria, as pessoas começam a se abraçar, brincar e rir. Assim, os mais novos pedem benção aos mais velhos e seguem a rotina normal da Casa. Dona Romana volta a atender todos que lá aparecem. E a primeira vez que o café da manhã é preparado tão tarde.

Uma das médiuns mais velhas do Centro, e também mãe de santo, me explica como se dá muitas coisas sobre a relação dos espíritos com os médiuns. Todas as batidas no peito são linguagem corporal de cumprimento dos guias às pessoas. Cada médium possui o chefe de

cabeça, e também o pai de cabeça, que são espíritos responsáveis por aquele aparelho⁴³, assim chegando à cabeça, que é o próprio médium. Por causa disso, não é apropriado em nenhuma hipótese tocar, impor mãos na cabeça de outrem. Pois é na cabeça que está tudo, os pensamentos, as vontades, o entendimento da pessoa. Acredita-se que ao tocar na cabeça do outro, pode-se interferir a mente dele, “então isso a gente não faz não”.

Tudo isso se interliga essencialmente as camadas espirituais que eles creem. Pois há o planeta Terra (onde nós ficamos), depois o astral (onde ficam os espíritos e seres) e acima disso tudo, fica Deus. Pergunto também sobre os elementos que eles sempre usam nos preparos. Ela me responde que o sal no caso, sempre simboliza a proteção, a farinha a fartura – por isso, quando a mesa não está sendo usada, uma bacia cheia dela fica sempre exposta -, o incenso representa a pureza e descarrego e os aparelhos cirúrgicos também estão sempre expostos nesses dias para se receber a benção da saúde sobre todos os corpos que estão presentes assim como os que eles irão um dia curar.

Os aparelhos cirúrgicos são chifres enfeitados com missangas e durepox. Esses no momento normalmente não são usados, exceto para exposição em algumas festas como a Semana Santa e nos processos de cirurgia espiritual⁴⁴ que ocorre durante os trabalhos de incorporação a noite. Sua energia é acionada em raros momentos que normalmente e na cura de alguém extremamente necessitado. A profecia de Romana para essas peças é que eles serão a tecnologia mais avançada para tratamento de doenças no futuro, onde apenas ao mirar o corpo fará o trabalho de identificar e tratar imediatamente a doença. É um objeto feito para a intervenção corporal, é por onde o corpo será modificado.

Após essa conversa, almoçamos e logo mais adiante, à tarde, não me recordo o horário, Dona Romana começa a distribuição de papelzinhos com uma determinada numeração a cada um. Cada um chegava à mesa, pegava o papelzinho que estava dentro de uma sacola com Dona Romana, desgrampeava e fala o número que lá havia a um dos médiuns jovens que anotava tudo, nome completo, número e a referência bíblica. O meu era o número 44 e a referência era Lucas 1: 4 – 7.

O número 44 e o tanto de vezes que terei que rezar o pai nosso com aves marias, a liturgia do terço. Quando isso será feito fica a cargo de cada um. Uma jovem me disse que

⁴³ No Centro Bom Jesus de Nazaré não há distinção de certos termos, como é o caso de cavalo e aparelho quando se refere ao corpo que recebe a incorporação do espírito, orixá, entidade, espírito, também são a mesma coisa para eles.

⁴⁴ Cirurgia espiritual é um processo de cura que acontece pelas mãos dos espíritos. Durante essas cirurgias a pessoa se deita e deixa-se anestesiado de modo espiritual, depois disso, é tratado as mais diversas enfermidades, como ossos quebrados e cardiopatia. Os aparelhos cirúrgicos aqui normalmente são colocados em cima da pessoa. Ao final de tudo a pessoa deve cumprir as recomendações que os espíritos dão, como repouso, não consumir certas comidas e assim vai.

esse ano foi diferente, pois “Antes a gente pegava o bilhete no pé da mesa e descia para ali, perto do fogão e ficava lá rezando e fazendo montinhos de pedra na quantidade da numeração do papelzinho né.”

Dona Romana me conta mais tarde que “A reza vai de cada um. Tinha uma senhora de Goiânia que hoje tá meia... tá esclerosada. Ela vinha e pedia, pedia, e quando os pedidos dela não atendia, ela corria pegava o bilhetinho novamente e rezava, rezava, rezava e oferecia. Num instantinho acontecia.” Depois houve a janta e como de costume o terço sertanejo. Todos já começam a se preparar para a Folia do Divino que exige muito de todos, espiritualmente e fisicamente.

Figura 41 – Distribuição de papelzinhos por Dona Romana



Fonte: Botelho (2018)

3.5 Sábado de aleluia - 31 de março

Dia de muito trabalho. A gente só faz porque é obrigado, por que se não fosse pela gente, a gente não fazia. Trabalho demais!

Danilo me fala isso, quando começo a perceber a rotina deste dia. Hoje todos estão muito corridos. Hoje se tem folia, os foliões começam a chegar de várias cidades vizinhas,

muita comida começa a ser organizada e preparada, uma vaca foi encomendada, e acaba de chegar. Como se não bastasse, também é dia de oração e limpeza. Tudo tem que estar em ordem.

Logo de manhã quando todos acordam e se aprontam, há oração na sala central, daquele mesmo jeito, um círculo ao redor da mesa, homens para um lado e mulheres para outro. Depois Dona Romana começa a entregar algumas tiras de palha de coqueiro para cada um⁴⁵, os pais e mães de santo se alternam para distribuir também baforadas⁴⁶, álcool para se cheirar, água para se beber e pingar sobre a cabeça, Danilo, incorporado passa cumprimentando cada um. Aqui se inicia a preparação do corpo dos participantes para a performance ritual do dia, dissipar energias terrenas e conectar o corpo com energias cósmicas e espirituais para os momentos de ritual.

Depois, uma das mães de santo inicia uma procissão dentro da casa até a sala do altar. Finalizado, vamos todos tomar café. Cuscuz, o desjejum preferido da comunidade. Depois, as mulheres começam a recolher roupas de cama, varrer casa e jogar água, tanto na Casa quanto no Galpão. Vanda me diz que se deve trocar de roupa de cama sempre que é possível, pois entra muita gente, a energia das pessoas acaba por impregnar nelas, “ai minha fia, gruda tudo na gente”. O corpo sempre está em contínuo trabalho de performance, pois todo o cuidado para não o carregar com energias provindas de outras fontes que não sejam do Centro, já prediz o processo ritual que é necessário realizar para que a performance do médium não seja prejudicada durante suas funções.

Os homens vão para a lida cedo, separar o corpo da vaca e embalar para colocar no freezer, ir à cidade para buscar foliões e receber as doações que conseguiram. Dona Romana também acaba indo até a cidade comprar algumas coisas que eram necessárias.

Nunca para de se chegar visitas, as pessoas da cidade começam a mandar doações, já esperando as festas que ainda serão realizadas. O dia todo foi assim, de correria e trabalho. A cozinha do Divino⁴⁷ finalmente abre, ela só abre em datas comemorativas que se tenha que cozinhar para muita gente. Lá começa a se preparar a janta de noite para a folia.

Depois da hora do almoço, tive a oportunidade de conhecer um casal que vem de longe para atender um chamado, a dos Três Curadores. Eles dizem que sentem o chamado deles para voltar ao Centro, e Dona Romana da mesma forma, quando eles estão chegando,

⁴⁵ A recomendação é que depois você faça um banho com elas. Coisa que acabei por fazer, pois desde o início da semana que sinto fortes dores de cabeça. Segundo eles, estou sentido isso porque quem começa a frequentar a Casa começa a sentir a energia das pessoas.

⁴⁶ Lembrando que as baforadas são produzidas pela fumaça do cachimbo.

⁴⁷ Anexo ao lado da Casa, no caminho que se vai para o galpão.

tudo é avisado pelos Curadores. Dona Romana confirma que sim. Então ela pega as pastas mais recentes de seus trabalhos de risco e começa a mostrar, sentada em sua mesa central, trabalho por trabalho, comentando o que viu e o que significa cada um deles – o que sabe, pois não é tudo o que ela desenha que consegue entender o que de fato é-, eu acabei por convidada também, apenas por consideração, pois aqueles trabalhos, segundo Dona Romana, sós esse casal tem permissão para ver.

Esse momento é um momento a parte diante de toda a correria da Casa. Dona Romana começa a contar várias histórias das experiências extra corporais dela. Começa a mostrar as rachaduras em diversas partes do mundo. Mostra um desenho, esse eu consegui lembrar, já que não posso registrar quase nada. Esse desenho representa a proteção do planeta Terra, que está aberta, parece um olho de fato. Essa proteção será recomposta quando tudo voltar ao seu estado normal. A nova Terra terá uma bacia de proteção.

O casal nunca pergunta nada, apenas a deixa falar. Segundo eles, eles conheceram o Centro por acaso, estavam por uma estrada perto e sentiram que deveriam ir conhecer a mulher que todos falavam. Chegando lá, Dona Romana já os esperavam na porta. E depois disso, quase todo ano vão lá ver e conversar sobre as visões de Romana. A mulher alega que teve por uma vez, a oportunidade de ver os Três Curadores, e que são gigantescos, voz arrebatadora, que nem um trovão. Características que Dona Romana já havia me relatado.

Há ainda várias outras histórias que vão sendo contadas conforme os desenhos vão sendo mostrados, desenhos esses que estão separados por pastas a cada seis meses. Os que estávamos vendo por agora são os de junho de 2017 até a data de hoje. Ela diz que toda vez que “viaja”⁴⁸ até a Croácia, sente uma dó muito grande daquele povo, segundo ela, eles são muito sofridos. Dona Romana alega que antes, ela chegava a fazer mais de 70 viagens por noite, hoje não tanto mais, pois velha, não aguenta mais tantas horas de viagens astrais⁴⁹.

Terminados todos os desenhos das pastas, o casal agradece e vai embora. Volta-se a rotina. Dona Romana andando de um lado para outro, orientando, organizando, chamando a atenção, ela nunca para. Começam a chegar butinas, instrumentos musicais, as bandeiras e também roupas, tudo são doações, mas se acaso eles não conseguirem como doação, os próprios foliões compram. Para eles é uma honra participar da folia, além de ser uma obrigação também.

Agora eu começo a entender a diferença da Folia do Divino Espírito Santo da Casa de

⁴⁸ Espiritualmente. Já que não tem mais permissão para sair do Centro.

⁴⁹ Romana diz que mesmo sendo algo astral, evento que seu espírito “desgarra” da carne para subir, seu corpo aqui na Terra se cansa da mesma forma. Por mais que haja uma separação momentânea, não há a total disjunção entre sua materialidade (corpo) e sua imaterialidade (espírito).

Dona Romana para a da cidade de Natividade. A folia de Romana dura apenas 15 dias de giro, que é o ato dos foliões saírem e passar em fazenda em fazenda levando a bandeira e cantando até voltar, além de se ter uma folia específica, a folia das crianças⁵⁰, que dura apenas 1 dia. Essa folia sai apenas dia 15 de manhã e volta antes das folia dos adultos, passa o dia todo na cidade de Natividade. A Folia da cidade de Natividade dura 40 dias e não tem a folia das crianças.

Além disso tudo, a folia é dividida em três núcleos, o primeiro é a folia de cima, depois a folia de baixo – das crianças -, e, por fim, a folia dos gerais. Esses núcleos são assim chamados devido o sentido que vão tomar na hora de sua saída para a peregrinação⁵¹. Nenhuma delas há menos de 12 foliões, que são sempre homens, pois até chegarem a uma fazenda para fazer o pouso eles não param de tocar e cantar, as mulheres que seguem a folia nunca são suas namoradas ou esposas, pois é pecado se relacionar durante a folia. Elas ajudam em tudo, são imprescindíveis. Toda mudança é feita com carros emprestados, eles se levam instrumentos, remédios, roupas, itens de higiene pessoal de cada um participante.

A folia então possui um conjunto, primeiro o *alfere* – o que segura a bandeira -, depois os *foliões* – que fica em ordem, primeiro os violeiros e o caixeiro, depois os pandeiros -, e depois o *arrieiro* com todos os mantimentos, e o *despachante* – responsável por toda a organização desde o início da folia, fechando com os fazendeiros o pouso assim programando o giro, assim como despachando a folia de uma fazenda a outra. E por fim os seguidores, mulheres e outros homens. Normalmente se tem homens seguindo também, pois não são todos os foliões que podem girar 15 dias, o que deve-se fazer trocas, visto que, há foliões das cidade de Almas, Paranã, Ponte Alta e região rural.

Após entender isso tudo, chegou a hora da janta onde tudo muda. Se antes nós tirávamos a comida ao pé do fogão, hoje tudo é posto na mesa, refrigerantes vindos de doações também são colocados à disposição dos foliões que já estão arrumados. A luz da Casa é acesa pela primeira vez no ano.

⁵⁰ A folia de baixo.

⁵¹De fazenda em fazenda.

Figura 42–O trabalho da cozinha do Divino para o Sábado de Aleluia



Fonte: Botelho (2018)

Antes de se comer, o instrumento musical chamado caixa, começa a ser tocado em uma batida ritmada. E o aviso para todos se juntarem para começar a comemoração. A bandeira do Divino é posta à vista uma ao pé da mesa de um lado e a outra do outro lado, os responsáveis por manuseá-las são os alferes⁵², figura de ordem dentro da folia. Eles são muito fáceis de identificar, sempre estão muito formais, terno, bota e gravata. Depois de se girar a bandeira a comida começa a ser servida. Comem primeiro os fofões, depois todos que estão na Casa. Há nesta noite mais de 50 pessoas fora os mais de 30 fofões.

⁵² Ou encarregado.

Figura 43—Início do jantar de Sábado de Aleluia



Fonte: Botelho (2018)

Depois que todos comem e bebem⁵³, começa os agradecimentos e início de um período de festa. A caixa começa a tocar fortemente, cada folião já procura seus instrumentos – pandeiros e tambores feitos de couro de boi, viola, violão -, e começam então tocar o bendito. Musica difícil de entender completamente a letra, mas fala sobre agradecimento diante da comida que lhes foi servida para que eles possam sair por falando de Deus e de Jesus, assim pedindo que os donos da casa sejam abençoados. É importante aqui dizer que para essas pessoas, não se tem benção maior do que nunca faltar o mantimento em casa. A fatura é o principal deleite e ambição.

Depois do bendito que Dona Romana passou o tempo todo apreciando, ela pega uma das bandeiras, beija e a levanta, passando suas pontas por cima da cabeça de todos ali presentes, sempre em sentido horário, assim saindo da sala central e a depositando na sala de orações, sempre em pé, na ponta de sua mesa de oração.

Depois de cantado o bendito, os foliões saem da sala central e vão para a sala de entrada, lá eles se põem em um formato parecido com a catira⁵⁴, fazem uma fila de um lado e do outro, sempre virados de frente para o outro, os foliões começam a tocar e cantar bem alto, sendo que alguns que não estão tocando começam a bater os pés no ritmo do pandeiro. Quando a batida é frenética, as filas mudam de posição, um indo para o lugar da outra.

Depois deste momento começa a sússia. A Folia de Dona Romana não pode faltar a sússia, sendo ela dançada pelas mulheres e alguns homens dentro da roda que os foliões formam no centro da sala de entrada. Depois de uns 15 a 20 minutos de sússia, dá-se início a parada. Momento que os foliões vão enxugar o suor e bebem água. Eles cantaram por mais de 45 minutos sem parar. Por fim voltam depois de uns 15 minutos, e fazem a roda, momento em que eles ficam em circulo, fazendo suas cantorias para apreciação de todos e de término.

3.6 Saída da Folia - 1º de abril

O dia começa como sempre cedo, todos cansados, pois a festa foi até mais da meia noite de ontem. As mulheres ao fazerem o café da manhã começam a comparar os dias de hoje, o trabalho que elas tiveram, com os dias que Dona Romana fazia todo esse serviço sozinha. Cozinhar, limpar, arrumar, atender, tudo era com ela “tinha poucas pessoas com ela antigamente” me falam “por isso que ela não fala nada, nem que ta ruim e nem que ta bom” concluem.

⁵³ Agua ou refrigerante. Dona Romana não serve pinga e cerveja. O que não impede dos donos das fazendas pelas quais eles irão passar sirva. Normalmente servem.

⁵⁴ Dança sertaneja mais típica do estado de Goiás e Minas Gerais, mas que tem influencias sobre o Tocantins.

Dona Romana me diz que depois do trabalho que ela teve que fazer com as pedras existentes “o corpo vei aqui arriou”, hoje ela não faz mais nada, mas orienta e providencia tudo o que é necessário. Sua saúde e até mesmo seu corpo hoje são frágeis diante de tanto serviço que sua missão exige. Lembrando que sua missão não é apenas espiritual, mas terrenas também, todas essas festas que são feitas fazem parte de suas obrigações para com o Fundamento.

Em dias de festividades tão intensas assim, Dona Romana faz os ofícios que consegue acender velas, rezar, atender turistas, monitorar e direcionar os trabalhos da cozinha. Tudo tem o seu toque final, ela nunca se permite parar, nem para descansar. Até mesmo a arrumação da mesa, nada é servida sem antes ela vistoriar e organizar.

O dia então começa com a batucada da caixa, é a preparação para o café da manhã – pão com mortadela e manteiga -, e requentados⁵⁵. Todos ali são parentes, todos se conhecem. São filhos e filhas de comadres e compadres ou tios. O Centro atende pessoas de todas as partes do mundo, mas prioritariamente pessoas da zona rural da região. Os casamentos e namoros são entre essas comunidades de convivência e pertencimento. Não é muito comum ter relacionamentos à distância. Todos se relacionam com pessoas da região.

Os hábitos de casamentoda região nativitana são casar e ter muito filhos logo cedo. Aos 18 anos é normal já se ter filhos ou já ser casado, no máximo separado. Há grandes incentivos ao “ajuntar”⁵⁶, que é a forma mais simples de casar, só quem sem nenhuma obrigação legal. Uma das médiuns com quem estava conversando me disse que seu filho mais novo tinha 17 anos, ela 36. Seu filho mais velho 20, e incentivado pela sogra já estava querendo se ajuntar com uma moça de 16 anos.

Todo esse costume de sexualidade e casamentos me fez entender que de fato eu era um corpo estranho dentro de toda aquela corporeidade. Sempre me perguntaram se eu tinha filhos ou se eu era casada, quando dizia que não os rostos de fato entravam em estado de estranheza.

Depois do café, os foliões começam as preparações para partir. Passar roupas, cortar o cabelo e fazer a barba. A aparência é algo muito exigido tanto na Folia do Divino quanto no Centro, tanto é que as mães de santo falam e orientam os médiuns mais novos “A obrigação do médium e acordar e se aprontar minha fia. Tomar banho, escovar os dentes, passar um perfume se tiver, e vestir suas roupas limpas”.

⁵⁵ Restos da janta que são esquentados e servidos para as pessoas que possuem trabalhos pesados comerem no café da manhã. É um costume bem antigo já que são pessoas que sempre lidaram com a agricultura familiar.

⁵⁶ Para os mais velhos, amasiamento.

Desde o início da Semana Santa o uso dos uniformes não se tem restringido somente a noite, Dona Romana e seus médiuns que não vão para a folia, estão sempre vestidos com eles. Os uniformes são totalmente artesanais, os médiuns compram o tecido Oxford da cor que seu pai de cabeça indica, depois o leva para a Casa, onde se é costurado calça, vestidos, blusas, chapéus e alguns até tem bolsa que fica transpassada no corpo do médium. Depois de costurados à máquina de costura, eles são pintados ou pelo próprio médium ou por um médium que o espírito indica – normalmente o que tem mais facilidade com pintura -, os desenhos são imagens de santos, símbolos, escritas simbólicas que o pai de cabeça do dono da roupa mostra em visão. A cada hora que se aproxima mais pessoas vão chegando para o almoço. Já passa de 80 pessoas, a ponto de se ter que pegar os bancos de fora e trazer para dentro.

Depois que a mesa recebe de Dona Romana seus últimos ajustes, a caixa começa novamente a tocar anunciando a hora do almoço. O som é super alto, ecoa em toda a Casa, se escuta do Galpão e qualquer outra parte do Centro. Todos se reúnem. O almoço é servido, sempre com as bandeiras do Divino ao pé da mesa sustentado pelos alferres, volta ou outra durante o almoço elas são balançadas, mas elas nunca se abaixam até que todos tenham comido. Depois todos são chamados à atenção por Dona Romana que diz que as crianças por serem pequenas deveriam ser servidas primeiro. Mas sempre é a mesma ordem, os foliões e depois a comunidade.

Figura 44 – Café da manhã no dia da saída da folia





Fonte: Botelho (2018)

O ritual se inicia novamente após uns 40 ou 45 minutos. A caixa começa a tocar para os foliões se organizarem, depois o bendito e todas as outras canções. Desta vez a sussa não é feita. O calor está extenuante. Durante as canções Dona Romana novamente recolhe as bandeiras e as coloca na Sala de Orações sempre pé. Depois de uns 40 minutos se começa as rodas da outra folia que ainda não tinha cantado, no caso a folia de cima, liderada por Danilo. Cada folia canta e depois se arruma. Na Folia não se pode faltar comida, risos, conversar e música.

Figura 45 – Foliões em cantoria



Fonte: Botelho (2018)

As folias são despachadas por volta das 16hs. Sempre muito animados e arrumados independente do sol quente que essa época trás. Como disse, a aparência é algo obrigatório a todos, suas melhores roupas devem ser usadas. Saem ao som de muita música e cantoria, ela retornará do mesmo jeito daqui 15 dias do ponto que saíram, na frente das cruzeiras que precedem a entrada do Centro.

3.7 Chegada da Folia - 15 de abril

Depois de 15 dias fazendo o giro, as duas folias – de cima e gerais -, devem chegar hoje, por volta das 17hs. A folia de baixo – das crianças -, ainda está pelas ruas de Natividade. Eles tomaram café no Centro e acompanhados por Maria e Vanda saíram pela estrada até chegar à Natividade onde almoçaram na casa de uma médium, lancharam em outra casa e depois subiram de volta. Essa folia sempre chega mais cedo, por volta das 16hs.

Como eu cheguei cedo, vejo a pressa que todos estão em deixar tudo pronto para a chegada. Há um clima de alegria, ansiedade e muita expectativa, a chegada da folia é um grande evento. Depois de cumprimentar a todos, comecei a ajudar com as bandeirolas, que já feitas de diversas cores com TNT precisavam ser posicionadas na frente do Centro.

Depois disso tudo, começa-se a enfeitar o mastro. Objeto muito importante para todos e para a festa. Feito com madeira de paus de cerca de 3 metros que os homens conseguiram e montaram, é enfeitado com TNT branco e vermelho e bandeirolas, na ponta uma bandeira que não faz movimentos com o Divino Espírito Santo. Há também um mastro pequeno, feito de modo artesanal do mesmo jeito que o grande. Além disso, é enfeitado um grande pau cuja ponta tem a imagem do Espírito Santo e ornamentos com faixas de TNT que abarca toda a área da frente do centro, como se fosse um grande guarda-chuva.

Hoje, devido aos trabalhos que ainda faltam fazer, quase não há um período de almoço, como sempre foi estabelecido por Dona Romana, onde todos se ajuntam somente para comer. Eu, Danilo e as outras pessoas que estava trabalhando com os enfeites da entrada do Centro comemos lá fora enquanto trabalhava.

La dentro, as mulheres corriam com a comida. A janta deve ser neste dia um banquete, refrigerantes e as melhores carnes possíveis, detalhe, espera-se mais de 100 pessoas hoje à noite para a janta. Dentro da despensa não se tem mais onde guardar tantos bolos, pipocas, doces e biscoitos que foram feitos na última semana. Tudo para ser oferecido nos lanches e também à noite. A cozinha do Divino como sempre cheia de mulheres trabalhando há dias.

Na sala central da Casa se costura e pintam novos uniformes dos médiuns mais jovens,

aqueles que conseguem comprar tecido para fazer mais uniformes fazem aqueles que não podem usar os que já tinham. Hoje na chegada à folia todos os médiuns devem estar vestidos a caráter, fora os que são foliões ou representam importantes figuras, como o imperador, a imperatriz e os anjinhos.

É colocado na varanda da frente da Casa pequenas luminárias com imagens de Jesus e santos. Na sala central são penduradas ornamentações de pombas representando o Divino com materiais recicláveis - como CDs -, como se fossem lustres. Assim como são penduradas pelas pontas faixas de TNT partindo do centro da sala até as suas extremidades. Dentro da Casa no portal de cima de cada porta é presa uma grande flor de papel. Na sala de orações hastes de flores são colocadas nos lugares que eram hastadas as bandeiras. No portal de entrada do Centro um grande arranjo com o Divino. A ornamentação não é algo apenas estético, mas sagrado e obrigatório. O símbolo da pomba do Espírito Santo representa são bênçãos, por isso devem ser espalhadas para que, onde as pessoas passarem, recebam a benção.

Com a ajuda de todos, tudo fica pronto. Agora é só se arrumar para esperar as folias que já estão para chegar. A folia dos gerais chegou na hora do almoço, eles aguardam no galpão o momento certo da cerimônia. O mastro já pronto é posto na estrada que leva ao Centro para que os homens os tragam nos braços quando a folia de baixo passar.

Todos se põem para fora esperando começar. Todas as folias já se encontram dispostas em seus locais de onde saíam. Um tapete é colocado ao lado do pau ornamentado, neste tapete será posto o mastro. Vários vendedores já se aprontam perto das bandeirolas para poder vender cremosinho e bebidas.

Dona Romana, vestida com seu uniforme e sobre sua cabeça uma coroa de capim dourado - que é usado somente neste dia -, sai ao encontro das folias com um perfume nas mãos. Ela beija a bandeira e passa perfume. Faz isso nas três, andando na direção de cada uma. O imperador, anjos e imperatriz também a seguem nessa tarefa de perfumação. Depois disso, as folias se aproximam para que todos possam passar pela bandeira. Um gesto é habitual, o alferes balança a bandeira, os foliões começam a tocar e todos que ali estão, foliões, participantes e curiosos se ajoelham, beijam e passa por baixo da bandeira, nunca pelo lado.

Figura 46–Chegada da Folia



Fonte: Botelho (2018)

Legenda: Pessoas cumprimentando a bandeira que os Foliões carregaram durante todos os dias de viagem

Todos têm que passar pelas três bandeiras. Os foliões também cumprimentam a bandeira da folia do lado, sempre em fila e cantando passa-se por cada uma das bandeiras. O mastro então é levado até a entrada do Centro. Dona Romana sempre observa tudo e orientando os mínimos detalhes.

Depois disso, os alferes trazem a bandeira para cima do tapete, onde também executam um gesto que é repetido em alguns outros momentos. Balança a bandeira e, depois, a segura rapidamente com as duas mãos em sentido horizontal se ajoelhando. É um gesto

muito rápido. Depois se põem em pé de novo. Todos se aproximam deste momento, atrás dos alferes está a folia que não para de cantar. Lá eles fazem uma sequência de músicas que também são difíceis de entender devido à entonação anasaladas que eles dão em suas vozes e também o som de todos os instrumentos juntos.

A noite vai surgindo e ali todos entretidos com o evento. Há também muitas pessoas que ali estão só esperando a hora do jantar, essas conversam, bebem e brincam sem dar muita atenção à cantoria. Acende-se velas ao pé das cruzes de entrada, cada pessoa devota faz isso como forma de oferecer gratidão e fazer pedidos. Hora por hora todos os foliões se agacham para que seja passada a bandeira por cima deles. Nisso, já tem mais de 3 horas de evento, começa-se a alternar os alferes e alguns foliões. Alguns vão lá dentro e comem os bolos e biscoitos que estão na dispensa. As luzes já começam a se acender somente depois que a noite já se instalou sobre o céu.

Antes de entrar na Casa, os alferes fazem o mesmo gesto de honra, passando pelo portal e fazendo o caminho até a porta da Casa, lá, o mesmo gesto é reproduzido. Ali dentro da Sala de entrada outra cantoria se inicia. Com isso todas as pessoas vão entrando e a mesa vai sendo posta. Duas mesas são feitas, com foro vermelho, a cor do Divino.

Os foliões param de tocar, se assentam na mesa, até que Dona Romana dá o sinal, começa-se a rezar o pai nosso e Ave Maria, depois disso sim, todos podem comer o quanto puderem e quiserem. Como sempre os foliões sempre são servidos primeiro, depois os demais. Os pratos vão se acabando e vão sendo repostos a todo o momento.

Depois de comer, espera-se como de costume uns 30 a 40 minutos para se iniciar a ritualidade. Desta vez é diferente, tudo se acontece na sala central. Aproximam-se os bancos para perto das mesas para dar espaço e depois todos começam a cantar – o bendito – e a fazer voltas ao redor da mesa até chegar a bandeira – sempre a beijando e passando por baixo dela.

O certo é cumprimentar as duas bandeiras que sempre ficam a postos no pé da mesa. Todos participam: foliões, médiuns, crianças, pessoas que só foram para comer, aqueles que trabalharam nos preparativos e Dona Romana. Após isso, segue normal, rodas de cantoria, sussia, onde o povo dança, bebe – lembrando que Dona Romana nunca oferece bebidas alcoólicas, o que não impede as pessoas comprar fora - canta e brinca. A festa vai até amanhecer, ou seja, a parte profana da festa acaba por esperar o dia chegar, eu já cansada do trabalho e festa, não habituada com festividades tão intensas assim, não aguentei, dormi quase duas horas da manhã onde a festa dava sinais que estava apenas começando.

3.8 Festa de São João - 23 de junho de 2018

Esta festa infelizmente eu perdi. Quando cheguei exatamente no dia 24 de junho – o dia oficial de São João -, me avisaram que o costume da Casa⁵⁷ é fazer sempre um dia antes. É a única festa que eles realizam fora da data “certa”. O por quê? Não me foi elucidado.

Mas ainda havia seus resquícios em tudo, pois eles ainda estavam se organizando para fazer a limpeza. Foi-me explicada que essa festa não acontece dentro do Centro, ela é realizada na romaria, lugar que fica depois do muro do fundo, onde se passando por um portal como os de entrada para a Casa e para o Galpão, se caminha por uma trilha de terra que fica ao pé do muro até chegar a um local limpo embaixo de grandes árvores sempre circundado por peças – feito para rezas, procissões⁵⁸ e neste caso, esta festa, dentro da mata que circunda o Centro -, Vanda me mostra onde e como foi a festa.

Figura 47 – Resquícios da Festa de São João



⁵⁷ Eles sempre se referem a Casa como forma de expressar os costumes da comunidade do Centro.

⁵⁸ Quando se realiza festas e procissões lá, são por ordem dos espíritos. Também entregas são feitas lá. As entregas são tudo o que os espíritos pedirem, desde comida até pequenos presentes que podem ser deixados no local que o espírito manda.



Fonte: Botelho (2018)

Com o TNT disponível fizeram pequenas tiras e coloram em algumas peças, segundo eles, as peças que pediram, “é uma forma de deixar tudo bonito né” – Vanda me diz. Essa pequena decoração que ia às peças desde a entrada principal do centro até a fenda no muro que leva a romaria.

Figura 48–Decoração das peças de pedra para a Festa de São João





Fonte: Botelho (2018)

Legenda: decoração da festa nas peças de pedra

Lá, juntamente com várias peças de pedra de menor porte eles montaram a fogueira, altares para reza e oferecimentos e a mesa onde se colocava as comidas. Como aconteceu a noite, tudo foi iluminado por velas, dava para ver os restos no outro dia cedo, quando eu cheguei. Tudo foi feito de modo bem artesanal, grandes flores de papel foram colocados em alguns lugares, faixas TNTs que sobraram da festa da Folia do Divino perpassavam as árvores, a mesa com paus fincados no chão que formavam a base para outros paus menores e palha que serviam como tampo, assim se colocando as várias comidas que foram feitas pelas mulheres do Centro.

Figura 49 - Fotografia do local onde foi queimada a fogueira





Fonte: Botelho (2018)

Pude comer o que sobrou dos doces de abóbora e de casca de ovo⁵⁹ feitos para a festa, pipoca ainda tinha pouco, mas Vanda me diz que ainda havia milho verde, cural, pé de moleque, bolos e outras comidas típicas desta data. Segundo Vanda, como vem muita gente, desta vez mais de 90 pessoas, eles começaram a preparar as comidas e armazenar na dispensa uns quatro dias antes. Disse-me também que foram comprados muitos refrigerantes, mas desta vez não se houve a permissão para gelá-los, o que de certa forma foi desobedecido, mas na hora de ir buscar as bebidas no galpão, onde fica o freezer, a chave simplesmente sumiu, só foi encontrá-la depois que a festa acabou na fechadura da porta do Galpão, “aqui não se aceita muito tecnologia minha fia, aqui tudo tem que ser mais natural né!”.

Após eu voltar da romaria, Dona Romana decidiu mostrar todo o Fundamento para minha mãe, a qual me acompanhava nesta viagem. Começou desde as peças de pedra, passando pelo galpão até chegar à sala do arquivo, o percurso rotineiro que faz sempre com os visitantes.

No galpão Dona Romana diferentemente de todas as vezes que me explicou as coisas que estão dentro do círculo de proteção, começou a mostrar e pegar os itens que mais nos chamava a atenção. Começou por um ônibus todo feito de arame, que ela juntamente com os “meninos” fizera. Ela diz que viu o ônibus no futuro, um ônibus capaz de transportar pessoas tanto em terra, quanto na água e no ar. Onde o motorista com o aperto de um botão consegue modificar a tecnologia.

⁵⁹ Doce típico da região feito com leite, não exatamente de ovos.

Com isso foi mostrando outras coisas, até chegar às armas. Todas de madeira, que eu sempre pensei que haviam sido trazidas para ela de diversas partes do mundo, mas não foram produzidas pela comunidade por meio de visões dela. Romana mostra que todas foram esculpidas pelos meninos, e todas serão utilizadas pela comunidade quando o grande dia chegar. Dona Romana diz que hoje mesmo sendo de madeira, futuramente elas poderão atirar como as armas que conhecemos hoje. E elas servirão para caçar e se defender.

Figura 50 - Símbolo do Divino Espírito Santo – detalhes





Fonte: Botelho (2018)

Legenda: Romana demonstrando como usar a arma

Dona Romana chega a nos mostrar como será usada a arma que mais ela considera curiosa, a arma não possui e nem possuirá nenhum gatilho para atirar – assim como as demais -, todas serão apenas mirrar por certo tempo que a bala sairá até seu alvo. Nesta arma em particular as pequenas madeirinhas que estão penduradas servirão como uma espécie de reservatório que carregará a arma, bem isso na verdade é ela acha para que sirva. Nem tudo ela conhece a explicação, “eu que não vou perguntar que fique tudo como está” ela me fala quando questiono se ela não questiona as ordens que recebe, “isso não adianta de nada minha fia”. No fundo desta foto está o quadro que ela ganhou de presente pelo antigo programa “Me leva Brasil”, onde saiu a primeira reportagem sobre ela e o fundamento.

Na sala do arquivo, ao mostrar as peças cirúrgicas, percebe o encanto da minha mãe por ela – é trabalha na área da saúde há muitos anos -, nos contou certas experiências que já aconteceram por meio delas.

Dona Romana nos conta que certa vez, uma mulher já desenganada por seus médicos devida um câncer que tinha se espalhado por todo o pulmão chegou lá, ela disse a Romana que a conheceu por uma reportagem e assim decidiu conhecê-la antes de morrer ou de receber sua cura. Então depois de mostrar o Fundamento à mulher e seu marido, ela a levou à sala do arquivo, e ela tinha se encantado da mesma forma que a minha mãe com certa peça. A mulher pede para segurar a peça e ela deixa, e posicionando a peça no peito segurada pelas duas mãos Romana a instruiu a fechar os olhos e se concentrar em Deus⁶⁰. Certo é que essa mulher passou mal, ficou fraca e chorando muito, quase caindo revelou que viu a peça entrando em seu peito e saiu arrancando todo o câncer. E embora foi agradecendo muito Dona Romana.

Ela então pega a peça e mostra como a mulher fez. E dá a mesma peça a minha mãe que diz estar com pouca fé, “mas ela não precisa ser grande não, né!” (risos). Dona Elza, minha mãe, então passou muito mal, em pé e com os olhos fechados suou muito em poucos minutos, sentiu fraqueza e diz que suas vistas escureceram além de tremer bastante enquanto segurava a peça. Dona Romana então tira a peça de suas mãos e passando a mão em sua testa pede a Deus para alumiar a vida.

Resultado foi que, Dona Elza, minha mãe, não recebeu em seu corpo nenhuma cura, apenas o mal-estar acima descrito, mas fala até hoje dessa experiência que Dona Romana não explicou. Ela continua encantada até hoje pelas peças cirúrgicas. Pois nota que mesmo Romana não conhecendo exatamente as ferramentas que a medicina hoje possui, ela por meio de chifres, durepox e missangas fez arte semelhante a focos de luz e intesificadores de

⁶⁰ Romana diz muito essa expressão tanto em momentos de reza quanto em momentos em que dá passe. Significa que você deve se concentrar em uma oração sua para Deus.

imagem – aparelho que trás em tempo real imagens de cirurgia de ossos -, existentes nas salas cirúrgicas da medicina atual.

Nesse momento fica evidente a mim algo que não é muito fácil de explicar por meio de palavras. Dona Romana vê e espera um mundo que ainda está por vir, um futuro que a qualquer instante acontecerá, mas, ao mesmo tempo, já vive esse futuro como se fosse o seu próprio presente. Presente e futuro estão dentro de sua realidade de forma intrínseca. Não há divisão acerca desses períodos de tempo, um tempo histórico e a-histórico se fundem. Ao mesmo tempo em que há um futuro por vir, Dona Romana já o vive. Pensamento que esse encontra expresso também no estudo de Donowski e Viveiris de Castro: “a destruição do mundo atual é cada vez mais vista como algo iminente. Na verdade, ela é algo que já começou.” (DANOWSKI e CASTRO, 2014, p. 105)

As peças cirúrgicas segundo ela irão funcionar quando a Terra voltar ao seu devido lugar, mas, elas fazem em certos momentos, muitas vezes programados pelos Três Curadores ou inesperado como foi os casos acima, o serviço que devem fazer no futuro, interferir tecnologicamente no corpo.

Dona Romana nos conta depois que minha mãe se sentiu melhor, que o globo amarelo que há anos ficava pendurado no teto da sala central, pediu para ir para fora e ter contato com o chão, indicando então o local, Romana o cimentou a cerca de 10 dias atrás a peça “caçula” como ela mesma diz de seu jardim de peças.

Figura 51 - Preparação da chegada da folia do Divino



Fonte: Botelho (2018)

Legenda: A fotografia visa mostrar o globo antes mesmo de ser posto no quintal. Normalmente, havia abaixo dele a bacia com água.

Figura 52 - globo depois de ser assentado no quintal



Fonte: Botelho (2018)

Legenda: Novo estado do globo. Hoje cimentado no quintal junto com as outras peças.

Dona Romana antes mesmo de ir embora mostra com todos os detalhes três de seus cadernos pessoais de desenho a minha mãe, disse que sentiu que ela deveria olhar. Ao mostrar minha mãe diz que a mesma coisa que sempre percebi tudo parece que foi feito com régua e compasso de tão perfeitos em seus traços e expressões. Depois de contar e explicar as viagens astrais que são o meio pelo qual ela constituiu os desenhos, nos despedimos e fomos embora.

3.9 Festa e Folia de São Cosme e Damião - 27 de setembro de 2018

Essa festa é uma festa voltada essencialmente às crianças, sendo Cosme e Damião santos crianças⁶¹, tudo lá é feito para eles e para as crianças da comunidade em geral. Neste dia, assim como o dia da Folia a energia da Casa é ligada, devido ao grande número de pessoas, fundamentalmente crianças que saem não só das zonas rurais mais próximas, mas também da própria cidade.

Ao chegar lá estavam todos já trabalhando nas decorações de Casa. Logo notei que algumas peças foram pintadas recentemente, assim Dona Romana me fala que Danilo recebeu semana passada orientações de pintar algumas peças. Na verdade Danilo renovou algumas

⁶¹ Isso é o que sempre se mostrou nas incorporações que estive presente.

pinturas da forma como se pôde fazer. Dona Romana que comprou as tintas. “São Cosme e Damião são enjoados, tudo tem que estar do jeito deles quando chegam. Esse ano esse povo quis diferente, pediram folia e oferecer comida para o povo”.

Figura 53–Preparação para a Festa e Folia de São Cosme e Damião





Fonte: Botelho (2018)

Por isso que eu não encontrava nem Maria e nem Vanda, as mesmas estavam com as crianças desde cedo na cidade, cumprindo a ordem, foi feita uma folia de crianças para andar pela cidade cantando e tocando. Como de costume havia casas que os recebiam para o almoço e o lanche da tarde já que saíram depois do café da manhã do Centro. Todos irão retornar bem mais tarde.

Enquanto isso os preparativos continuavam a todo vapor. A cozinha do Divino estava sendo utilizada para fazer o jantar e tudo o que a festa envolve. A dispensa estava totalmente repleta de comida preparada a cerca de 4 dias e também doações de balas, pipocas doces, paçocas, pirulitos, refrigerantes e tudo o mais que seja doce. A toda hora da tarde chega mais doações de doces, refrigerantes e presentes. As visitas já permanecem esperando a festa.

Figura 54–Cozinha do Divino



Fonte: Botelho (2018)

Legenda: Momento que Romana nos mostra a despensa assim como nos faz experimentar a comida

Fora os bolos que as mulheres fizeram – de arroz e o que eles chamam de bolo de mãe⁶² -, há também o um bolo especial, este, estava sendo preparado por Felisberta, uma das irmãs de Dona Romana, bolo esse que todos anseiam, pois além de ser confeitado, sua principal característica são as cores que o enfeitam. Ele chegará só de noite.

A Casa como sempre muito bem tratada, estava sendo ornamentada com TNTs e balões de várias cores. Os TNTs iam do centro da sala central até as paredes, no centro estava sendo montada uma estrutura de arame redondo onde será amarrado os balões. E dentro dessa estrutura ficará uma bandeira com a imagem de São Cosme e Damião. Na varanda da Casa também foi feito grampeações com TNTs que passava pelas peças da frente até chegar ao portal de entrada.

Figura 55–Decoração do portal de entrada para a festa de Cosme e Damião



⁶² Feito basicamente de ovo caipira, fubá e trigo.





Fonte: Botelho (2018)

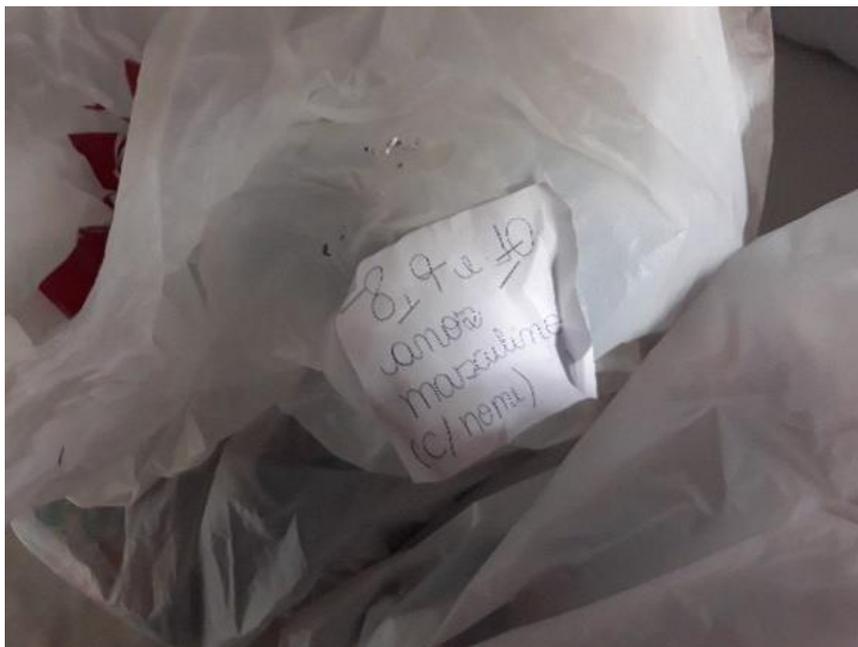
Dona Romana diz a mim e minha mãe que me acompanhava mais uma vez que, estava sem saber como ia conseguir tanta comida e presentes para a festa, “então eles foram cutucar a esposa de um médico lá em Palmas, ai ela trouxe comida e presentes para as crianças”.

É costume de essa festa dar presente as todas as crianças de até 18 anos, além de tudo o que já oferece, janta, bolo e doces. Dona Romana nos leva até seu quarto – que recentemente tenho percebido que anda aberto, no máximo com a porta encostada, coisa que

antes não era permitido, sempre era trancado -, onde em cima de sua cama estão vários sacos grandes cheios de pequenos presentes que vão desde carinhos, a bola, bonecas e animaizinhos, tudo sem simples, nada muito caro. Todos os presentes estão embrulhados e separados, por idade e sexo.

Figura 56–Presentes para crianças





Fonte: Botelho (2018)

Legenda: bilhete que descreve a faixa etária das crianças para aqueles brinquedos em específico

Eu e minha mãe começamos a ajudar nas preparações, Danilo diz que recebeu uma encomenda de Cosme e Damião, eles querem que uma forma com banana caramelizada seja oferecida a eles durante a festa. A banana tinha que estar em um formato de sol, onde depois era colocado pequenos pedacinhos de caju em cima, segundo Danilo, tinha que formar um olho.

Figura 57–Pedido de Cosme e Damião



Fonte: Botelho (2018)

Um fato acabou por acontecer quando estávamos todos enchendo balões, chegou a notícia de que o pai de umas mães de santo acabara de morrer, esse senhor tinha 104 anos. Ela então consternada acabou se despedindo de todos e indo para junto da família. Maria nos diz que a mais de dois meses não estava se sentindo bem, sentia como se estivesse suspensa no ar, chora com facilidade e sentia angústia, depois da notícia, disse não estar mais sentido nada, apenas estava triste pela perda. Dona Romana me conta então que Maria é uma de suas médiuns que sente premonições, “nem todas as médiuns tem isso, Maria tem”.

Outro fato curioso ocorreu comigo, quando estávamos todos já aguardando a folia, fui lá para fora com minha mãe e alguns visitantes, quando um dos médiuns da Casa, já vestido em seu uniforme perguntou no meio de todos, quem aqui é Nayara? Logo eu me apresentei já curiosa, pensando que houvesse alguma atividade para ser feita para a festa, mas não era. Ele me entregou uma vela e pediu para que eu a oferecesse na sala do altar para os Três Curadores, e fizesse meus pedidos, pois, Deus estava dando algum livramento que ele não sabia. Questionei, “como assim?” Ele apenas me disse que enquanto estava orando e firmando os pontos no Fundamento⁶³, recebeu uma ordem que o estava deixando agoniado, que era essa em relação a mim. Eu, juntamente com minha mãe acabei por obedecer.

Assim, quando a Folia chegou por volta das 18hs, tudo já estava pronto, apenas faltava terminar detalhes da janta que será oferecida. A folia das crianças foi chegando, se escuta a cantoria, além de que, veio uma das crianças avisar Dona Romana, ela então sai com vários sacos de balinha na mão, os esperando na porta do Centro.

⁶³ Firmar os pontos no Fundamento é um ato que acontece periodicamente, e que envolve muita gente, não somente Dona Romana. Os Três Curadores delega a tarefa de rezar o terço, fazer orações e acender vela em pontos específicos na extensão do quintal a alguém. Acredita-se que isso faz com que o Fundamento, que já é uma grampeação da Terra, seja caba vez mais firmado, mantido e renovado. Essa nota tem que ira para o tópico que vai explicar o fundamento.

Figura 58–Chegada da Folia de Cosme e Damião



Fonte: Botelho (2018)

A folia então se aproxima a criança que está como alferê, faz a saudação da bandeira na frente da anfitriã, a Dona Romana, então assim ela a beija, todos os presentes começam a beijar e cumprimentá-la também, nisso a cantoria se inicia. Dona Romana então começa a jogar balinha nas crianças, tudo vira uma festa, todos correndo até mesmo os adultos para pegar as balinhas, acaba-se que todos saem com as mãos cheias.

Figura 59 – Saudação da bandeira na frente da Anfitriã





Fonte: Botelho (2018)

Após esse momento, a folia se põe em fila para adentrar o Centro, Dona Romana vai à frente, a cantoria é bem alta, e como sempre não se dá para entender tudo o que se é dito. Todos se dirigem até a sala de oração, onde se canta mais umas duas músicas, a seguir todos saem pela sala do altar e vão até a sala de entrada onde se é cantada músicas mais ritmadas e tocada a sussa, onde os médiuns já vestidos com seus uniformes dançam e se divertem.

Figura 60–Final da procissão de Cosme e Damião no Centro



Fonte: Botelho (2018)
Legenda: Entrada da Folia na Casa e Sussa

Terminado esse momento, todos vão para a sala central que decorada, está posta a mesa para o jantar que já será servido logo mais, os foliões dão a volta cantando e passando por debaixo da bandeira de São Cosme e Damião, todos os presentes também o fazem. Dona Romana sempre para apreciando toda a cantoria que ela diz achar muito bonita.

O jantar é servido, a mesa com muita fartura é decorada com uma toalha usada somente para esse dia, amarela com imagens de Cosme e Damião. Cheia de pratos,

refrigerantes e pratos de comida que chegam a todo instante, Dona Romana como sempre ajustando os últimos detalhes antes se liberar para que todos se sirvam.

Figura 61 – Jantar de Cosme e Damião





Fonte: Botelho (2018)

Cerca de uns 30 minutos depois que todos jantaram, a mesa é desfeita rapidamente, os médiuns junto com Romana começam trazer todos os doces para cima da mesa, organizando tudo, para que caiba sem cair. Felisberta chega com o bolo tudo rosa com branco, que é colocado na ponta da mesa com várias lembrancinhas que ela também fez com EVA imitando bichinhos. Todos da Casa começam a procurar sacolas, principalmente as crianças.

Em baixo da mesa são colocados os sacos de presente para serem também distribuídos, Dona Romana então se senta em uma cadeira de fibra bem em frente à mesa, como o costume nessa festa. Felisberta começa a organizar tudo, a partir de agora, é ela que monitora e distribui tudo. Em frente à mesa do bolo, é posta uma pequena mesa branca de plástico, é nela que ficarão os elementos do trabalho que vai se iniciar. Incensos, álcool, garrafas de água, velas, tudo fica concentrado nessa mesa. Abaixo dela as velas são acesas.

Figura 62–Início do ritual





Fonte: Botelho (2018)

O terço sertanejo se inicia, todos cantam, os médiuns ficam ao redor da mesa, o mais próximo de Dona Romana. Terminado, Romana abençoa a todos como de costume dando água. Agora toda a direção fica a cargo do pai de santo, ele distribui o incenso candeia de cera e álcool aos médiuns, as cantorias se iniciam junto com a corrente. Os espíritos de São Cosme e Damião então incorporam cerca de 8 médiuns depois de serem chamados.

Figura 63 – Momentos de preparação dos médiuns para incorporação





Fonte: Botelho (2018)

Felisberta os cumprimenta e pede organização para rezarmos o pai-nosso e depois bater os parabéns para eles, eles se animam e se põe de joelhos em frente à mesa sempre com as mãos juntas em frente ao rosto. Na hora dos parabéns eles já se levantam e começam a pular e brincar, Felisberta, parte o bolo e começam a distribuir, eles, ao mesmo tempo em que comem também passam no rosto e no rosto das pessoas presentes. A festa começou.

Balinhas são jogadas para todos os lados, as crianças são começam a pegá-las, os médiuns não incorporados começam a distribuir os doces a todos, o principal objetivo de todos os que estão presentes é recolher o maior número de doces possíveis. Sacolas e embalagens são cheios rapidamente de tanto doce. Ao mesmo tempo em que se recolhe também se come. A mesa rapidamente vai esvaziando. Os presentes são então distribuídos, primeiramente aos espíritos depois as crianças presentes. Todo o processo de distribuição passa de mais de uma hora e meia de duração. São Cosme e Damião não param em momento algum, brincam, comem, distribuem e até mesmo brigam entre si.

Todos os presentes recebem e comem muitos doces e, ainda assim há vários sacos de balas, paçocas e pipocas sem serem abertos em cima da mesa, Felisberta junto com Dona Romana então começa a reservar para distribuir para os demais que hoje não puderam estar presentes. Depois de tudo, o pai de santo reuniu todos e começam a se preparar para o encerramento deste trabalho que foi fora dos padrões. São Cosme e Damião vão embora. A festa também se encerra, com bastante lixo e bagunça por toda parte. A limpeza será só amanhã.

Fui embora e ainda não tinha entendido o porquê do caso da vela. Acabei entendendo ao chegar a casa na cidade de Gurupi, quando estacionei a moto e minha mãe desceu para abrir o portão à moto apagou e não queria ligar, quando tentei empurrar o pneu traseiro estava furado, praticamente na lona. Um prego estava fincado verticalmente nele. Depois, em outra ida a ao Centro, contando tudo a Vanda e Dona Romana, elas sorriram e confirmaram que foi um livramento que eu e minha mãe tivemos na estrada.

3.10 Entrega - 27 de dezembro de 2018

A entrega não é uma festa da Casa, mas sim um procedimento feito todos os anos. Ele não chega a ser secreto mais pertence a apenas Dona Romana e seus médiuns. É o procedimento que, eles entregam tudo o que aconteceu na Casa e no Fundamento durante todo o ano. Eu não fui avisada, portanto, não participei infelizmente, mas, o registro aqui, pois é algo muito importante.

Um novo ano não se pode iniciar no Fundamento com a carga do ano passado. Por isso se entrega todas as velas acendidas, todas as pessoas ajudadas e atendidas, todos os visitantes, todos os remédios, todas as festas, todo o serviço exaustivo e todos os trabalhos feitos às entidades.

Os Três Curadores indicam a Dona Romana algo um lugar dentro da mata que circunvizinha o Centro, então todos vestidos se direcionam a este lugar com velas, pratos de comida como pipoca, pirão, balinhas, doces, farinhas, licores artesanais e demais coisas que os espíritos pedirem, o que muda bastante de um ano para outro. E lá, estando todos no lugar certo, entregam tudo com rezas, terços e poucas incorporações. Normalmente acontece na parte da manhã, este ano ocorreu por volta das 8 ou 9 horas, com duração de no máximo 2 horas.

3.11 A mesa - 1º de janeiro de 2019

Foi algo novo e inusitado. Foi o primeiro ano que os Curadores pediram para distribuir frutas a todo o povo. Já havia algum tempo que eles não planejavam nada para o primeiro dia do ano. Desta vez eles deram a Dona Romana à incumbência quase em cima da hora, o que acabou resultando novamente na minha não participação.

Dona Romana saiu juntamente com Vanda cedo na cidade no dia anterior, comprou caixas de uva, manga, melancia, banana, abacaxi, laranja, mamão e abacate. As frutas como

abacaxi, melancia e mamão foram cortadas e postas em grandes fôrmas.

Na terça, o primeiro dia do ano, à oito horas da manhã a mesa já estava pronta, eram muitas frutas, então a mesa ficou repleta, “então a gente teve que colocar as frutas um em cima da outra né” segundo Vanda, “o povo da cidade já sabia tudo o que ia acontecer e já vieram tudo com sacolas para levar para suas casas o que sobrasse”.

Figura 64—A mesa de frutas solicitada pelos curadores para distribuir à comunidade





Fonte: Acervo de Vanda (2019)

Como todos os eventos na Jacuba – forma como o povo da zona rural e da cidade normalmente fala -, sempre dá muita gente e muita criança. Assim, depois que todos se esbaldaram de tanto comer e encher suas sacolas, a rotina se normalizou. Agora é só começar a se preparar para os trabalhos de início de ano novamente e aguardar ansiosamente as festas.

Diante de todas essas descrições, nos cabe pontuar que, as festas são o sinônimo de trazer para o nosso mundo os deuses, é dançar, cantar e comer com os espíritos. Todas as festas são demonstrações da potente fé e devoção da comunidade. O calendário ritual do Centro Bom Jesus de Nazaré, parte importantíssima do conjunto de sua mitopoética, se dá sempre com o intuito de unir o mundo visível e o invisível. Romana diante de todas suas profecias visa energiar o Fundamento, a Casa, os objetos (peças de pedra, peças cirúrgicas, pinturas e etc.) para a chegada de um novo tempo, mas antes de tudo visa conectar o ser humano com o estado divino.

As festas se dão assim, como etapas de aproximação entre o homem e o sagrado, e como meio de presentificar as entidades em nosso mundo. Todo o conjunto de festas prepara o ser humano para um novo ano, ano esse que permanece no lugar da incerteza, pois não há previsão para o Grande Dia, dia esse que Jesus voltará e a Terra se transformará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa “Os territórios da memória: Corpo, Comunicação e Performance em Romana de Natividade – TO” se encerra agora com vistas à futuras explorações acerca de temas que não foram tratados aqui. Não foram tratados devido ao pouco tempo dentro de toda uma imensidão que é o mundo de Dona Romana, da mesma forma que, apenas com o contato e experiência de campo me foi possível perceber certos elementos que darão estudos mais adiante. Mas independente disso, reafirmo todas as impressões que descrevi no corpo desse texto.

Desde meu primeiro contato com Dona Romana, sua imagem de uma mulher forte e devotada àquilo que escolheu, ou melhor, foi escolhida, sempre me impactou de certa forma. Uma senhora que apesar das dificuldades existentes acerca da região que até hoje não possui uma boa qualidade de vida, assim como os casos relatados de violência que a mesma sofreu por parte de seu primeiro marido e em seguida com suas médiuns, os preconceitos e discriminações que acabaram por serem rotineiros e normais a ela, tudo isso me surpreendeu muito, principalmente pelo comportamento que ela sempre desempenha “aguardar em silêncio e entregar para Deus”, como ela mesma sempre diz.

Romana é uma mulher que vai contra a norma vigente da sociedade, é sim uma mulher negra, que construiu uma mitopoética própria, que aglutina elementos de diversas culturas e tempos, assim, como estabeleceu para si e para sua comunidade uma cosmologia específica que, considera desde a geografia – ciência que por eles não é algo muito detalhado, mas que lhe é convincente devido às instruções dos Três Curadores e entidades que lhe são sempre presentes -, à natureza que lhe cerca indo também até suas construções artísticas, tudo parte de um mundo que existe e ainda vai existir de modo mais explícito a todos, inclusive os descrentes.

Portanto, acabou-se por se confirmar as duas hipóteses que foram por mim elencadas desde o início desta investigação, voltemos a elas. A **H1**: Dona Romana construiu uma cosmologia própria que se materializa por meio de corpos por ela construídos assim estabelecendo comunicação por meio de 4 estágios: os espíritos, cujos maiores representantes são os Três Curadores; a natureza; os médiuns e as pessoas que visitam sua casa, os não médiuns. Está hipótese se confirma exatamente no capítulo O corpo-casa de Romana, quando relata a forma de contato e tratamento dado por Romana ao mundo astral/cosmico, natural/natureza, médiuns e pessoas que a visistam. Romana vive para estabelecer comunicação, é essa sua missão, não apenas contruir o Fundamento. Na verdade, a essência

do Fundamento além de firmar a Terra, grampeando-a, é anunciar que o mundo como o conhecemos é apenas uma pequena parte do que de fato o mesmo é, mundo esse que Romana conhece muito bem.

A **H2**: Dona Romana por meio de suas memórias e práticas religiosas concebeu uma performatividade que, se enquadra no território de sua subjetividade, assim como, no território coletivo da sociedade que a circunda. Também acabou por se confirmar quando foi entendido no capítulo Calendário Ritual do Centro Bom Jesus de Nazaré que, performatividade são ações executadas em vários contextos, sendo assim, repetidas em momentos rituais e de grande relevância que busca com fim último e principal a comunicação entre as duas dimensões de mundo, a visível e a invisível.

O que marca o território de Romana são suas festas e rituais que agrega a muitos da região com intuito de prepara-los e conectar-los com o sagrado, o território da memória de Romana é uma mescla com o tempo sagrado e o tempo atual, buscando assim unir esses dois caminhos em um futuro que já está se estabelecendo, por meio de catastrófes e sinais bíblicos.

Enfim, estudar Romana de Natividade é sim um trabalho árduo e complexo, que exige muita atenção tanto para entender os sentidos das práticas por mim presenciadas, assim como, para aceitar e se conformar quando a resposta para sua pergunta não vem. Encerro esse trabalho novamente afirmando que a complexidade de Romana ainda não foi totalmente explorada com essa pesquisa. Ainda há muito trabalho pela frente, cabe a comunidade acadêmica buscar nela a sabedoria que não cabe nos livros e nas teorias existentes, assim como, cabe também a parte da sociedade abdicar dos preconceitos existentes acerca dessa mulher que é uma grande xamã do cerrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACAMPORA; Alexandre. **BURANGABA: Gênese e Arte de Romana de Natividade**. Palmas: 2015
- BARTH. Fredrik; **ETNICIDADE E O CONCEITO DE CULTURA**. Revista ANTROPOLÍTICA. Niterói, n. 19, p.15-30, 2. sem. 2005
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Editora UFMG. Belo Horizonte, 1998
- BODNAR, Roseli; ARAÚJO, Francisco Ronaldo de. **Jardim de pedra canga: a arte de Mãe Romana**. In: Populações tradicionais do Tocantins: cultura e saberes de comunidades quilombolas. / Organizadores Karylleila Andrade, Kátia Maia Flores e Roseli Bodnar. – Tocantins: UFT, 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOTELHO, Nayara Lopes. **CONVERSACIONES FILOSÓFICAS SOBRE A PERFORMANCE ALQUIMIA E A DESTERRITORIALIZAÇÃO DE UM ARTISTA**. REVISTA CEREUS, v. 10, p. 16-28, 2018.
- CANCLINI, Néstor García; **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. 6. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. – (Ensaio Latino-americanos, 1)
- COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014
- DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins** – Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix; **Mil platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 3. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS)
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix; **O que é a filosofia?** – Rio de Janeiro: Ed.34, 1992, 3ª edição (Coleção TRANS).
- DEMARCHI, André. **Resenha SEVERI, Carlo. 2006. Le principe de la chimère: une anthropologie de la mémoire**. Paris: Editions Rue D'Ulm; Musée du Quai Branly. 370 pp. Mana vol.15 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2009
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. – São Paulo: Martins Fontes, 2010. – (Coleção Todas as Artes)
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu**. Perspectiva; Edição: 1ª (3 de julho de 2017).
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. 3ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. – (Biblioteca do Pensamento Moderno).
- FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FROTA, Lélia Coelho. **Mitopoética de 9 artistas brasileiros; vida, verdade, e obra**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978.

- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015
- GOYENA, Alberto. **O fascínio ocidental pelo original: Entrevista com Roxana Waterson**. Enfoques - Revista dos Alunos do PPGSA-UFRJ, v.12 (1), junho 2013. [on-line]. pp. 142 - 151. Disponível em: http://issuu.com/revistaenfoquesufrj/docs/vol12_1, acesso em: 02/01/2019.
- HAESBAERT, Rogério da Costa. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.
- LE BRETON. David, **A Sociologia do corpo**. 6. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- **Antropologia do Corpo**. 4 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- LECLERC-CAFFAREL, Stéphanie. Resenha "Carlo Severi, **O Princípio da Quimera: Uma Antropologia da Memória**", Gradhiva [Online], 11 | 2010, publicado em 09 de maio de 2010, acessado em 02 de abril de 2019. URL: <http://journals.openedition.org/gradhiva/1777>
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papirus, 1989.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. 2 ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MOSCOVICI. Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PEREIRA, J.C. **CARTOGRAFIAS AFETIVAS: PROPOSIÇÕES DO PROFESSORARTISTA-CARTÓGRAFO-ETC** R. Ra'e Ga - Curitiba, v.30, p.106-130, abr/2014
- REIS, Delfina Renck. **Dona Romana de Tocantins: UMA FANTÁSTICA ICONOGRAFIA**. [Dissertação de mestrado- Programa de Pós-graduação em Ciência da arte: UFF]. Niterói, 2008.
- RODRIGUES. José Carlos. **O tabu do corpo**. 4ª ed. – Rio de Janeiro, Dois Pontos Ed., 1986.
- ROSA, Eloisa Marques. **A suça em Natividade: Festa, batuque e ancestralidade**. [Dissertação de mestrado – Programa em Pós-graduação em Performances Culturais: UFG]. Goiânia. 2015
- SAHLINS. Marshall; **O “PESSIMISMO SENTIMENTAL” E A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA: POR QUE A CULTURA NÃO É UM “OBJETO” EM VIA DE EXTINÇÃO (PARTE I)**. MANA 3(1):41-73, 1997
- SILVA, Analice da Conceição Leandro da. **Entre lírios e líras: a mitopoética utópica da Jurema Sagrada**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Estudos Literários) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2017.
- SCHECHNER, Richard. **O que é performance?** O Percevejo - Revista de Teatro, Crítica e Estética. Ano 11. Nº 12. 2003. Departamento de teoria do teatro. Programa de pós-graduação em Teatro. Universidade federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.
- SEVERI, Carlo. **Memory, reflexivity and belief. Reflections on the ritual use of language**. Social Anthropology (2002). European Association of Social Anthropologists.
- _____. **COSMOLOGIA, CRISE E PARADOXO: DA IMAGEM DE HOMENS E**

MULHERES BRANCOS NA TRADIÇÃO XAMÂNICA KUNA. MANA 6(1):121-155, 2000

SILVA, Reijane Pinheiro da. **O índio negado e o índio desejado: a “pacificação” dos indígenas na construção da identidade do Tocantins.** Tellus, ano 10, n. 19, jul./dez. 2010. Campo Grande - MS

SIMMEL, George. **A sociologia do segredo e das sociedades secretas.** Tradução de Simone Carneiro Maldonado. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, Volume 43, Número 1, p. 219-242, Abril de 2009.

SOUSA, Poliana Macedo de. **A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade-Tocantins.** [recurso eletrônico] / Poliana Macedo de Sousa -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

TALAMONI, ACB. **O programa da descrição densa.** In: Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 53-66. ISBN 978-85-68334-43-0. Available from SciELO Books .

TESSEROLLI, Míriam. **Arte, ancestralidade e religiosidade na casa de Mãe Romana em Natividade, TO.** In: ALMEIDA, Vasni de, FERREIRA, Renata Brauner. História, sociedade e cultura no cerrado amazônico. 1. Ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global.** 2. Ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ANEXOS

Anexo 1

4 | Turismo Palmas, quinta-feira, 23 de novembro de 2017

JORNAL STYLE

Visitação no Jalapão aumenta em 100%

OTIMISMO | Gestão estadual comemora conquistas alcançadas nos últimos anos

"O Jalapão é a bola da vez", assim resumiu o superintendente de Turismo do Tocantins, James Possapp, ao analisar o aumento no número de turistas aos atrativos da região. E os dados realmente não dizem o contrário, segundo a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Turismo e Cultura (Seden), o turismo na Fazenda Triago, um dos pontos turísticos do Jalapão administrado pelo Governo do Tocantins, saltou de 4.556 visitantes durante todo o ano de 2012, para 11.635 neste ano - lembrando que esses dados se referem somente ao acumulado entre janeiro e outubro de 2017.

Em apenas dez meses deste ano, o número de turistas também já foi superior ao acumulado de todo o ano de 2016 (11.363 visitantes) na Fazenda Triago. De acordo com James Possapp, a previsão é de que o aumento seja superior ao registrado o ano passado, que foi de 32%. O local é estratégico para o turismo do Jalapão e também bem emblemático, já que foi o local onde o colombiano Pablo Escobar utilizou como uma de suas residências na década de 90.

Outro atrativo que também vem registrando expressivo aumento no número de visitantes é o das Dunas, que ficam localizadas dentro do Parque Estadual do Jalapão (PEJ). De acordo com os dados da Seden, o número aumentou de 6.464 turistas em 2012 para 14.495 em 2017, entre janeiro e outubro do ano corrente.

"Se você analisar os dados, irá constatar o que já recebemos, de janeiro a outubro



Cachoeira do Formiga, um dos atrativos mais belos e visitados do Jalapão

deste ano, mais visitantes do que recebemos durante todo o ano de 2016, tanto na Fazenda Triago como nas Dunas. No mês de junho de 2016, por exemplo, foram registrados 698 visitantes na Fazenda Triago. Já neste ano, o número praticamente dobrou e foi para 1.238", afirmou Jaime Possapp.

Pavimentação

Junto com o crescimento do número de visitantes, estão aumentando também os cuidados e os investimentos do Governo do Tocantins na região do Jalapão. Possapp frisou que o mais importante deles é a chegada do asfalto que irá melhorar o acesso às belezas naturais e a qualidade de vida da população.

"O Governo irá asfaltar o trecho que vai do município de Lagoa do Tocantins a Mateiros. Este percurso foi escolhido visando dar mais competitividade ao destino Jalapão e também pelo fato de haver um encurtamento nessa distância de cerca de 50 quilômetros, em relação

ao percurso saindo de outros pontos", explicou, informando ainda que serão pavimentados 200 quilômetros de rodovia e que o financiamento para aquisição dos recursos será assinado em breve com o governo federal e o órgão financiador, por meio do Programa Regional de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur).

O superintendente explicou que a estrada que liga Ponte Alta a Mateiros será contemplada, a partir do ano que vem, com um Kit Manutenção do Governo do Tocantins, incluindo maquinários, que serão adquiridos por meio de emendas parlamentares impositivas da bancada federal do Estado, e farão os reparos e melhora da estrada. "Há alguns entraves para a pavimentação da estrada que liga Ponte Alta a Mateiros, dentre eles a questão ambiental, por isso ela não foi contemplada neste primeiro momento. Nós temos ali uma Unidade de Conservação Ecológica, onde fica a Serra Geral, local de total conser-

vação, que não prevê nenhum tipo de ecoturismo, apenas pesquisas. Mas, é preciso citar que o turismo nesta região não será afetado visto que ali existem atrativos referências que nunca vão deixar de sair do roteiro dos turistas, como as Dunas, Praia do Rio Novo, Cachoeira da Velha, entre outros", pontuou.

Cuidado ambiental

James Possapp ressaltou que, atualmente, uma das maiores preocupações do Governo do Tocantins é dar total atenção à questão da conservação ambiental da região do Jalapão. Para isso, o Executivo pretende melhorar a infraestrutura de vários locais e aumentar a fiscalização sobre os atrativos turísticos.

"O Governo do Tocantins já tem algumas obras licitadas pelo Projeto de Desenvolvimento Regional Integrado e Sustentável (PDRIS) que visam dar sustentação a esse crescimento de turistas na região do Jalapão. Nós temos investimentos ali na

Fazenda Triago, no atrativo da Prainha do Rio Sono e na Serra do Espírito Santo. Na Comunidade do Mumbuca, vamos implantar uma praça nos arredores da associação. Há também outros investimentos que estão em fase de licitação", explicou o superintendente.

"Quanto à preservação da qualidade ambiental dos atrativos naturais, a Seden e o Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins) possuem um termo de cooperação técnica para o desenvolvimento do ecoturismo e turismo nas unidades de conservação do Estado e entorno. Para isso, várias ações já foram desenvolvidas como a questão dos agentes receptivos de turistas serem obrigados a fazer um processo de licenciamento junto ao Naturatins e também a uma fiscalização mais intensa nos atrativos particulares, notificando os que estão fora das especificações descritas na lei", complementou James Possapp.

Roteiros Integrados

Uma das ações que também irá colaborar para o fortalecimento do turismo na região do Jalapão é a integração de roteiros que serão oferecidos pelas agências entre os estados que compõem o Consórcio do Brasil Central, sendo eles Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins, Rondônia, Maranhão e Distrito Federal. Esta parceria tem sido amplamente difundida em eventos de turismo no país, sendo o último deles o Festival Internacional de Turismo (Festuris), realizado na primeira quinzena de novembro, em Gramado (RS).

MATEIROS

Parcerias e legalidade são armas para o crescimento

Dificuldades financeiras não são uma novidade para os menores municípios do Tocantins. Mateiros segue o roteiro, apesar de sua situação privilegiada, sendo cercada pelos mais famosos pontos turísticos do Jalapão.

Em entrevista ao jornal Folha do Jalapão, o prefeito do município, Pastor João Martins, lembrou que tinha uma visão bastante otimista de como incrementar o turismo em Mateiros, mas quando assumiu o gestão viu que os recursos devem ser cuidadosamente aplicados em áreas prioritárias e que cer-

tas ações devem contar com parcerias. Para ele, diante da real situação das contas públicas, o turismo requer uma melhor estratégia para ser alavancada, isso deve ocorrer com a participação de toda a cadeia que o promove ou atende. "Entendo que o turismo pode deixar recursos na cidade. Mas não basta nós captarmos recursos, temos que oferecer aos turistas a qualidade na prestação dos serviços", avaliou.

Uma das parcerias firmadas neste ano foi com a Universidade Federal do Tocantins (UFT), para a formação

de guias turísticos do próprio município, e com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), para a capacitação do empresário.

Pastor João Martins também acredita que a exploração dos atrativos locais deve seguir critérios mais rigorosos. "Inadmissível uma pessoa usufruir dos atrativos e depois ir embora deixando lixo para trás. Para moralizar, entendo que donos dos atrativos e até dos hotéis e outras empresas que operam o turismo devem pagar impostos", afirmou o gestor,



Para prefeito, donos dos atrativos, como os Fervedouros, devem pagar impostos

informando que 50 empresas que atuam na área do turismo estão legalizadas. Por outro lado, ele revelou a existência de empresas que

ainda operam na clandestinidade, sediadas em Palmas, São Paulo e Brasília, e sequer pagam o Imposto Sobre Serviços (ISS).

Anexo 2

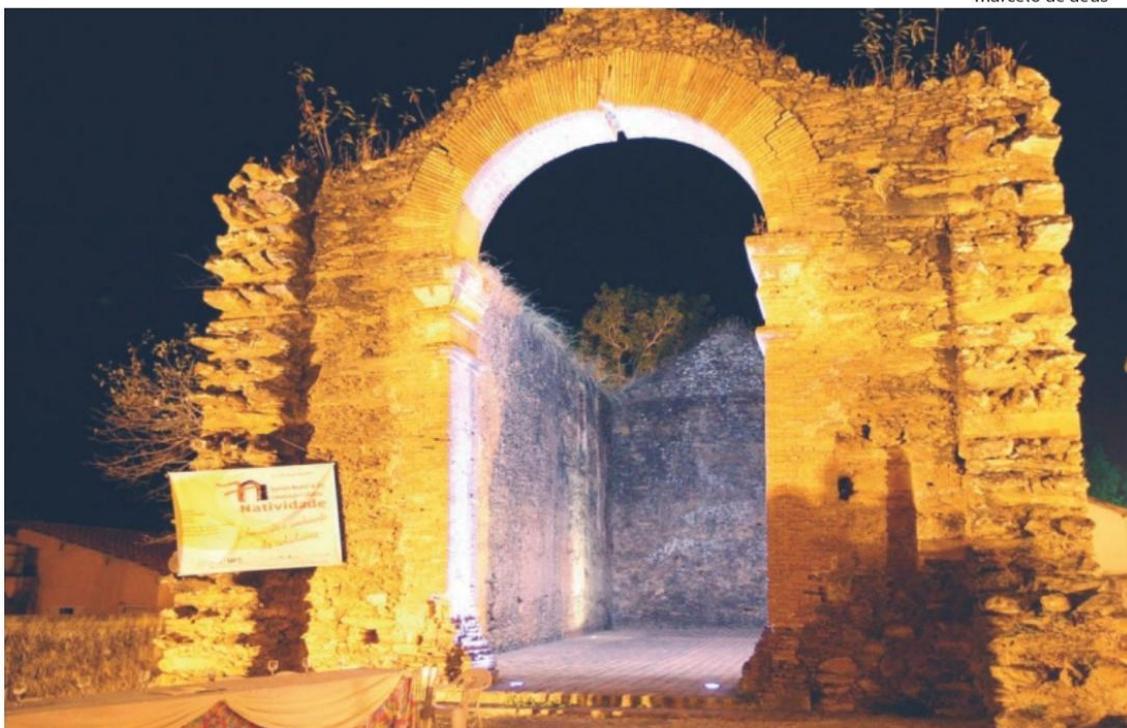
📄 Magazine (/editorias/magazine)

Berço de riquezas culturais

Cidade chega aos 280 anos com o desafio de preservar seu invejável patrimônio

30/05/2014 02:00

marcelo de deus



Igreja Nossa do Rosário dos Pretos

Cinthia Abreu e Val Rodrigues

<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/ber%C3%A7o-de-riquezas-culturais-1.560355?usarChave=true>

Patrimônio Histórico do Brasil, berço da cultura do Tocantins, Celeiro de Patrimônios, Mãe Centenária. São muitos nomes, muitas virtudes, muitos personagens e, principalmente, muita história para contar. A cidade de Natividade, a 305 km da Capital, completa no próximo domingo, 1º de junho, 280 anos de história.

Os mais de dois séculos de história são marcados por suas tradições e culturas, que fazem parte do patrimônio material e imaterial do Brasil. Tal reconhecimento é facilmente percebido nas suas arraigadas tradições imateriais, como na religiosidade com os fiéis da Folia do Divino e Romaria do Bonfim, nas profecias de Mãe Romana, no dedilhado da viola de buriti de Coquelim, nos passos marcados dos Catireiros de Natividade, no bailado envolvente da jiquitaia ou na culinária típica, com seu biscoito Amor Perfeito, de dona Naninha.

As marcas de Natividade são expressas também em sua histórica arquitetura. Basta um passeio breve pelas ruas estreitas do Cruzeiro e da Praia para se projetar a uma viagem no tempo, admirando as ruínas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos ou a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Natividade. Sem falar nas casas e casarões com as janelas para a rua, conservados com arquitetura de influência portuguesa dos séculos XVIII e XIX.

Programação

Para celebrar tal importância, a cidade prepara programação especial, de hoje até domingo. No pacote de atrações, há feira de comidas típicas, shows de forró e

<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/ber%C3%A7o-de-riquezas-culturais-1.560355?usarChave=true>

19/08/2018

Berço de riquezas culturais

sertanejo, campeonatos esportivos e solenidades. A abertura hoje acontece na Avenida V3, a partir das 19h30, com a *Feira Cultural de Natividade*. Na ocasião, haverá exposição fotográfica com imagens que retratam a cidade e feira gastronômica, com a comercialização de arroz sirigado (maria isabel), carne com mandioca, paçoca, biscoitos, galinha caipira, caldos, chambari e arroz com pequi, entre outros produtos.

Os músicos regionais Anderson Camacho, Ivan Meireles e Robson dos Santos farão uma serenata especial em homenagem aos moradores que têm atuação de destaque no município, percorrendo ruas do centro histórico com músicas antigas em voz, violão e saxofone. A programação da noite se encerra com show da banda de forró *Fala Sério*, a partir das 23 horas.

Para o prefeito de Natividade, Albany Nunes Cerqueira, mais conhecido como Tiquim, esta é uma data especial. “O que há de mais importante é a preservação da nossa história e dos nossos costumes e tradições. Isso é um motivo de comemoração. Mesmo tendo passado por tantas transformações no Estado e no País, a gente conseguir preservar a nossa história, nossa arquitetura, isso é muito importante”, acredita.

Para o prefeito, o grande desafio do município é desenvolver e gerar oportunidades. “Melhorar as oportunidades de emprego, buscando parcerias. Hoje temos as mineradoras, que são bastante presentes no município. É crescer, evoluir e preservar o que nós temos. Esse é o nosso principal desafio de hoje”, considera.

História

19/08/2018

Berço de riquezas culturais

Situada no Sudeste do Tocantins, ao pé da Serra da Natividade, a uma distância de 305 km da Palmas, nascida com a exploração do ouro e fundada por Antônio Ferraz de Araújo, sua origem remonta ao século XVIII, ligada ao Arraial de São Luiz, no alto da serra. Hoje restam apenas ruínas daquele fluente e rico garimpo de ouro.

Segundo dados da assessoria do município, a nascente arraial denominado São Luis recebeu seu nome em homenagem a Dom Luis de Mascarenhas, então governador da Capitania de São Luis e fundador da Vila Boa (atual cidade de Goiás-GO). O nome São Luis conservou-se, provavelmente até 1733, quando, em homenagem à Nossa Senhora da Natividade, o local passa então a ser chamado de Natividade. Em 1734, o português Manoel Rodrigues de Araújo transferiu o Arraial para o Sopé da Serra, local de melhor acesso, onde hoje situa a cidade.

Em 1831, Natividade foi elevada à categoria de Vila. Em 1834 contava com 300 casa e ruas guarnecidas de calçadas de laje e, em 1º de julho de 1901, a vila ganhou o termo de Município de Natividade, se desmembrado da Comarca de Porto Nacional. Em 23 de dezembro de 1905, pela influente atuação do Senador Fulgêncio Nunes da Silva, aconteceu a instalação da Comarca de Natividade.

Atualmente, Natividade tem o seu espaço urbano dividido em três zonas de usos específicos: Zona de Proteção Histórica, Zona de Proteção Ambiental, e Zona de Expansão. O conjunto arquitetônico é constituído pelas ruas estreitas de casarões e igrejas.

Patrimônios

■ Festas populares

<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/ber%C3%A7o-de-riquezas-culturais-1.560355?usarChave=true>

19/08/2018

Berço de riquezas culturais

- Festa do Divino (data móvel)
- Festa de São João Batista
- Festa do Senhor do Bonfim
- Festa da padroeira de N. Sra. da Natividade
- Baile de pastorinhas
- Festa de Reis
- Patrimônio Material
- Igreja da Matriz
- Igreja do Rosário dos Pretos
- Prédio da Antiga Cadeia Pública
- Casa do Sr. Salvador José Ribeiro (ten. Salvador)
- Ruínas de São Luis

Anexo 03

📄 Magazine (/editorias/magazine)

Mistérios na internet

Conhecida por suas profecias, Dona Romana ganha site na internet

07/06/2014 02:00

Val Rodrigues

Palmas

Os mistérios que cercam a espiritualidade e a arte de Romana, de Natividade, no Sudeste do Estado, agora fazem parte de um rico acervo. Mais de 1,2 mil fotografias e informações em textos sobre a líder espiritual estão reunidas no site www.romanadenatividade.com (<http://www.romanadenatividade.com.br>). A produção é do escritor, documentarista e fotógrafo Alexandre Acampora e acaba de ser lançada.

A página virtual retrata o território quilombola do Jacuba, em Natividade, onde está instalado o Centro Bom Jesus de Nazaré, onde Romana define os fundamentos de sua experiência que, reúne seguidores e admiradores.

19/08/2018

Mistérios na internet

Dona Romana, assim como sua inspiração é cercada de mistério. Uma personagem que se autodefine formada pelo astral e que produz suas peças de acordo com inspiração superior. “É uma pessoa que não teve medo da sua essência, das suas fantasias, de exercer o seus desejos”, interpreta Acampora.

Para o pesquisador, o trabalho artístico-religioso de Romana agrupa múltiplas referências. Acampora aponta que nas suas obras há um ecletismo que indica uma superioridade do conceito de sincretismo entre as religiões africanas e o catolicismo. No texto de abertura do site, o autor ressalta que os vários arquétipos da Igreja Católica, bem como da Umbanda presentes na arte de Romana, parecem servir como ilustração a uma nova e original criação do sagrado. “É uma arte extemporânea e que se utiliza da matéria-prima disponível no ambiente dela”, diz ele ainda.

Site

O site dispõe de 11 galerias, onde se dividem informações sobre dona Romana e a história de seus antepassados; a Jacuba, sua vida comunitária e suas tradições, como as folias e a Festa do Divino Espírito Santo. Reúne ainda as peças míticas de Romana, representadas, sobretudo, por esculturas com massa de adobe, ou cimento e pedra canga. Acampora reforça no site que Romana as obras explicam o cosmos, a partir de suas representações, poderes e personalidades.

Também estão no site as criações inéditas de Romana, as chamadas cornijas, cujo nome se refere à utilização artesanal dos chifres de animais como recipientes ou copos. Nas mãos de Romana os chifres se transformam em peças trabalhadas com detalhes e aplicações indescritíveis.

O site (<http://www.romanadenatividade.com.br>) compreende ainda informações e fotos sobre Natividade e comunidades criadas a partir da inspiração de Romana, como a Casa da Cecília, de Porto Nacional.

Projeto

A pesquisa de Acampora sobre dona Romana iniciou há 16 anos. Desde então Acampora aprofunda os seus conhecimentos sobre a história, a vida comunitária e as ações fraternas de Romana. Desta experiência em 1999 nasceu o primeiro trabalho do autor, o curta metragem O Equilíbrio do Eixo do Planeta. O filme recebeu menção honrosa no Festival de Cinema Ambiental de Goiás (Fica).

Projeto

O site (<http://www.romanadenatividade.com.br>) é parte do projeto Burangaba, do próprio Acampora em parceria com a Fundação Nacional da Arte (Funarte), por meio de Prêmio Arte e Cultura Negra, de 2013. Seu objetivo, como explica Acampora, é pesquisar a história da líder espiritual e dar conhecimento público de sua arte. O pesquisador passou 40 dias no município de Natividade para desenvolver este trabalho. Sua consolidação ainda depende da finalização do livro de mesmo nome, que pretende lançar em 2015.

O nome do projeto, Burangaba, é um termo criado pelo pai de Romana, Marcolino, já falecido, principal influenciador de Romana. Trata-se da mistura de frutos típicos do cerrado - buriti, manga e mangaba - batidos com água e farinha, apreciada pela

Anexo 04

📄 Magazine (/editorias/magazine)

Cultura negra em foco

21/02/2015 05:00

Lia Mara



Acampora deve lançar Burangaba em maio



Fernanda Mendonça

Palmas

Com previsão de lançamento para o mês de maio, o livro *Burangaba*, de Alexandre Acampora, é um verdadeiro resgate da cultura negra tocantinense. A produção <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/cultura-negra-em-foco-1.786089?usarChave=true>

19/08/2018

Cultura negra em foco

retrata um pouco da vida e do trabalho de Romana de Natividade, que como o próprio autor define “é uma líder comunitária espiritual e a maior artista plástica do Tocantins. Não existe ninguém tão criativa como ela”.

Acampora destacou que Romana criou uma mitologia sobre seu próprio trabalho e ele busca explicá-la e inseri-la na história da cultura africana do Tocantins. O autor adianta que pretende lançar o livro primeiramente na casa de Romana e só depois em outras cidades do País.

Navegue pelo assunto

[Arte e Vida \(/busca?tags=Arte+e+Vida&assuntos=Arte+e+Vida\)](/busca?tags=Arte+e+Vida&assuntos=Arte+e+Vida)

Anexo 05

 Magazine (/editorias/magazine)

Obra ressalta a cultura mística do Tocantins

05/09/2015 05:00

A história da líder espiritual Romana, do município de Natividade, região Sudeste do Tocantins, ganhou as páginas do livro *Burangaba*, que será lançado hoje à noite em Natividade. A obra é do escritor Alexandre Acampora.

Contemplado com o Prêmio de Arte Negra da Fundação Nacional da Arte, do Ministério da Cultura, o livro retrata a história da vida de Mãe Romana, mostrando as atividades que desenvolve no sítio onde mora, na zona rural de Natividade. Segundo a obra, Romana se utiliza da arte como meio de cura e de intervenção espiritual. “A motivação da obra resulta da surpresa provocada pela contemplação da obra. Foi e ainda é um impacto para meu olhar. A mitologia que Romana criou, interligando um universo anímico com um universo ambiental, terreno, é ainda mais surpreendente que a concretude das obras expostas em meio ao maro”, explica o autor.

Ainda segundo Acampora, por meio da experiência de Mãe Romana, a obra promove um registro da história do Tocantins e resgata as memórias do seu povo. “Não há como explicar Romana sem uma base histórica. Romana carrega tradições da cultura indígena e africana. Romana é um ícone da formação civilizacional do Tocantins”, ressalta.

Lançada pela editora Vozes, a obra será apresentada hoje, às 18 horas, no Museu Histórico de Natividade. Em Palmas, o lançamento será durante o *Salão do Livro*, no dia 25.

Além do livro, a história da líder espiritual de Natividade rendeu um documentário e o <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/obra-ressalta-a-cultura-m%C3%ADstica-do-tocantins-1.938828> 3/16

19/08/2018

Obra ressalta a cultura mística do Tocantins

Além do livro, a história da líder espiritual de Natividade rendeu um documentário e o assunto também é tratado no site www.romanadenatividade.com.

Autor

Alexandre Acampora é escritor, documentarista e fotógrafo. Carioca do Rio Comprido, ele morou no Tocantins por 15 anos e é membro da Academia Palmense de Letras (APL).

Anexo 6

ÁUDIO  MAGAZINE

URBANA

 **Documentário
“Romana” é lançado
hoje no Sesc**

Lançamento será as 19 horas, logo após
haverá um debate sobre o tema

07/06/2017 - 12:22

O lançamento do documentário “Romana”,
dirigido por Helen Lopes, será realizado hoje
às 19 horas no cine Serviço Social do
Comércio (Sesc) em Palmas. O audiovisual é
um curta-metragem de 24 minutos, que
conta a trajetória de dona Romana, uma
senhora de 76 anos que vive em Natividade,
que faz previsões sobre acontecimentos
naturais que viriam a abalar o planeta.

O trabalho do documentário começou em
2014. Desde a data a produção vem sendo
gravada e realizada. A trilha sonora é do
documentário conta com músicas de viola de
buriti aos Tambores do Tocantins. O som do
berimbau de Dinho Nascimento também
embala a história.

Debate

Após o lançamento do filme, um debate
sobre o assunto será realizado. A conversa

<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/documentario-romana-e-lancado>

Anexo 7

... Tendências & Ideias (/editorias/opinioao/tend%C3%AAncias-ideias-1.456289)

11/06/2017 05:00



Héber Gracio

A sacerdotisa e os magos

O documentário “Romana” abre espaço para que Dona Romana, líder religiosa amplamente conhecida no Tocantins e no Brasil, nos conte sua história e mostre um pouco do seu mundo, fisicamente assentado na zona rural da cidade de Natividade, município mais antigo do estado do Tocantins e com história intimamente ligada à escravidão e às populações afrodescendentes.

Conhecer Dona Romana e assistir ao documentário me mostrou como essa senhora aparentemente simples do interior é cara e necessária para nossos dias. Cada vez mais vivemos a plenitude de nossas certezas e verdades. A maior parte de nossas experiências com o transcendente nos fala de nossa intensa incapacidade de lidar com o desconhecido, com o incontrolável, com a diferença. A religiosidade se transformou em uma prática egocêntrica e etnocêntrica, onde cada um se entende como uma espécie de Deus em miniatura, absoluto, inquebrantável e universal.

19/08/2018

A sacerdotisa e os magos

Dona Romana nos fala de outra experiência com o transcendente. Ao se apresentar discursivamente para os visitantes que vão à sua casa e no documentário, o primeiro elemento que ela nos evidencia é a incerteza e o desconhecimento dos verdadeiros desígnios de suas atribuições e tarefas. Esses dois elementos, que aos nossos olhos denotam fragilidade, são centrais na sua vivência com o sagrado. Ela faz questão de deixar claro que não domina as vontades divinas, que não se apresenta como a imagem e semelhança do transcendente e não tem a atribuição de ser sua voz na terra e para os homens. Descreve-se, tão somente, como um canal de comunicação que permite que a mensagem sagrada flua unilateralmente, fazendo da sua experiência um resgate da vivência mais intensa da religião.

Apesar do seu alegado desconhecimento dos desígnios e motivações do transcendente, ela se tornou uma líder religiosa, uma sacerdotisa. Sua casa é um templo único, provido de fantásticos, belos e enigmáticos desenhos e outros artefatos; obras de arte que falam de sua crença, visão de mundo e expressam sua relação com o transcendente. De seu quintal emergem grandiosas esculturas que ligam o mundo terreno a outros planos e dimensões, e falam de sua religiosidade, da natureza do planeta Terra e do futuro da humanidade. Toda essa intensa produção, segundo Dona Romana, foi determinada por entidades espirituais que têm a atribuição de orientar os seres humanos para as grandes e intensas mudanças que viverão em breve.

Apesar da intensidade dessa senhora e da complexidade de suas crenças, o documentário de Helen Lopes teve a capacidade de registrar a líder espiritual e mostrá-la para o grande público em toda sua grandeza. Todavia, o ponto alto do filme fica por conta da convergência entre a tarefa de Dona Romana e aquela que coube ao Helen Lopes e seus parceiros. Ambos, cada um do seu modo e na sua intensidade, tiveram a capacidade, rara nos dias de hoje, de escutar, compreender e comunicar o desconhecido.

Imperdível!!!

Navegue pelo assunto

[Opinião \(/busca?tags=Opini%C3%A3o&assuntos=Opini%C3%A3o\)](#)

Anexo 8

📄 Magazine (/editorias/magazine)

De Natividade, dona Romana comenta inspiração para personagem televisiva

Mística conhecida no interior do Tocantins recebeu visita de Walcyr Carrasco antes das gravações da nova novela das 21 horas

25/10/2017 21:13

Adilvan Nogueira / Arquivo JTo



<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/de-natividade-dona-romana-comenta-inspira%C3%A7%C3%A3o-para-personagem-tel...>

19/08/2018

De Natividade, dona Romana comenta inspiração para personagem televisiva

*Dona Romana é figura conhecida na região de Natividade**Juliana Matos*

Uma das personagens mais curiosas que os telespectadores da novela O Outro Lado do Paraíso (Globo/TV Anhanguera), a Mercedes (Fernanda Montenegro) é uma mulher mística. Na novela, ela vive em uma casa transformada em um santuário em Pedra Santa onde, segundo ela, serão recebidas as pessoas que buscarão abrigo no fim do mundo.

Para os tocantinenses, essa descrição se assemelha a uma figura muito conhecida em Natividade, município a 226 km de Palmas, onde vive a famosa dona Romana, que serviu de inspiração para o autor do folhetim, Walcyr Carrasco, meses atrás quando ele visitou o interior do Estado durante visitas e pesquisas para sua novela.

Sabendo dos comentários acerca das semelhanças entre as duas mulheres. Dona Romana disse que não se preocupa com comparações. “Deus me deu a responsabilidade. Se chegou o momento de abrir, se veio a abertura para fazer a novela, não importa se está sendo inspirado em mim ou não... se é branca ou preta. Se foi ela - a Fernanda- a escolhida para o papel, ninguém mais faz no lugar dela. Tudo foi determinado. Ninguém faz sem uma ordem de cima....Deixa o povo falar...O povo fala até de Deus”, disse a dona Romana, que vive no Centro Bom Jesus de Nazaré, um povoado de mistérios, também conhecido como sítio Jacuba.

A 5 km de Natividade, no local são vistas esculturas de pedra canga, cristais e espelhos com formato de pássaros, naves espaciais, figuras humanas misturadas a estrelas que, segundo sua idealizadora, dona Romana, são obras produzidas por extraterrestres.

Anexo 9

ÁUDIO  MAGAZINE



Cinema tocantinense e debate

Talita Melz Programação do evento começa hoje e segue com exibições ao longo do mês

05/04/2018 - 05:00



Romana foi a produção tocantinense escolhida para ser exibida nos dez estados

Com a exibição de três produções cinematográficas tocantinenses, começa hoje mais uma edição do Sesc Amazônia das Artes, em Palmas. A partir das 19 horas, no CineSesc, os documentários Romana, de Helen Lopes, e Família Vida Nova, de Ludmilla Weber de Oliveira, além do filme Operário Biônico, de Cláudio Macagi, abrem o evento. Após as sessões será realizado um

debate sobre o primeiro documentário, com o cineasta tocantinense Saullo Moura.

<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/cinema-tocantinense-e-debate-1.1496382>

ponto de vista do autor para esse pessoal.

Os filmes exibidos são fantásticos, cada um com uma característica única, o que torna a experiência de assistir bem prazerosa”, comenta Moura.

Além das produções tocantinenses, ao longo do mês de abril serão exibidos filmes e documentários de outros estados da Amazônia Legal. Este ano, a edição conta com uma novidade, além da programação de exhibições em Palmas. Os filmes serão exibidos nos Cinemas do Sesc em Araguaína e Gurupi.

Fazem parte do projeto os Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Projeto

O Sesc Amazônia das Artes é o maior projeto de difusão cultural da Amazônia Legal e busca estimular e difundir a cultura da região promovendo a circulação das produções culturais da região. “Ele existe há dez anos, esta é a sua 11ª edição, e surgiu da nossa percepção da necessidade desse intercâmbio dos produtos artísticos criados no Norte. A ideia começou tímida, mas vem crescendo a cada ano. Temos um potencial enorme independente das facilidades

econômicas ou geográficas que vivemos.

Hoje já temos nomes que saíram do cenário

AUDIC ALERVO
Todo ano o Sesc Amazônia das Artes é coordenado por um Estado do Norte, este ano a organização está com o Tocantins. A programação completa da Mostra de Cinema pode ser conferida no [site do Sesc](#).

Documentário conta história de Romana

O documentário Romana, dirigido por Helen Lopes, é o filme tocantinenses que circulará pelos estados que recebem o Sesc Amazônia das Artes. O filme fala sobre Dona Romana de Natividade, a líder religiosa conhecida por cuidar do Centro Bom Jesus de Nazaré onde diz funcionar o fundamento espiritual para a firmeza do grande eixo da Terra. Ela foi a inspiração para Mercedes (Fernanda Montenegro) na novela O Outro Lado do Paraíso da Rede Globo.

A produção, que foi gravada em preto e branco, conta a trajetória de Romana em 24 minutos. “Deixamos o espaço para ela própria contar sua história. Dar voz a ela que apesar de ser uma figura muito conhecida pouco se expressa”, comenta o diretor Helen Lopes. O trabalho aborda como a religiosa começou a ter contato com as vozes até hoje e todo o seu trabalho com as esculturas,

além da relação com as pessoas que visitam o santuário que Romana cuida.

Archanjo, também acontece durante a programação do Sesc Amazônia das Artes. As obras do piauiense, convidado devido à proximidade geográfica e identificação sociocultural do Estado, estão expostas na Galeria Sesc de Artes do Centro de Atividades Sesc Palmas.

Na exposição, o artista propõe uma reflexão sobre as possibilidades de lidar com a fraqueza e o isolamento diante das questões sociais do nosso tempo e espaço territorial. A entrada para a exposição é gratuita.

Anexo 10

19/08/2018

Portal Stylo



PRINCIPAL | NOTÍCIAS | VÍDEOS | JORNAL IMPRESSO | INSTITUCIONAL | COLUNISTAS | FALE CONOSCO

PORTO NACIONAL

Mãe Romana de Natividade é alvo de pesquisa e palestra

Segunda, na Escola Dom Domingos Carrerot

15/09/12 10:00 | Atualizado em: 15/09/12 10:00



Na próxima segunda, 17, o pesquisador Leandro Oliveira ministrará palestra do seu projeto "Universo Místico de Mãe Romana" aos alunos da Escola Estadual Dom Domingos Carrerot em Porto Nacional. A atividade é uma contrapartida do Edital 2011 da Secretaria de Estado da Cultura do Tocantins de apoio a pesquisa científica na área da cultura tocaninense e tem como objetivo suscitar discussões sobre religiosidade e a cultura Afro-Brasileira, informar sobre a religiosidade de Mãe Romana de Natividade e a rica cultura popular tocaninense.

De acordo com Oliveira será abordado ainda temas como: A importância da cultura africana para a nossa formação cultural; A Lei 10.639; E sobre o sincretismo, religiosidade e a produção de esculturas realizadas por Mãe Romana em Natividade - TO.

As palestras serão ministradas no período matutino e vespertino para as turmas 5° ao 9° ano para um público estimado de 261 alunos.

Leandro Oliveira é acadêmico do curso de História pela Universidade Federal do Tocantins. Integrante do Grupo de Pesquisas do CNPq *Religiosidades e Festas no Tocantins*. Pesquisa a Cultura Afro-brasileira desde o ano de 2009, sob orientação da professora da UFT Mirian Aparecida Tesserolli.(Secult)

Anexo 11

19/08/2018

Portal Stylo



PRINCIPAL | NOTÍCIAS | VÍDEOS | JORNAL IMPRESSO | INSTITUCIONAL | COLUNISTAS | FALE CONOSCO

LITERATURA

Murangaba vai retratar Vida e obra de Romana

Projeto será patrocinado pelo Prêmio Funarte de Arte Negra

08/05/14 09:38 | Atualizado em: 08/05/14 09:38

A.Acampora/Divulgação



Mais um projeto voltado para a cultura tocantinense foi aprovado por um edital da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Trata-se do projeto Murangaba, de Alexandre Acampora, que está entre os selecionados do Prêmio Funarte de Arte Negra. A premiação é de R\$ 150 mil, para conclusão das pesquisas, impressão de livro e criação de um portal na internet.

O projeto aborda o trabalho e as origens de umas das figuras vivas mais emblemáticas do Tocantins, Dona Romana de Natividade. Acampora pesquisa a trajetória da nativiana há mais de 15 anos, sendo que em 1999 lançou o documentário O equilíbrio do eixo do planeta, que conquistou menção honrosa do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica/GO) daquele ano.

Origens

"É importante registrar a obra de Dona Romana", enfatiza o jornalista, documentarista e escritor, sobre a mística que vem de uma linhagem de escravos sudaneses fugidos da Bahia que se instalaram em quilombos no Tocantins. Acampora enfatiza que houve no Tocantins uma colonização precedente a dos portugueses. "Esta é uma tese que vou abordar no livro", revela.

Romana Pereira da Silva nasceu em 1941, no quilombo de Redenção. Ficou famosa, inclusive fora do país, pelo santuário ecumênico que construiu em sua chácara, nas proximidades de Natividade (200 k de Palmas), com destaque para um labirinto de estátuas e outras peças feitas com pedra canga, arame e outros materiais. Para ela, este local estará protegido no fim do mundo, que se dará com a queda de um asteroide.

Para entender Romana, o escritor afirma que é preciso conhecer sua origem. Segundo ele, seu pai exerceu grande influência em sua vida. Marcolino Pereira da Silva foi soldado, escritor, compositor, contador de causos e engenheiro autodidata. "As pessoas não levam em conta seu passado, a influência do pai", diz Acampora, que espera contribuir para desmistificar a imagem negativa sobre Romana.

Acampora está em Natividade para concluir suas pesquisas iniciadas há dois anos. Afirma possuir mais de 100 páginas de texto já escritas, entrevistas com os 16 irmãos de Romana, incluindo um falecido logo em seguida, e mais de 800 fotografias. Todo o trabalho deve ser concluído até março de 2015.

Labirinto

Criado por Dona Romana, o Centro Bom Jesus de Nazaré fica localizado no Sítio Místico da Jacuba, na saída para Dianópolis. O local ficou famoso principalmente pelo jardim, com cerca de 5 mil metros quadrados, em forma de labirinto, construído com a orientação de seres extraterrestres e cheio de símbolos místicos.

Romana começou a ter visões e apresentar fenômenos paranormais há quase 40 anos, quando foi acometida por uma doença misteriosa. Sua "missão" de preparar a terra e os homens para o acidente que corrigirá o eixo da Terra, a mística revelou sua profecia apenas em 1989. Segundo ela, a colisão que provavelmente atingirá a Ásia vai provocar destruição e mortes, rachando a terra ao meio. O jardim por ela construído será um refúgio para os sobreviventes.

No local, ela também mantém água e mantimentos, roupas, calçados e livros. Tudo orientado por vozes extraterrenas. A recuperação do planeta deve levar pelo menos dois anos, acredita Mãe Romana, que é apontada como feiticeira e louca por alguns e poderosa vidente por outros. Segundo ela, é apenas espírito.

Anexo 12

19/08/2018 O JORNAL - Desde 1989 o primeiro a dizer Escritor Alexandre Acampora discute os paradigmas históricos da formação civilizatóri...

Escritor Alexandre Acampora discute os paradigmas históricos da formação civilizatória do Tocantins em novo livro

09/Set/2015 16h40
Atualizado em: 09/Set/2015 às 16h58).



Foto: Foto: Portal Romana de Natividade

A começar pelo título o novo livro de Alexandre Acampora é repleto de surpresas. Burangaba é uma palavra criada no Jacuba, região da cidade de Natividade. Seu criador, Marcolino Pereira da Silva, pai de Romana de Natividade, motivo da narrativa, é um entre os principais entes da história. O neologismo significa um mingau, uma mescla de Buriti e Mangaba batidos em água e farinha. Um alimento criado pelos indígenas e assimilado pela comunidade do Jacuba. Luíza, mãe de Romana era filha dos índios Acroás e sabia receitas ancestrais. Acampora diz que um livro também é um alimento, um alimento para o espírito e poder recuperar um neologismo sertanejo e típico da cultura tocantinense é como achar uma pedra preciosa.



Sobre o processo de elaboração conta que foram necessários dois anos de pesquisas por bibliotecas e centros de documentação histórica do Rio de Janeiro, de Goiás, Brasília e visitas a Vila Boa de Goiás no Museu da Bandeira na Fundação Simon Dorve. Realizou dezenas de entrevistas em Natividade e no livro duas são destaques, a do Padre Joatan e a de Maroto Borges, 100 anos. A narrativa tem uma boa dinâmica e cativa o leitor até seu desfecho.

- A motivação do livro resulta da surpresa provocada pela contemplação da obra. Foi e ainda é um impacto para meu olhar. A mitologia que Romana criou, interligando um universo anímico com um universo ambiental, terreno, é ainda mais surpreendente que a concretude das obras expostas em meio às matas. A murada de pedra canga já não segura a profusão de peças. Mais. Romana talvez seja a única artista do mundo que nunca vendeu uma peça. Atua através de uma liturgia mitológica que envolve a arte. Os seguidores de Romana são incentivados a produzir símbolos, imagens simbólicas, Nise da Silveira diria Imagens do Inconsciente. O livro vai por essa estrada não sem antes reconstruir a historiografia do Tocantins através de dados documentais de pesquisas. Entrevistas e estudos de documentação histórica. Me vi obrigado a isso porque ninguém conhece o Tocantins e quem conhece pouco sabe sobre sua história. E não há como explicar Romana sem uma base histórica. Romana carrega tradições da cultura indígena e africana. Romana é um ícone da formação civilizacional do Tocantins.

Sobre a leitura Alexandre Acampora afirma:

- As partes interessantes são todo o livro, porque me dei a liberdade de transitar entre a linguagem das ciências sociais e humanas e os poemas e canções do povo e do imaginário popular. A dinâmica do livro por vezes se torna reportagem. Vivência. Acredito que uma forma surpreendente de narrativa que encontraria definição no ensaio. O gênero que melhor define o livro é o ensaio crítico. Mas nesse ensaio crítico você vai ler poemas, motes populares, lendas, dados históricos e duas entre outras entrevistas antológicas. Uma com o Padre Joatan, que já virou mito do sertão com anedotário popular e outra com Maroto Borges, hoje com 100 anos, e veja, não são peças avulsas na leitura, estão integradas à dinâmica narrativa porque tanto Pe. Joatan quanto Maroto Borges estão vinculados à história de Romana.

Sobre misticismo e cultura Acampora diz mais:

- Acredito que o propósito maior da publicação é trazer à consciência pública a história dos africanos no Tocantins e a trajetória da vida de Romana. Acabar com os preconceitos existentes até em sua própria cidade onde a qualificam como bruxa, feitiçeira. Tanto Nise da Silveira quanto Jung, além do antropólogo Mircea Eláde são visitados na narrativa para aproximar as pessoas de uma compreensão clara de uma mulher com forte personalidade artística e bela produção artística através da qual desenvolveu uma mitologia cabocla, original, uma mitologia que reflete a história da cultura brasileira. Nise da Silveira afirmava que o ser tem inúmeros estados e cada vez mais complexos. Todo artista cria uma mitologia em torno de sua produção, mas Romana desenvolveu uma mitologia soteriológica e ecológica. Uma mitologia que se destina a enfrentar as mudanças provocadas pelas alterações ambientais. Que prepara a humanidade para um novo mundo.

- Na verdade acredito que as pessoas que ignoram a prática de Romana são as mais preconceituosas. O vetor dos trabalhos de Romana é a arte e a arte é uma linguagem que nos liberta do racionalismo e da lógica e nos aproxima da plenitude do ser, de nossa subjetividade. 

19/08/2018 O JORNAL - Desde 1989 o primeiro a dizer Escritor Alexandre Acampora discute os paradigmas históricos da formação civilizatóri...

arte e sua linguagem são instrumentos de interpretação dos seres e do universo. A psicologia criou instrumentos interpretativos usando a arte. Em todas as religiões a arte será usada como meio de atingir a espiritualidade - músicas, cantos, danças, estátuas, quadros, pinturas, símbolos. É através de representações simbólicas que se atinge o eu ou o conhecimento do eu - a consciência.

História do Tocantins

Segundo Alexandre, não seria possível escrever sobre Romana de Natividade sem recorrer à história do Tocantins. "Romana é afrodescendente e sua prática se justifica a partir de referências culturais africanas. Estudá-la sem compreender a participação dos africanos na formação cultural tocantinense seria um erro. Por outro lado na historiografia oficial os escravizados sempre foram tratados como objetos e não como sujeitos. Descubro um novo paradigma para a formação civilizacional do Tocantins - os quilombos e aldeamentos multiétnicos e marginais à colonização portuguesa. O País dos Gentios. São mais de dois mil aldeamentos de índios, negros, degredados e foragidos no interior do Brasil entra Minas Gerais, Goiás e Tocantins. Esses aldeamentos são o tempero principal da nacionalidade brasileira. Eram autônomos e constituíam sociedade organizadas com regras e lideranças. O mais importante - desejavam se autodeterminar. Desejavam liberdade e originalidade cultural", disse.

Data de lançamento - 25 de setembro as 19:00 horas no Salão do Livro do Tocantins.
O livro conta com 326 páginas, impresso pela editora Vozes e acompanha a leitura um site: www.romanadenatividade.com (<http://www.romanadenatividade.com/galerias/>) com 1.200 fotografias dos trabalhos de Romana e do Jacuba onde repousam suas peças encantadas.



Anexo 13 – Terço Sertanejo e Ladainha

Terço sertanejo⁶⁴

Meu Deus que sois sumamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas, peza-me meu Senhor de todo meu coração de vos ter ofendido, mas proponho firmemente ajudado com a vossa divina graça emendar-me e nunca mais tornar a vos ofender espero alcançar o perdão de minhas culpas pela vossa infinita misericórdia.

Amém

Minha virgem santíssima vós não permitais, que eu viva nem morra em pecador mortais;
Que eu viva nem morra em pecados mortais.

Em pecador mortais eu não hei de morrer, que a virgem senhora nos a de valer;
Que a virgem senhora nos a de valer.

Nos a de valer na maior aflição, que a Deus tenho dado amai coração;
Que a Deus tenho dado amai coração.

Amai coração vós dais mãe de Deus, perdoai os erros e pecados meus;
Perdoai os erros e pecador meus.

Os pecados meus já me traz condenado, espero Senhora deu ser perdoado;
Espero Senhora deu ser perdoado.

De ser perdoado, Maria também, no reino da glória para sempre amém.
No reino da glória para sempre amém.

Para sempre amém de noite e de dia, adoremos a Deus e a virgem Maria;
Adoremos a Deus e a virgem Maria.

De nos adgítório meu entender, dona Joana e Faustina.
Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo se puder em princípio e nunca e sempre;
E de sempre séclorio amém.

Amado Jesus, José, Joaquim, Ana é Maria eu vos dou meu coração e alma em vida;
assistir-me com piedade na última agonia. Amém.

Pai Nosso que estais no Céu santificado seja o Vosso nome venha a nós o Vosso reino
Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu o pão nosso de cada dia nos
Daí hoje Senhor perdoa as nossas dívidas assim como perdoamos os nossos devedores
Não nos deixais Senhor cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

⁶⁴ Esta transcrição me foi concedida por Danilo, pois todas as gravações que eu fiz durante os terços que participei ficaram muito inaudíveis, sendo possível apenas entender algumas palavras. Visto que, há semitonação de voz assim como repetições, as primeiras semitonações são feitas por mulheres (pois tem a voz mais aguda) e a segunda repetição por homens (mais grave), apesar de todos terem a voz bem anasalada durante o canto. Este terço é aprendido por meio oral, assim como tudo dentro do Centro, mas o médiumClenir conseguiu escrever para passar para os mais novos aprenderem mais rápido, mas na verdade ninguém durante o momento usa o texto transcrito.

Ave Maria cheia de graça o Senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres
 Bendito é o fruto do vosso ventre que nasceu Jesus,
 Santa Maria virgem mãe de Deus rogai a Deus por nós, mãe dos pecadores
 Agora e na hora de nossa morte amém, Jesus, Maria José.

Glória seja ao Pai, glória seja ao Filho, glória seja ao Espírito Santo seu amor também
 Que ele é um só Deus em pessoas três, por todos os séculos dos séculos. Amém.

Se puder em princípio e nunca e sempre, e sempre séclório Amém.

Amado Jesus, José, Joaquim, Ana é Maria eu vos dou o meu coração
 E minha alma em vida assistir-me com piedade na última agonia. Amém.

O Senhor... É Santo de Jesus amado, valei-nos sempre com vosso amparo
 O Senhor... É Santo de Jesus amado, valei-nos sempre com vosso amparo

Pai Nosso que estais no Céu santificado seja o Vosso nome venha a nós o Vosso reino
 Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu o pão nosso de cada dia nos
 Daí hoje Senhor perdoa as nossas dívidas assim como perdoamos os nossos devedores
 Não nos deixais Senhor cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

Ave Maria cheia de graça o Senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres
 Bendito é o fruto do vosso ventre que nasceu Jesus,
 Santa Maria virgem mãe de Deus rogai a Deus por nós, mãe dos pecadores
 Agora e na hora de nossa morte amém, Jesus, Maria José.

Glória seja ao Pai, glória seja ao Filho, glória seja ao Espírito Santo seu amor também
 Que ele é um só Deus em pessoas três, por todos os séculos dos séculos. Amém.

Se puder em princípio e nunca e sempre, e sempre séclório Amém.

Amado Jesus, José, Joaquim, Ana é Maria eu vos dou o meu coração
 E minha alma em vida assistir-me com piedade na última agonia. Amém.

O Senhor... É Santo de Jesus querido, valei-nos sempre nos maiores perigos.
 O Senhor... É Santo de Jesus querido, valei-nos sempre nos maiores perigos.

Pai Nosso que estais no Céu santificado seja o Vosso nome venha a nós o Vosso reino
 Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu o pão nosso de cada dia nos
 Daí hoje Senhor perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos os nossos devedores
 E não nos deixais Senhor cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

Ave Maria cheia de graça o Senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres
 Bendito é o fruto do vosso ventre que nasceu Jesus,
 Santa Maria mãe de Deus rogai a Deus por nós, mãe dos pecadores
 Agora e na hora de nossa morte amém, Jesus, Maria José.

Glória seja ao Pai, glória seja ao Filho, glória seja ao Espírito Santo seu amor também
 Que ele é um só Deus em pessoas três, por todos os séculos dos séculos. Amém.

Se puder em princípio e nunca e sempre, e sempre séclório Amém.

Amado Jesus, José, Joaquim, Ana é Maria eu vos dou o meu coração
E minha alma em vida assistir-me com piedade na última agonia. Amém.

O Senhor... É Santo, Santo sem mancha recebei as nossas almas na bela aventura
O Senhor... É Santo, Santo sem mancha recebei as nossas almas na bela aventura.

Quem quiser ser de Jesus contrito no coração
Reza uma salve Rainha para a virgem da concepção

Quem quiser ser de Jesus contrito no coração
Reza uma salve Rainha para a virgem da concepção
Salve Rainha mãe de misericórdia vida e doçura esperança nossa
Em Deus vos salve a vós bradamos aos degredados filhos de Eva
Vós suspirando gemendo e chorando neste vale que é de lágrimas
A, pois senhora advogada nossa destes seus olhos misericordiosos
É a nos volve e ao depois deste desterro e nos amostre
Nos amostre a Jesus bendito e o fruto do vosso ventre o clemente
Rogai a Deus por nós santíssima mãe de Deus, Deus para que sejamos dignos
Das promessas de Jesus Cristo Deus para sempre amém Jesus

Ladainha

Christe, audi nos.
Christe, exáudi nos.

Pater de caelis, Deus,
miserére nobis.
Fili, Redemptor mundi, Deus,
miserére nobis.
Spíritus Sancte, Deus,
miserére nobis.
Santa Trínitas, unus Deus,
miserére nobis.

Sancta María, ora pro nobis.
Sancta Dei Génitrix,
Sancta Virgo vírginum,
Mater Christi,
Mater divínae grátiae,
Mater puríssima,
Mater castíssima,
Mater invioláta,
Mater intemeráta,
Mater amábilis,
Mater admirábilis,
Mater boni consílii,
Mater Creatóris,

Mater Salvatóris,
 Virgo prudentíssima,
 Virgo veneránda,
 Virgo praedicánda,
 Virgo potens,
 Virgo clemens,
 Virgo fidélis,
 Spéculum justítiae,
 Sedes sapiéntiae,
 Causa nostrae laetítiae,
 Vas spirituále,
 Vas honorábile,
 Vas insígne devotiónis,
 Rosa mystica,
 Turris Davídica,
 Turris ebúrnea,
 Domus áurea,
 Fderis arca,
 Jánua caeli,
 Stella matutínea,
 Salus infirmórum,
 Refúgium peccatórum,
 Consolátrix afflictórum,
 Auxílium Christianórum,
 Regína Angelórum,
 Regína Patriarchárum,
 Regína Prophetárum,
 Regína Apostolórum,
 Regína Mártirum,
 Regína Confessórum,
 Regína Vírginum,
 Regína Sanctórum ómnium,
 Regína Sine labe origináli concepta,
 Regína in caelum assúmpta,
 Regína sacratíssimi Rosárii,
 Regína pacis,

Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi,
 parce nobis, Dómine.

Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi,
 exáudi nos, Dómine.

Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi,
 miserére nobis.

V. Ora pro nobis, sancta Dei Génitrix.

R. Ut digni efficiámur
 promissionibus Christi.
 Orémus.

Concede nos fâmulos tuos, quaesumus, Dómine Deus, perpétua mentis et córporis sanitáte gaudére: et gloriosa beátae Maríae semper Vírginis intercessióne, a praesénti liberári tristítia, et aetérna pérfrui laetítia.

Per Christum Dóminum nostrum.

Ame

Este terço que rezamos ao Senhor São Jorge oferecemos que nos livra do demônio
E de toda má companhia
As contas do meu rosário são balas de artilharia que combate o inferno
Dizendo Ave Maria;
Outra vez Ave Maria concebida sem pecado, sem pecado original para sempre
Amém Jesus.

Bendito do Senhor Deus

Valei-me meu pai eterno filho da virgem Maria

Me guardai por essa noite, e amanhã por todo dia
Me guardai por essa noite, e amanhã por todo dia

Meu corpo não será preso nem minha fala retraída

Nem meu sangue derramado, nem minha alma será perdida
Nem meu sangue derramado, nem minha alma será perdida

Nem meu sangue derramado, nem minha alma será perdida
Nem meu sangue derramado, nem minha alma será perdida

Jesus Cristo nove meses no ventre da virgem Maria
Quem esta oração rezar ouvira santa Maria
Quem esta oração rezar ouvira santa Maria

Ouvira santa Maria, Maria da Conceição
Levamos os joelhos em terra, e para Deus peço perdão
Levamos os joelhos em terra, e para Deus peço perdão

Peço perdão a meu Deus, perdão peço ao meu Senhor
Misericórdia meu Deus a estes grandes pecadores
Misericórdia meu Deus a estes grandes pecadores

Estes grandes pecadores agora eu peço também
Peço que nos deis a glória para todo sempre amém
Peço que nos deis a glória para todo sempre amém

Ouvira Santa Maria, Maria da conceição

Levamos os joelhos em terra, e para Deus peço perdão
Levamos os joelhos em terra, e para Deus peço perdão

Peço perdão a meu Deus, perdão peço ao meu Senhor
 Misericórdia meu Deus a estes grandes pecadores
 Misericórdia meu Deus a estes grandes pecadores

Estes grandes pecadores agora eu peço também
 Peço que nos deis a glória para todo sempre amém
 Peço que nos deis a glória para todo sempre amém

E Senhor Deus, confesso que pequei Senhor misericórdia

E Senhor Deus
 E Senhor Deus

Pela dor de nossa mãe Maria santíssima
 Senhora Santana, eu vos peço Senhor misericórdia

E Senhor Deus
 E Senhor Deus

Bendito louvado sejas o santíssimo sacramento,
 da puríssima Conceição, da virgem Maria senhora nossa

Concebida sem pecado original amém Jesus
 Concebida sem pecado original amém Jesus

Viva o pão do céu, grande é o sacramento
 Almas contritas
 Deixa a tristeza e louvai Maria
 Deixa a tristeza e louvai Maria

Bendito seja para sempre louvado sejas

Grande é o nome de Jesus, São José e Maria
 Grande é o nome de Jesus, São José e Maria

Eu vos adoro meu sacramento
 Eu vos adoro meu sacramento

Daí-me Senhor a Vossa graça do seu alimento
 Daí-me Senhor a Vossa graça do seu alimento

Os anjos desceram do céu para incensar o Senhor
 Os anjos desceram do céu para incensar o Senhor

Cantamo-nos e louvamos em louvor do Senhor
 Cantamo-nos e louvamos em louvor do Senhor

Pai é de Deus amém, filho é de Deus amém
 Espírito Santo é de Deus amém
 Espírito Santo é de Deus amém

Amém, Amém

Nós já rezemos já cantemos e já louvemos

Agora vamos fazer o sinal da cruz

Nas horas de Deus, nas horas de Deus, nas horas para sempre

Amém Jesus

Nas horas de Deus, nas horas de Deus, nas horas para sempre

Amém Jesus